



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**JACKSON CÍCERO FRANÇA BARBOSA**

**PERCURSO FUNCIONAL DA MODALIZAÇÃO EM  
ARTIGOS CIENTÍFICOS**

**JOÃO PESSOA – PB  
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JACKSON CÍCERO FRANÇA BARBOSA

**PERCURSO FUNCIONAL DA MODALIZAÇÃO EM ARTIGOS  
CIENTÍFICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em linguística.

Área de Concentração: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
Linha de Pesquisa: DIVERSIDADE E MUDANÇA LINGUÍSTICA  
Orientador: CAMILO ROSA SILVA

JOÃO PESSOA – PB  
2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

B238p Barbosa, Jackson Cicero França.  
PERCURSO FUNCIONAL DA MODALIZAÇÃO EM ARTIGOS  
CIENTÍFICOS / Jackson Cicero França Barbosa. - João  
Pessoa, 2018.  
118 f. : il.

Orientação: CAMILO ROSA SILVA SILVA.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Perífrases Verbais. 2. Modalização. 3. Artigo  
Científico. 4. Funcionalismo. I. SILVA, CAMILO ROSA  
SILVA. II. Título.

UFPB/BC

JACKSON CÍCERO FRANÇA BARBOSA

**PERCURSO FUNCIONAL DA MODALIZAÇÃO EM ARTIGOS  
CIENTÍFICOS**

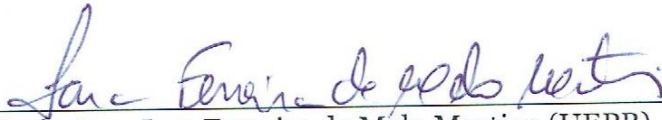
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em linguística.

Aprovado em 15/02/2018.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Camilo Rosa Silva (PROLING/UFPB)  
Orientador



Prof. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins (UEPB)  
Examinadora Externa



Prof. Dr. Pedro de Farias Francelino (PROLING/UFPB)  
Examinador Interno

Dedico a Glória e a Irací:

*as duas mulheres mais importantes da minha vida!*

## AGRADECIMENTOS

*Cada palavra uma folha  
no lugar certo.  
Uma flor de vez em quando  
no ramo aberto.  
Um pássaro parecia  
pousado e perto.  
Mas não: que ia e vinha o verso  
pelo universo.*

Cecília Meireles. In: *Metal Rosicler*.

Nas memórias da infância, a poesia de Cecília Meireles marca minha entronização na vida linguística (literária). A descoberta mágica que se transfigurava além do que a codificação fonológica das letras me proporcionava: era meu primeiro exercício de discernimento.

“Ou isto, ou aquilo” representa minha primeira desilusão amorosa: eu não podia tê-lo comigo da escola. Eu amava tanto aquele livro que o queria tanto... Eu pedi à Dona Zélia – secretária da minha escola primária – para passar alguns dias com ele. Antes disso, ensaiei uma cara de necessidade, uma espécie de dengo, candura... algo que impossibilitasse o recebimento do mais que provável “não”. Para meu desgosto, ele veio. Ele veio para que eu sentisse mais vontade de ter comigo aquele livro encantado. Cheio de palavrinhas ordenadas que me faziam um menino feliz.

Aquele preci(o)so “não” despertou, em mim, uma vontade sustentada na seguinte questão: será que outros livros me farão feliz? A cada três dias, limite da minha curatela com os escritos, eu sentia a felicidade gradativa e a vindoura, ao passo que o próximo (livro) pudesse ser lido. Vanuza Braz, minha primeira professora, sorria a cada escolha, a cada livro, a cada cuidado... E sentia minha tristeza no momento da devolução.

Com esse registro mnemônico, eu inicio minhas letras de gratidão. Agradeço, assim, aos meus primeiros educadores, que me incentivaram - mesmo com um não (mesclado de doçura instrutiva) – a buscar novos horizontes.

*Quem sobe nos ares, não fica no chão,  
quem fica no chão, não sobe nos ares.*

Cecília Meireles. *Ou isto, ou aquilo*.

Em toda educação básica o amor pela língua portuguesa só crescia... Sou, por isso, grato às professoras: Sônia, Celia Mota, Eliete Guerra, Candice Nogueira. A forma como estas senhoras conduziam as aulas de língua me fez querer fazer como elas, com maestria, simplicidade e precisão no sentido de despertar aprendizagem nos alunos.

Na universidade, no curso de Letras, conheci os meus melhores super-heróis docentes. Agradeço às queridas Sandra Sueli Carvalho Bezerra, Maria

Angélica Oliveira, Maria Augusta Reinaldo e Luciene Patriota, que me fizeram “sair do chão e conquistar os ares”.

*Evidentemente sou um sujeito feliz. Hem? Feliz e imóvel. Se alguém comprimisse ali o botão do comutador, eu veria no espelho uma cara sossegada, a mesma que vejo todos os dias, inexpressiva, indiferente, um sorriso idiota pregado nos beijos.*

Graciliano Ramos. *Insônia*.

Noites mal dormidas sinonimizam-se com as atividades do curso de Letras. Mas eu nunca estive sozinho. Clima noturno, lamparinas (ou luminárias, para não ser tão anacrônico) acesas. Canetas. Canetas sim, porque a gente ainda fazia trabalhos manuscritos. A gente, meus amados irmãos que se transformaram amigos e que lutam e vibram junto, até hoje, a vitória da gente. A Mateus Oliveira, Raniere Marques, Jonas Leite, Ana Paula Castro, Amanda Samira e Tássia Tavares, todo meu carinho e toda minha gratidão.

Escolhi esse excerto do livro de contos “Insônia”, do Graciliano Ramos, porque acho que ele representa tudo o que há de mais humano nas pessoas: as amizades (Como a de Luciana e Minsk, por exemplo), as vulnerabilidades humanas, ciúmes, causos verossímeis do cotidiano... Vejo como a metáfora do retrato da contemporaneidade. Claro que não sou nenhum especialista, trato como mera interpretação, mera e vil perspectiva... Ah, Já que falei em Leitura literária, porque não agradecer às lições ofertadas pelos grandes José Mario e Antônio Moraes?!

Mesmo dada à imobilidade conferida à transmutação do reflexo no espelho da vida, eu me sinto feliz. Feliz por ter chegado até aqui. “Eu penei, mas aqui cheguei”, como cantava o Luiz Gonzaga. Sem o incentivo de minha mãe, e sem as reclamações de saudades dos meus sobrinhos, eu não estaria hoje, defendendo um título tão sonhado, o de mestre em linguística. Minha família, não tenho palavras para agradecer!

*É preciso estudar volapuque,  
é preciso estar sempre bêbado,  
é preciso ler Baudelaire,  
é preciso colher as flores  
de que rezam velhos autores.*

Drummond. *Poema da necessidade*.

As “necessidades” compõem os “sentimentos do mundo”. A antologia mais linda do poeta (no meu ponto de vista [sorrisos]). Continuar sempre foi necessário. A pós-graduação surge nesse íterim. A grande incentivadora foi minha orientadora-amiga Marli Hermengilda Pereira, que sempre acreditou que eu seria capaz. Mas no meio do caminho tinha uma... Rosa! Se o Camilo, que também é Rosa, não tivesse acreditado e confiado em mim, a realização desse sonho não seria possível. Sou muito grato a estas duas pessoas. Meus anjos linguísticos (tomara que seja esta não considerada uma metáfora esdrúxula).

Agradeço também às professoras Regina Celi e Beliza Áurea e, também, ao professor Márcio Leitão. Sinto-me lisonjeado por ter aprendido coisas incríveis a partir de suas contribuições.

Seria justo agradecer a quem sempre está conosco, nos aperreios diários da pós-graduação. Assim, exponho minha gratidão aos queridos Andréia Escarião, Fabianne Ramos, Luanna Vaz, Caroline Sandrise, Livia Teixeira, Henrique Miguel e Kamila Nogueira.

Aos queridos colegas do Grupo de Investigações Funcionalistas (GIF), meus queridos Macélio Macedo, Raíssa Gonçalves, professora Maria José, professora Noelma Santos, professora Marta Anaísa e professora Josefa Jacinto.

*Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...*

Olavo Bilac. *Via láctea*.

Às minhas mais preciosas estrelas, exponho meus próximos agradecimentos. Aos amigos que a vida me deu: Sandro Marques, Diniz Meira, Isaac Leite, Diógenes Maciel, Ricardo Soares, Suellen Ribeiro, Guilherme Queiroz, Bruno Maiorquino, Johnny Martins, Larissa Sousa, Tiago Araújo, Raimundo César e Francicleide Liberato.

*O mundo é grande e cabe  
nesta janela sobre o mar.*

Drummond. *O mundo é grande*.

Termino as minhas “gratas memórias” com a recordação mais pura e avassaladora que os estudos linguísticos me proporcionaram: o dia em que fui recebido no PEUL/UFRJ pela professora Maria da Conceição Paiva... Eu achava que ia parar de respirar... meu coração acelerava inúmeras vezes... E eu fui bem recebido, afagado e incentivado. Obrigado, professora, pelas palavras direcionadoras mais importantes da minha vida!

Ao colega de grupo de pesquisa ELMEP, Gabriel Limprice, pelas inúmeras trocas e debates a respeito do *corpus* desta pesquisa. Ah, falando em *corpus*, mais uma vez agradeço à professora Marli Hermenegilda Pereira (UFRRJ), líder do referido grupo, pela disponibilização dos *corpora* para constituição dos dados da minha pesquisa.

Aos professores Iara Martins e Pedro Francelino, pelas importantes contribuições no exame de qualificação. Também, por se mostrarem disponíveis à apreciação desta nova versão.

À coordenação, professores e funcionários do PROLING/UFPB.

À CAPES, pela resistência e por ainda estar presente na vida de pós-graduandos, sobretudo através dos incentivos e de fornecimentos de bolsas.

BARBOSA, Jackson C. F. *Percurso funcional da modalização em artigos científicos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. João Pessoa: UFPB, 2018.

Essa pesquisa, assim como os postulados do funcionalismo linguístico, verifica a língua em sua função de serviço à comunicação, observando as motivações que exercem influências sobre as estruturas linguísticas. Nesse campo de observação, investigamos o fenômeno da modalização, numa trajetória que parte da consideração deste fenômeno como uma categoria semântico-pragmática relacionada à forma de envolvimento do enunciador com o que é dito, ou com os estados de coisas descritos (LYONS, 1977; NARROG, 2012; PALMER, 1986, 2001), até a concepção, do ponto de vista funcional, de que trata-se de uma “gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes” (OLIVEIRA, 2003, p. 245). Investigamos a modalidade na escrita de artigos científicos publicados em anais de eventos acadêmicos, traçando um percurso dos mecanismos linguísticos que expressam a modalização no gênero em relevo, objetivando verificar se eles constituem estratégias discursivas distintas de argumentação, à luz dos pressupostos funcionalistas. O *corpus* é constituído com amostras de dez artigos da área de pedagogia e dez de engenharia. Por acreditarmos que este é vinculado ao discurso acadêmico, nossa pesquisa também investiga mecanismos de persuasão conferidos pelo recurso das modalidades, partindo da hipótese de que estas (e os modalizadores que as expressam) têm profícuo uso argumentativo na construção do gênero artigo científico, contribuindo para o convencimento e persuasão do leitor do texto quanto às ideias expostas. O marco teórico que nos impulsionou a realizar reflexões ancora-se nos estudos de Givón (1979, 1983, 1984), Croft (1990, 2001), Hopper e Traugott (1991), Neves (1994, 2004, 2011, 2013), Gonçalves (2007), entre outros. Identificamos que algumas estruturas se especializam em alguns casos de modalidade a despeito de continuarem exercendo suas funções primárias. Atestamos, com base no que os dados revelam, que há regularidade de uso da modalidade epistêmica. Ao propor sua análise, na parte do desenvolvimento da superestrutura do artigo científico, a intenção do autor é comprovar a veracidade de sua pesquisa, e assim reveste-se de autoridade. Para tanto, utiliza da certeza em grande porcentagem, e ao mesmo tempo, em uma atitude estratégica, deixa transparecer a dúvida, por meio dos advérbios modalizadores e das modalidades epistêmicas de certeza combinadas às aléticas de possibilidade, a fim de ganhar a adesão do leitor em relação àquilo que diz.

**Palavras-chave:** funcionalismo. gramaticalização. modalização. artigo científico.

BARBOSA, Jackson C. F. *Modality's functional route in scientific articles*. MSc. Dissertation. Programa de Pós-graduação em Linguística. João Pessoa: UFPB, 2018.

This research, as well as the postulates of linguistic functionalism, verifies the language in its function to aid communication, observing the motivations that exert influence on the linguistic structures. In this field of observation, we investigate the phenomenon of modalization, in a trajectory that starts from the consideration of this phenomenon as a semantic-pragmatic category related to the way the enunciator is involved with what is said, or with the states of things described (LYONS, 1977; NARROG, 2012; PALMER, 1986, 2001), to the conception, from the functional point of view, of a "grammaticalization of the attitudes and opinions of the speakers" (OLIVEIRA, 2003, p. 245). We investigate the modality in the writing of scientific articles published in annals of academic events, tracing a course of the linguistic mechanisms that express the modalization in this specific genre, aiming to verify if they constitute distinct discursive strategies of argumentation, in light of the functionalist assumptions. The corpus was constituted with samples of ten articles of the areas of pedagogy and ten of engineering. As we believe that this is linked to academic discourse, our research also investigates mechanisms of persuasion conferred by the use of modalities, starting from the hypothesis that these (and the modalizers that express them) have valuable argumentative use in the construction of the scientific article genre, contributing to the convincing and persuasion of the reader of the text regarding the ideas exposed. The theoretical framework that led us to make reflections is anchored in the studies of Givón (1979, 1983, 1984), Croft (1990, 2001), Hopper and Traugott (1991), Neves (1994, 2004, 2011, 2013), Gonçalves (2007), among others. We have identified that some structures specialize in some modality cases despite continuing to perform their primary functions. We attest, based on what the data reveal, that there is regular use of the epistemic modality. In proposing his analysis, in the part of the development of the superstructure of the scientific article, the intention of the author is to prove the veracity of his research, and thus gain authority. To do so, it is used certainty in a large percentage, and at the same time, in a strategic attitude, it leaves the doubt, through the modifying adverbs and the epistemic modalities of certainty combined with the alethic of possibility, in order to gain the adherence of the reader in relation to what it says.

**Keywords:** linguistic functionalism. grammaticalization. modality. scientific articles.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS FUNCIONALISTAS .....</b>	<b>17</b>
2.1. FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO .....	17
2.2. MUDANÇA LINGUÍSTICA .....	20
2.2.1. Mudança por gramaticalização .....	25
2.2.2. Iconicidade .....	29
2.2.3. Unidirecionalidade .....	31
2.2.4. Prototipicidade.....	34
2.2.5. Marcação .....	37
2.3. MODALIZAÇÃO NA PERSPECTIVA FUNCIONAL .....	38
<b>3. ESTUDOS DE MODALIDADE: REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>42</b>
3.1. MODALIZAÇÃO NOS COMPÊNDIOS GRAMÁTICAIS .....	42
3.1.1. Gramática Houaiss da língua portuguesa .....	42
3.1.2. Gramática pedagógica do português brasileiro .....	43
3.1.3. Gramática de usos do português .....	44
3.2. MODALIZAÇÃO E OS ESTUDOS SOBRE TEXTO .....	49
3.2.1. Indicadores modais ou índices de modalidade .....	49
3.2.2. Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil .....	50
3.2.3. Modalização nos artigos científicos da área de linguística .....	52
3.3. MODALIZAÇÃO PARA O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO .....	53
3.3.1. Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo .....	49
3.4. MODALIZAÇÃO EM TERMOS FUNCIONAIS .....	53
3.4.1. Imprimir marcas do discurso no enunciado. Ou: A modalização na linguagem .....	56
3.4.2. Modality.....	57
3.4.3. Tempo, aspecto e modalidade: estudos de linguística portuguesa.....	58
3.4.4. Advérbios modalizadores.....	59
3.4.5. Construções modais com ter: gramaticalização e variação .....	60
3.4.6. Gênero textual na metodologia de pesquisa em gramaticalização .....	61

3.4.7. Argumentação em redações escolares: Análise de elementos modalizadores e avaliativos na perspectiva sistêmico-funcional.....	62
3.4.8. Modalidade epistêmica e evidencialidade: um exercício de análise funcionalista em textos acadêmicos e em entrevistas com pesquisadores.....	64
3.4.9. A categoria modalidade e a (in)determinação de fronteiras .....	65
3.4.10. A modalidade epistêmica nos discursos políticos .....	67
<b>4. CONDUÇÃO DA PESQUISA SOBRE MODALIZAÇÃO.....</b>	<b>68</b>
4.1. PERCURSO METODOLÓGICO .....	68
4.1.1. Preparando a análise .....	71
4.2. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	74
4.2.1. Aléticos de necessidade .....	79
4.2.2. Aléticos de possibilidade.....	80
4.2.3. Aléticos /Epistêmicos.....	81
4.2.4. Epistêmicos de certeza .....	82
4.2.5. Epistêmicos de probabilidade .....	84
4.2.6. Epistêmicos/ deôntico.....	84
4.2.7. Deônticos – dever/permisibilidade .....	85
4.2.8. Deônticos/ aléticos .....	86
<b>5. ASPECTOS FUNCIONAIS SUBJACENTES À NOÇÃO DE MODALIDADE: ANÁLISE .....</b>	<b>87</b>
5.1. DAS RELAÇÕES ICÔNICAS E PROTOTÍPICAS .....	87
5.2. À GUIA DE PRODUTIVIDADE E MARCAÇÃO .....	93
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>111</b>

Nunca dê um nome a um rio:  
Sempre é outro rio a passar.  
Nada jamais continua,  
tudo vai recomeçar!

E sem nenhuma lembrança  
das outras vezes perdidas,  
atiro a rosa do sonho  
nas tuas mãos distraídas...

Mário Quintana. *Das utopias* (fragmento).

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos linguísticos oferecem-nos um aparato teórico-metodológico que nos permite refletir sobre diversificadas questões que permeiam o universo da língua(gem), no âmbito de sua estrutura, uso e de sua relação com a sociedade.

Dentro dessa relação entre língua, sociedade e usos, temos os postulados alçados pela teoria funcionalista - com as contribuições de Givón (1983), Hopper (1991; 1996; 1998; 2003), Hopper e Traugott (2005), Traugott (1980), Heine e Kuteva (2005), entre outros.

Os referidos estudos veem a língua estando sempre a serviço da comunicação, bem como um fenômeno que se encontra em constante transformação, não devendo ser considerada um objeto autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas que exercem grande influência sobre sua estrutura linguística.

Dessa maneira, a corrente linguística em relevo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa em sua completude: o propósito do ato de fala/produção de enunciados, seus participantes e seu contexto discursivo.

Face às concepções descritas, acreditamos que o estudo de uma língua exige que se leve em conta a variedade das funções linguísticas e dos seus modos de realização e, uma vez que consideramos o texto escrito como resultado de realizações factuais, analisamos como se realiza o processo de modalização nas produções de artigos científicos publicados em anais de congressos. Dessa prerrogativa, expomos nosso objeto de estudo.

A modalização, ou modalidade<sup>1</sup>, é tida como uma categoria semântico-pragmática relacionada à forma de envolvimento do enunciador com o que é dito, ou com os estados de coisas descritos (LYONS, 1977; NARROG, 2012; PALMER, 1986, 2001) e, também, do ponto de vista funcional, é tida como a “gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes” (OLIVEIRA, 2003, p. 245).

Nesses termos, este trabalho investiga fenômenos acerca da produção de modalidade na escrita científica, mais especificamente nos artigos publicados em anais de eventos acadêmicos da área de pedagogia e engenharia, com o propósito

---

<sup>1</sup> Modalização e modalidade são termos tratados, em literatura específica (Neves, 2013; Oliveira, 2003), como sinônimos. Aqui, também, os trataremos na mesma perspectiva.

de descrever o comportamento da modalização objetivando identificar recursos linguístico-discursivos mobilizados pelos usuários da língua em contexto de produção do gênero artigo acadêmico.

Serão abordadas, em perspectivas teóricas e metodológicas, as modalidades aléticas, deônticas e epistêmicas, por lidarem, respectivamente, com critérios semântico-enunciativos que relacionam – à medida que a enunciação argumentativa é construída – aspectos de possibilidade e/ou necessidade; relações que envolvem o dever moral e da obrigatoriedade e; por último, as relações de crença do autor com a verdade do que diz e o que pode ser visto como certo ou provável, em um determinado campo do saber (contexto).

Nos breves exemplos a seguir, retirados do *corpus* instituído para essa pesquisa, ilustrando algumas ocorrências de modalização:

a) Alética

- (1) Para esta nova realidade, nem sempre a universidade está preparada, **necessitando** um repensar nas ações. Conforme Hengemühle (2007) estas crises e mudanças exigem uma resposta nova e urgente das Instituições de Ensino Superior, em especial dos professores formadores de novos professores.

(PED\_03)<sup>2</sup>

b) Deôntica

- (2) Este aspecto independe da velocidade média do vento  $V_m$ , pois, no litoral do Ceará, são registrados valores de  $V_m$  superiores àqueles da Inglaterra. Embora isto seja favorável à produção de energia no litoral cearense, **deve-se notar** que a existência de ventos de grande intensidade (rajadas) favorece o conteúdo energético da distribuição.

(ENG\_01)

c) Epistêmica

---

<sup>2</sup> Essa codificação representa área e a ordem do artigo em que o exemplo foi retirado. Por exemplo PED, corresponde à área de Pedagogia e ENG, à Engenharia. Na sequência do código, os números de 01 a 10, correspondem à numeração de identificação do artigo. Assim, PED\_01, significa que o exemplo foi retirado do primeiro artigo lido do *corpus* desta área.

- (3) Para que consigamos realizar essas ideias, criar essa escola ***é fundamental*** o cultivo rigoroso e crítico da leitura, do estudo, do pensamento, da sensibilidade, da imaginação, da autonomia, da liberdade, do direito.

(PED\_02)

A partir de um estudo de cunho funcionalista, verificamos as funções discursivo-pragmáticas que as modalidades exercem nos artigos científicos das áreas investigadas e em que medida essas funções se relacionam com o caráter argumentativo nesse gênero, a partir do que os mecanismos linguísticos provedores dessas modalidades nos oferecem de elementos funcionais para nossas análises.

Como o *corpus* está vinculado ao discurso<sup>3</sup> científico, nossa pesquisa também investiga mecanismos de persuasão conferidos pelo recurso das modalidades, partindo da hipótese de que estas (e os modalizadores que as expressam) têm um uso argumentativo na construção do gênero artigo científico, contribuindo para o convencimento e persuasão do leitor do texto quanto às ideias expostas.

Acreditamos, também, que cada área de conhecimento apresente especificidades de usos em relação à mobilização de modalidades, como também em relação aos mecanismos linguísticos usados na elaboração de suas exposições argumentativas.

Por conseguinte, se o propósito comunicativo é o fator que molda o gênero (SWALES, 1990), determinando sua estrutura interna e impondo limites quanto às possibilidades de ocorrências linguísticas e retóricas, consideramos, pois, que o artigo científico é o *locus* capaz de abrigar todas as realizações discursivas investigadas nesta pesquisa.

Consideramos, também, que determinado gênero textual<sup>4</sup> traz consigo uma infinidade de usos linguísticos passíveis de análise, principalmente porque

---

<sup>3</sup> Nossa concepção de discurso é baseada nos postulados de Du Bois (2003) por acreditarmos válida a compreensão de que se trata de um evento de construção e troca intersubjetiva de sentidos, onde ainda se incluem estratégias sociopragmáticas orientadas de sua configuração em uma situação intercomunicativa.

<sup>4</sup> Tratamos os gêneros textuais, ou mesmo gêneros de textos, como “produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas [...]” (BRONCKART, 2012, p. 137).

não há um critério rigoroso em relação à sua elaboração e não são realizadas, de forma obrigatória, revisões pautadas no padrão formal da língua.

Ao traçar, nesse contexto, um percurso funcional dos mecanismos linguísticos que expressam a modalização no gênero artigo científico acadêmico, de anais de eventos de áreas distintas, objetivamos verificar se eles constituem diferenciadas estratégias discursivas de argumentação, à luz dos pressupostos funcionalistas.

Especificamente, buscaremos atestar a recorrência de modalidades em contextos monitorados de escrita de artigos científicos de anais de eventos; identificar, no discurso escrito, mecanismos de expressão da modalidade, alética, deôntica e epistêmica – esta última como fenômeno funcional mais profícuo da constituição do *corpus* – aferidos por diversos mecanismos linguísticos, visando a compreender seus condicionamentos contextuais e seus propósitos comunicativos; também, analisar o processo de gramaticalização das construções modais com o verbo *poder* nas estratégias discursivas utilizadas na composição escrita do *corpus*.

Em se tratando de Metodologia, a pesquisa realizada foi operacionalizada, nos termos de Gil (2008), em relação a seus objetivos, como de natureza descritiva: uma vez que esta descreve um fenômeno – linguístico – através de observação sistemática. Ainda, quanto aos procedimentos técnicos, a caracterizamos como Documental.

Ressaltamos, também, que esta pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo, e sua realização focaliza os aspectos linguísticos, discursivos e sociais do gênero artigo acadêmico.

A amostra é composta de vinte (20) artigos acadêmicos, extraídos de anais de eventos científicos, publicados a partir de 2009, e são representativos das áreas de Pedagogia e Engenharia<sup>5</sup>.

Investigamos, a partir dessa premissa, os recursos de modalidade, verificando as ocorrências mais frequentes no gênero selecionado e suas funções

---

<sup>5</sup>O *corpus* do qual recortamos a amostra foi coletado por pesquisadores e alunos participantes do antigo grupo de pesquisa ESAELP (Estudos Sociolinguísticos Aplicados ao Ensino de Língua Portuguesa), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde fizemos parte, à época, na condição de aluno da graduação. Hoje esse grupo ainda pesquisa os mesmos interesses linguísticos, mas sob o nome de ELMEP (Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Português), do qual participamos na condição de pesquisador.

pragmáticas e comunicativas, a partir das categorias de modalidade elaboradas por Travaglia (1991), Oliveira (2003) e Neves (2013).

A estrutura deste trabalho está organizada em capítulos, incluindo esta introdução. No primeiro, discorremos sobre os fundamentos que compõem a teoria funcionalista, partindo do conceito de gramaticalização até chegar ao de modalidades, de acordo com a perspectiva teórica em tela.

No segundo capítulo, apresentamos algumas pesquisas que se debruçaram sobre este tema, a fim de promover um diálogo sobre os percursos teórico-metodológicos elaborados nestas com os da nossa pesquisa.

O terceiro capítulo contempla a metodologia utilizada para esta investigação, bem como o tratamento dos dados, a análise e a discussão dos resultados.

Por fim, tecemos as considerações finais, apresentando conclusões acerca do fenômeno investigado neste trabalho, esperando que este possa contribuir para uma melhor descrição e compreensão do fenômeno da modalidade.

## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS FUNCIONALISTAS**

### **2.1. FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO**

As línguas são manifestações humanas que, no decorrer dos tempos, sofrem modificações, acarretando em seus processos de evolução, diversificados usos oriundos das relações interpessoais, considerando, também, os potenciais textos (co)produzidos nesses contextos nos quais a comunicação é o fator propulsor de sistematização linguística.

A partir das relações interacionais entre usuários-falantes, muitos pesquisadores (CROFT, 1990, 2001; DU BOIS, 2003; GIVÓN, 1984; HOPPER, 1996, entre outros) se propõem a compreender e descrever o funcionamento da língua, examinando as produções em contextos reais de uso.

A Linguística Funcional acolhe a possibilidade da não estaticidade da gramática, descartando concebê-la como acabada, imutável, uma vez que esta se ajusta continuamente mediante pressões internas e externas ao sistema linguístico.

As observações de Furtado da Cunha (2012), ao citar Halliday como defensor de uma teoria não apenas extrínseca, mas também intrínseca das funções da linguagem, são contribuições relevantes para a abordagem que propomos nesta pesquisa. Aqui compartilhamos a noção de multiplicidade funcional a que esses autores aludem, defendendo que ela se reflete na organização interna da língua, ficando a serviço das variadas necessidades a que esta serve.

Para Neves (2013, p. 15), o funcionalismo é uma “teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que tal corrente teórica se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão”.

A autora, como outros estudiosos ligados à área (PAIVA & DUARTE, 2003; GONÇALVES & CARVALHO, 2007; MARTELOTTA, 2011; entre outros), mesmo preterindo as abordagens formalistas, não abandonam a noção de “unidades estruturais da língua”, considerando que estas podem sofrer alterações determinadas por vários fatores que não se ambientam no aspecto de imanência, sofrendo pressões exteriores em suas análises.

Diante disso, tratamos, nesta pesquisa, de uma corrente linguística que se debruça sobre a formação e transformação de estruturas gramaticais a partir de contextos comunicacionais. A linguagem, nesse propósito, é tida como objeto de interação, ou seja, o aspecto social está incutido nas reflexões que priorizam a relação entre língua e sociedade. (FURTADO DA CUNHA, 2012)

Primeiras ventilações às reflexões de cunho funcionalista são provenientes do Círculo Linguístico de Praga, em 1929. Segundo Kenedy e Martelotta (2015), Franz Boas não influenciou apenas o descritivismo, principal vertente linguística dos EUA, mas também a tradição etnolinguística de Sapir e Worf, assim como os trabalhos de Bolinger, Kuno, Del Himes, Labov e muitos outros etno-sociolinguistas. Neves (2004) defende que a aproximação do funcionalismo à escola de Praga deve-se por esta preocupar-se com a função como centro condutor de reflexão, não a entendendo, apenas, como entidade sintática, mas a partir de sua união com os elementos estrutural (sistêmico) e funcional.

Ainda, tal ligação pode ser considerada pela crença de dinamismo da linguagem, “pela qual as relações entre estrutura e função são vistas como instáveis, dada a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem” (GEBRUERS, 1987, p. 129).

Dessa forma, as investigações de base funcionalista verificam as relações entre discurso e gramática. De acordo com Neves (2013), o discurso conforma a gramática, mas principalmente, ele não é encontrável despido da gramática, constituindo um esquema que também envolve a pragmática:

[...] a pragmática deixa de entrar como simples perspectiva para integrar uma gramática regulada por funções da linguagem, entendido que os componentes fundamentais do significado são os componentes funcionais. Ficam abrigadas na teoria as relações naturais entre discurso e gramática, tudo a partir da noção de que a produção do enunciado resulta da complicada troca que é a interação linguística. (NEVES, 2013 p. 20).

Ao elencar pressupostos de investigação funcionalista, Neves (2013) fala sobre as relações entre discurso e gramática chamando a atenção para a intrínseca relação entre ambos, pois para ela o discurso conforma à gramática e o primeiro não se estabelece sem o uso da segunda. Destacam-se aqui, em consonância com a autora, os fluxos de informação e de atenção, primeiramente,

porque o discurso sempre aborda uma informação que flui guiada pelo falante e que por meio da atenção comporta a informação a ser apresentada. Assim, esses conceitos defendidos reafirmam o discurso efetivado na interação social, indicando que no cerne dessas relações está o desenvolvimento da linguagem.

A perspectiva funcional, aqui adotada, ainda crê que questões ligadas à significação não se restringem à decodificação de símbolos e dados de um mundo real independente, mas, de acordo com Martelotta e Kenedy (2015), no fato de que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, o que implica a noção de que os conceitos decorrem de padrões criados culturalmente. Conhecemos, pois, tal prerrogativa como Linguística Cognitiva, a qual, nos termos de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 14), é uma área que

Vê o comportamento linguístico como reflexo das capacidades cognitivas que dizem respeito aos princípios de categorização, à organização conceptual, aos aspectos ligados ao processamento linguístico e, sobretudo, à experiência humana no contexto de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais.

Com base no exposto, os autores defendem que itens/construções são concebidos como esquemas cognitivos que o usuário adquire à medida que aprende a usar a língua.

Dessa maneira, o Funcionalismo é uma teoria ligada, acima de tudo, aos fins que servem às unidades linguísticas, ou seja, a função desempenhada pela língua em meio aos falantes e como estes intervêm de forma ativa a construir expressões que renovam a língua e seu uso, atendendo aos seus propósitos comunicacionais. (NEVES, 2013; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA, 2011, entre outros)

Apontamos, nas seções a seguir, as concepções de língua e de gramática, subjacentes ao que propomos como pressupostos dentro da teoria que fundamenta nossa pesquisa.

## 2.2. MUDANÇA LINGUÍSTICA

Martelotta (2011) analisa a natureza dinâmica das línguas, a partir de reflexões que veem seu funcionamento, em eventos de interação nos quais a comunicação é um fator responsável pela dinâmica inerente à mutabilidade dos sistemas linguísticos.

O sistema linguístico, sob uma perspectiva holística, está atrelado à ideia de gramática como elemento procedural: delimita normas, organiza um padrão, se reveste como tradição. Geralmente se acrescentam, ainda, à acepção de língua-gramática, outras características originadas de uma influência estrutural: de homogeneidade, arbitrariedade, autonomia, estaticidade e regularidade, dentre outras.

Abordagens mais atuais sustentam fatores atrelados à dinamicidade das línguas, como dito anteriormente, reconhecendo que os sistemas correntemente mudam, a partir de elementos externos ligados intimamente a razões cognitivas; nessa concepção, estruturas assumem novos papéis na empreitada sintático-organizacional da língua, e até mesmo se recriam e se especializam, reanalisam... Tudo isso a partir de escolhas linguísticas nos usos interativos dentro de um determinado tempo.

A mudança linguística, e o que dela se entende, não se revela dentro de um construto recente. Desde as primeiras reflexões sobre sistema e estrutura das línguas, esse processo se apresenta em diversificadas abordagens. Saussure já previa que esse aspecto deveria ser considerando:

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. [...] A intervenção da História apenas lhe falsearia o julgamento. (SAUSSURE, 2012, p. 123)

A diferença, em se tratando de análise (nesse excerto), é que diacronia e sincronia, necessariamente, não seriam elementos intercambiáveis, mas, por critérios de imanência, suficientemente completos para atender demandas de investigação metodológica. A análise pancrônica é timidamente válida. Todavia, possibilitados pela leitura do “Curso”, percebemos que a mudança linguística é contemplada “conforme o arbítrio dos interessados”. (SAUSSURE, 2012, p. 118)

Para Lucchesi (2004, p. 54), em se tratando de mudança, é importante verificar o conceito de estaticidade dentro das reflexões estruturalistas, uma vez que

o estabelecimento da noção de estado da língua – ou projeção sincrônica – constitui uma operação crucial na construção de língua como um sistema homogêneo e unitário, porque toda a

dinamicidade inerente à relação entre língua e sociedade se efetiva através do tempo, na dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico, através do binômio *variação e mudança*.

Nesse viés, a variação constitui a atualização a cada momento dos processos de mudanças possíveis na língua, enquanto a mudança constitui uma resultante dos processos de variação linguística. (LUCCHESI, 2004)

Nessa linha de raciocínio, se sustentam os postulados da Sociolinguística Variacional: um avanço nos estudos de língua, mas que contempla, geralmente, pluralidade de estruturas linguísticas que competem dentro de um mesmo sistema linguístico, como é colocado por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 18), a respeito do processo em relevo ser abordado na mencionada corrente linguística:

usando o Idioleto como objeto, a mudança linguística será entendida como mudança no interior do idioleto, seja por processos espontâneos (de dentro pra fora), seja por adoção seletiva pelo indivíduo de traços de idioletos de seus interlocutores.

No exposto, os autores levantam um termo caro à Sociolinguística (idioleto) e o colocam como objeto de investigação linguística, definindo a língua como objeto inerentemente psicológico.

Em relação ao desenvolvimento “histórico” de uma língua, as abordagens pós-estruturalistas rompem com a ideia de sua representação a partir de uma sucessão de sistemas discretos, unitários, homogêneos e autônomos. Desse modo, passam a considerar um contínuo processo de variação e mudança dentro do sistema, agora encarado como heterogêneo, julgando contexto sócio-histórico e cultural da comunidade de fala como elemento importante. Segundo Lucchesi (2004, p.181):

supera-se, assim, a dicotomia sincronia e diacronia, no sentido que esta havia adquirido no estruturalismo, pois a análise sincrônica da língua, fora do devir histórico, não encontra mais fundamentação empírica. Em todo momento em que se considere a língua no presente, o sistema linguístico deve ser concebido como um sistema de regras e unidades variáveis, como a atualização do contínuo processo de variação e mudança que se opera ao nível da estrutura linguística.

Nessa perspectiva, existe a defesa de que as línguas naturais apresentam um dinamismo inerente, o que vale dizer que elas são heterogêneas por natureza. Não é raro encontrar mais de uma forma equivalendo a um mesmo significado, em termos funcionais, em competição, ao nível do vocabulário, da morfossintaxe e/ou da fonético-fonologia de uma língua. (MOLLICA; BRAGA, 2008)

Nesse diapasão, a mudança está atrelada à noção de variação e, embora esta última seja reconhecida pelos pesquisadores da linguagem há alguns séculos, somente a partir da década de 70 é que ela começa a ser estudada de forma sistemática pela Sociolinguística Variacionista a partir dos trabalhos de William Labov (1975). Nos termos de Mollica e Braga (2008, p. 9-10):

A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistematicamente e estatisticamente.

Em outras palavras, o pressuposto básico do estudo da variação e uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, isto é, governada por um conjunto de regras. Regras que se enquadram, ainda, numa perspectiva sistemática, estrutural, destacando-se pela inserção de outros aspectos, no interior dos sistemas linguísticos, que refutam a precisão unívoca da homogeneidade.

Ao enfatizar a heterogeneidade das línguas, o modelo variacionista rompe com pressupostos clássicos da Linguística, instaurados a partir de Saussure, tais como o de identificação entre sistema e homogeneidade e estrutura e estudo sincrônico.

Os parâmetros contextualizadores da variação e/ou mudança constituem um complexo estrutural de origens e níveis diversos. Há variáveis internas e externas à língua. No primeiro tipo, podemos arrolar os fatores fonomorfofossintáticos, os discursivos e os lexicais. Esses condicionamentos levam em conta o nível do significado e do significante, bem como os diversos subsistemas da língua.

Quanto à noção de mudança, também são considerados aspectos ligados à fluidez de categorias gramaticais, considerando os critérios semânticos e pragmáticos nas reflexões sintáticas. O discurso é um dos pontos importantes nesse contexto, fazendo com que a noção de mudança ganhe um *status* funcional.

Os aspectos sincrônicos e diacrônicos, como mencionados acima, são critérios que propiciam o evento que trataremos na seção subsequente, chamado de gramaticalização, nos termos de Hopper e Traugott (2005). Na análise sincrônica, o processo em relevo se legitima quando se verifica a trajetória por meio da qual um item lexical, em determinados contextos, torna-se gramatical, observando as origens das formas gramaticais e *cline* das mudanças que as afetam.

Em relação à análise diacrônica, o fenômeno sintático é colocado em destaque, a partir de um molde discursivo-pragmático, visto que envolve padrões fluidos de uso linguístico. Nessa perspectiva, Barros (2012) aponta para as evidências acumuladas em diferentes estudos (como em KUTEVA, 2001) que ressaltam a importância de uma visão pancrônica, para que seja viabilizada uma maior generalização acerca das mudanças por gramaticalização.

A acepção de pancronia a que recorrem muitos estudiosos (COSERIU, 1967; LABOV, 1995; FURTADO DA CUNHA et al., 1999; FERREIRA et al., 2000; entre outros), como prevista por Saussure (2012, p. 111), diz respeito à consideração de aspectos contínuos na análise gramatical, em que as ocorrências diacrônicas correspondem a um conjunto de sincronias que não são olhadas discretamente, tanto como isoladas, estanques.

Vicente (2009, p. 25) ressalta que, nessa perspectiva, “há possibilidade de utilizar o recurso de estudar obras sincrônicas e inferir, no conjunto, uma regularidade pancrônica. É o que normalmente se faz com obras lexicográficas representativas de variadas sincronias”.

Para Martelotta (2014, p. 36) acreditar nesta noção é “possível já que aceitamos o fato de que se produzem transformações fonéticas regulares, por exemplo, podemos admitir que esse fenômeno se apresenta como um aspecto constante da linguagem, ou seja, uma de suas leis”.

Na perspectiva da corrente denominada Linguística Funcional Baseada no Uso, o aspecto correspondente à concepção de mudança linguística se instaura a partir do reconhecimento do dinamismo conferido ao sistema linguístico,

deixando de lado acepções que se restringem às noções de autonomia, heterogeneidade e imutabilidade, para conferir *status* às que caracterizam as línguas como dinâmicas, icônicas, motivadas e em constante transformação.

É importante, nessa abordagem, focalizarmos o componente criativo da linguagem humana, indicando o papel primordial, no desenvolvimento e no uso da linguagem, desempenhados por determinados processos mentais que são inerentes à nossa espécie (MARTELOTTA, 2014). Constatamos essa relação quando o autor levanta um diálogo entre sociolinguística e mudança, apresentando conceitos pertinentes ao campo, situando a questão da variação e sua familiaridade com o fenômeno da mudança e assemelhação com a gramaticalização.

Quando fala em Linguística Centrada no Uso e mudança, Martelotta (2014) lança conceitos sobre como esta área se revela, enfatizando o fator interativo-conversacional, a habilidade linguística dos indivíduos e os momentos de uso/interação.

O papel da cognição é também colocado, refletindo uma “preocupação com os processos de gramaticalização e com a relação entre esse fenômeno e o desenvolvimento das construções gramaticais, que refletem as regularidades de uma língua” (MARTELOTTA, 2014, p. 73). Disso, surgem questões como a noção de regularidade da mudança, a teoria da inferência sugerida na mudança linguística e algumas considerações sobre a noção de construção gramatical.

Martelotta (2011, p. 32) assegura que a mudança é “um fator inerente às línguas naturais que se desenvolvem para veicular a comunicação entre os seres humanos”. Com base nesses pontos, suas reflexões tornam evidentes processos naturais relacionados ao dinamismo dos sistemas linguísticos, considerando a perspectiva acerca das trilhas teórico-metodológicas relativas ao processo de mudança por gramaticalização, como trataremos a seguir.

### **2.2.1. Mudança por gramaticalização**

Como é sabido, as primeiras ventilações que originaram a incorporação do termo gramaticalização, são atribuídas a Meillet, por volta de 1912, quando este

assegurava que havia um “processo gradual de transição entre as classes de palavras”, apontando a “atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo” (PEREIRA, 2005, p. 29).

Pereira (2005) afirma que a noção mais difundida de gramaticalização é a que prevê o desenvolvimento de formas gramaticais a partir de itens lexicais plenos. Diacronicamente, as categorias secundárias (preposição, conjunção, pronome etc.) originaram-se de categorias primárias como substantivos e verbos. Uma extensão dessa definição admite a possibilidade de que formas menos gramaticais evoluam para formas mais gramaticais.

Para Neves (2004, p. 17), “o estudo do processo de gramaticalização encontra abrigo privilegiado no funcionalismo por refletir influência do sistema gramatical do funcionamento discursivo”. A autora estende sua reflexão ao que postula Du Bois (1985), sobre a gramaticalização ser um fator de equilíbrio entre forças em competição, equilíbrio, afinal, que permite a própria existência da gramática.

Martelotta (2011), no estudo em destaque, quando trata sobre gramaticalização e lexicalização, revela que esses fenômenos são específicos da mudança. O autor enfatiza-os como processos graduais distintos, mas que apresentam características semelhantes no que diz respeito à direção natural da mudança que veiculam. Para o primeiro, a definição é sustentada como um “processo de mudança linguística unidirecional”, no qual itens lexicais e construções sintáticas, a depender do contexto, passam a assumir funções gramaticais e quando estão gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. São colocados alguns exemplos para categorizar o processo de gramaticalização através de tópicos como (i) passagem de vocábulo para afixo; (ii) passagem de verbo pleno para auxiliar; (iii) passagem de advérbio para conjunção; (iv) passagem de advérbios de modo para modalizador; (v) passagem de advérbios de modo para marcador discursivo; (vi) fenômenos de mudança consequentes de gramaticalização.

Já a lexicalização realiza-se como um processo contrário do que é verificado na gramaticalização (o item lexical > gramatical), sendo defendida como processo criador de novos itens lexicais, de forma referencial, menos produtivo.

A noção de gramaticalização está atrelada à de constante transformação do sistema linguístico a partir da dinamicidade da gramática e de sua emergência. Nesse sentido, Barros (2012, p. 20) defende que, numa perspectiva funcionalista, o interesse pela mudança decorre do próprio pressuposto de que “as línguas naturais são sistemas flexíveis, heterogêneos, constantemente moldados pelas exigências comunicativas dos usuários e pela forma de organização do discurso”.

Atribuimos aos estudos de gramaticalização o surgimento da noção de gramática emergente, atestada por Hopper (1998), que indica a necessidade de voltar-se para as questões relacionadas ao discurso, pois a partir deste as análises gramaticais são moldadas levando em consideração os componentes funcionais oriundos de usos em momentos de interação.

A noção de Gramática Emergente significa que a estrutura, ou regularidade, vem do discurso e é moldada por ele em um processo contínuo. Nesse sentido, gramática é simplesmente o nome de certas repetições de categorias observadas no discurso. A gramática não é um pré-requisito para o discurso. Suas formas não são fixas e emergem da interação face-a-face, no sentido de que refletem a experiência individual passada que os falantes têm dessas formas, e sua avaliação no contexto atual, incluindo especialmente seus interlocutores, cujas experiências e avaliações podem ser bem diferentes. (HOPPER, 1998, p. 156)<sup>6</sup>

Associada a tal perspectiva, a mudança por gramaticalização, além de ser motivada por aspectos envolvidos na comunicação, portanto funcionais, se dá pela observância do surgimento de novas funções para formas que já existem, ou formas existentes perdem sua unicidade categorial e passam a assumir categorias mais fluidas, ou ainda, formas passam a fixar-se em lugares – na ordenação sintagmática –, que outrora não condiziam com sua característica de constante deslocamento. São estes, apenas, alguns exemplos de como esse fenômeno se manifesta em um sistema linguístico.

---

<sup>6</sup> “The notion of Emergent Grammar is meant to suggest that structure, or regularity, comes out of discourse and is shaped by discourse in an ongoing process. Grammar is, in this view, simply the name for certain categories of observed repetitions in discourse. It is hence not to be understood as a prerequisite for discourse, a prior possession attributable in identical form to both speaker and hearer. Its forms are not fixed templates but emerge out of face-to-face interaction in ways that reflect the individual speakers’ past experience of these forms, and their assessment of the present context, including especially their interlocutors, whose experiences and assessments may be quite different.” (HOPPER, 1998, p. 156).

Assim, Hopper e Traugott (2005, p. 15) conceituam gramaticalização como um “processo pelo qual itens lexicais e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Em outras palavras, o exposto subjaz ao entendimento deste processo ser atrelado a uma concepção de língua como atividade no tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim em constante gramaticalização (GONÇALVES, et. al. 2007)

A noção de língua emergente é herdada dos postulados de Hopper (1991). O autor sugere que novas formas para novas funções estão sempre emergindo. Nesse caso, defende que os processos que levam à gramaticalização não são distintos dos que possibilitam uma mudança semântica. Sendo assim, apresenta ferramentas que auxiliam na aferição dos graus de gramaticalização e fixa estas como importantes critérios e pontos de partida para análises de itens lexicais.

Hopper (1991) propõe cinco princípios que relacionam aspectos sincrônicos e diacrônicos a processos pragmático-discursivos relativos à competência comunicativa, que regem a gramaticalização em sua forma inicial:

- Estratificação (*layering*): Em um domínio funcional amplo, novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas. Essa diversidade decorreria do fato de que, ao surgirem as novas formas funcionais, a substituição das equivalentes preexistentes não é imediata ou pode até mesmo não vir a acontecer, trazendo, como consequência, a interação e a coexistência de “camadas” novas e antigas em um mesmo domínio.
- Divergência: Se superpõe ao princípio anterior e dita que a unidade lexical que dá origem ao processo de gramaticalização pode manter suas propriedades originais, preservando-se como item autônomo e, assim, estar sujeita a quaisquer mudanças inerentes a sua classe, inclusive sofrer um novo processo de gramaticalização.
- Especialização: Tem relação com o estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar uma determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque mais gramaticalizada. Uma consequência, indício, portanto, dessa

especialização, é o aumento na frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização.

- **Persistência:** O princípio da persistência é o que prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas sobre o uso da forma gramaticalizada.
- **Descategorização:** Remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva.

Quando Hopper (1991) constitui uma espécie de “passos empíricos” que possibilitam a identificação de nuances de gramaticalização, é instaurado um guia para aferição dos processos que envolvem o fenômeno em discussão. O autor ressalta que os processos de mudança principiados por seus estudos não se restringem meramente a mudanças gramaticais, mas condizem ao seu empenho, na tentativa de mostrar que os limites entre fenômenos lexicais e gramaticais são muito difusos.

Gonçalves e Carvalho (2007, p. 79) relatam que os princípios propostos por Hopper

acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não à gramática. Em outras palavras, esses princípios não discriminam entre os processos de mudança que resultam em gramaticalização e os que não resultam.

Esses princípios que até aqui foram elencados, geralmente, estão associados a outros processos inerentes à mudança por gramaticalização, não acontecendo de forma abrupta, mas considerando o que se modifica em cada sincronia, em casa uso, em cada frequência, respeitando, ainda, a produtividade aferida por ocasião da modalidade ou gênero em que a forma faz-se presente e descrita.

Ainda nas abordagens de Gonçalves (2002), os fatores que motivam a gramaticalização são, principalmente, de ordem cognitiva – aqueles que levam em consideração os aspectos contextuais, inclusive. Estes estão fortemente vinculados a estratégias de comunicação, nos processos de interação, em que as formas linguísticas são instauradas e submetidas à análise do uso e frequência, entre as quais a conjugação do desejo de ser expressivo com o “princípio da criatividade”.

Nesses termos, os falantes buscam ideais em comum que os façam ser compreendidos, de maneira que tenham fluência e domínio da linguagem utilizada em eventos de comunicação. Estes eventos criam novos instrumentos de comunicação, inovação que, baseada no "princípio da economia", recruta formas antigas para novos propósitos, através da extensão de significados pré-existentes, uma vez que uma forma para cada significado seria disfuncional no sistema. Os principais desencadeadores da relação entre os múltiplos sentidos de uma única forma são os mecanismos cognitivos da metáfora e da metonímia, com o predomínio da primeira. (GONÇALVES, 2002, p. 31).

Mobilizando tais princípios e fenômenos, trataremos, na sequência, sobre a questão da iconicidade, para demarcar as motivações responsáveis pelo desenvolvimento de mudança e transformação dos itens gramaticais.

### **2.2.2. Iconicidade**

De acordo com o que Givón (1984) defende, a iconicidade é uma correlação linguística que considera como fator principal o pareamento entre forma e função, como também entre o código linguístico e seu *designatum*.

Os linguistas funcionalistas defendem a ideia de que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência, ou seja, admitem a relação entre cognição e gramática. Segundo Furtado da Cunha (2013, p. 167), “como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é a de que a estrutura linguística revela o funcionamento da mente, bem como as propriedades da conceitualização humana do mundo”.

Há a compreensão de que na língua existem formas correlatas que se aproximam dos sentidos que elas designam, fazendo com que traços entre forma e função sejam perceptíveis. Estudiosos acreditam ainda que essa correlação, muitas vezes, não é tão visível, fazendo com que a relação entre forma e conteúdo (função) seja, aparentemente, arbitrária (FURTADO DA CUNHA, 2013; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013, p. 22) já que “o significado original do elemento linguístico se perdeu total ou parcialmente, assim como a motivação para sua criação”.

Segundo Givon (1984), este fenômeno se realiza a partir de três subprincípios: i) quantidade; ii) proximidade e; iii) ordenação linear.

- i) O subprincípio da quantidade defende que quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Em outros termos, quanto mais imprevisibilidade da informação e importância na continuidade temática: maior forma. (VOTRE, 1999). Para Furtado da Cunha (2013, p. 168), a atuação desse subprincípio pode ser vista no comprimento maior das palavras derivadas (que tendem a veicular mais informações semânticas e/ou gramaticais) em comparação com as palavras primitivas de que se originam, refletindo na forma a ampliação do seu campo conceitual:  
Ex.: Grande > grandeza > engrandecer > engrandecimento
- ii) O subprincípio da *proximidade* ressalta que os conceitos mais integrados no plano cognitivo, também se apresentam com graus elevados de aderência morfossintática, ou seja, diz respeito à contiguidade estrutural, entre morfemas, constituintes sintagmáticos e, ainda, entre enunciados em um texto (FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013). Para Bybee (1994, p. 11), “elementos que estão semanticamente juntos tendem a vir próximo um dos outros na cláusula”.
- iii) O subprincípio da ordenação linear se caracteriza por dois aspectos básicos: a) a informação mais tópica tende a vir em primeiro lugar; b) a ordem das orações no discurso segue a sequência temporal em que os eventos são conceitualizados. (FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013)

Estes subprincípios auxiliam na compreensão do fator geral que implica o estabelecimento da iconicidade como fenômeno, uma vez que estão emparelhadas, em termos comunicativos, a importância da informação e a quantidade de forma utilizada para expressá-la. (Cf. Martelotta, 2010)

Ao considerarmos que os fenômenos se processam em *continuum*, é importante refletirmos sobre unidirecionalidade como um dos mecanismos possibilitadores para a gramaticalização. A função da próxima seção é justamente abordar esse quesito.

### 2.2.3. Unidirecionalidade

Martelotta (2010, p. 140), ao conceituar a teoria da gramaticalização, defende que esta não seja uma teoria da linguagem nem da mudança, mas “uma teoria do desenvolvimento das formas gramaticais”, tendo seu estudo centrado na descrição do modo como os elementos gramaticais surgem através dos tempos.

Essa noção de mudança através dos tempos é associada ao princípio da Unidirecionalidade. Trata-se de um processo contínuo, no qual a mudança se dá através da passagem de uma categoria +autônoma >+dependente.

Entendendo princípio como um preceito, uma lei geral, determinante da constituição/identificação de um fenômeno, parece que ao processo de gramaticalização só poderia ser atribuído um único e fundamental princípio: **o princípio da unidirecionalidade**, verificável, como hipótese, por meio da atuação dos vários **mecanismos**, partes constitutivas do fenômeno da gramaticalização, que, num sentido "lato", podem também ser entendidos como suas causas ou motivações. Em outras palavras, os mecanismos considerados atuantes num processo de gramaticalização (*bleaching*, reanálise, analogia, "erosão" fonética, gradualidade do processo, aumento de frequência de uso etc), se concluído ou em curso, são regidos pelo princípio da unidirecionalidade, este único e essencial, aqueles variáveis em número e espécie e, portanto, não necessários e nem suficientes para caracterizar um processo de gramaticalização como tal. Assim, necessária se faz a apresentação conjunta dos mecanismos e do princípio que regem a gramaticalização. (GONÇALVES, 2007, p. 37)

Barros (2012) delega à gramaticalização um processual percurso pelo qual expressões de significado concreto (formas-fontes) são usadas em contextos específicos para a expressão de significados gramaticais (formas-alvos). Daí decorre uma das principais premissas associadas aos processos de gramaticalização: a unidirecionalidade da trajetória: léxico > gramática, ou seja,

do [+ concreto > + abstrato] (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 2003), entendida como um processo irreversível, que só pode desenvolver-se da esquerda para a direita. Assume-se, basicamente, que a um estágio A deve seguir-se um estágio B, e não o contrário.

Já Gonçalves (2003, p. 32), para reforçar a compreensão de tal princípio, o relaciona a um bisturi – metaforicamente – “que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário”.

O autor ainda enfatiza que existem pesadas críticas formuladas ao processo de gramaticalização a respeito da noção de unidirecionalidade. Podemos adiantar que uma delas deve-se ao fato de que alguns estudiosos defendam um “caminho inverso” para o processo de mudança. (GONÇALVES, 2003, p. 31)

A unidirecionalidade, como princípio, implica estágios de mudança já citados, compreendidos como fases que caracterizam a mudança do [*lexical*] > [*gramatical*] ou do [*-gramatical*] > [*+gramatical*].

Em seu estudo, Gonçalves (2003, p. 42) apresenta um quadro esquemático de como se resume o processo de gramaticalização, com ênfase nos seus mecanismos atuantes, com foco na unidirecionalidade.

**Quadro 01:** Unidirecionalidade vs. mecanismos de gramaticalização.

<b>Nível</b>	<b>Mudança unidirecional</b>	<b>Processo</b>
Fonologia	mais material fonológico > menos material fonológico	redução fonológica
Morfologia	lexical > gramatical > mais gramatical (forma livre > forma presa)	Recategorização (morfologização)
Sintaxe	menor coesão > maior coesão	Reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	concreto > abstrato	Dessemantização
Pragmática	estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	Sintaticização

**Fonte:** Gonçalves (2003, p. 42).

Pereira (2005, p. 32) defende que esse movimento de um item lexical em direção a uma função gramatical, como insistimos em assegurar, “ocorre de forma gradual e contínua e tem recebido, na literatura especializada, vários rótulos (“*cline*”, “*continuum*”, “*pathway*”, “*channel*”, “*chain*””, o que, de acordo com o que sugerem Hopper e Traugott (1993; 2003), constituem-se como

metáforas para rotular fenômenos gramaticais, e não supostos elementos neurológicos ou outros elementos de capacidade da língua.

Gonçalves (2002) destaca que Hopper e Traugott, na definição da unidirecionalidade, enfatizam a especificidade dos contextos discursivos que propiciam a gramaticalização e que a passagem de um item em sua forma [lexical] > [gramatical] não é direta.

Assim, a escala [item lexical usado em contextos linguísticos específicos] > [sintaxe] > [morfologia] representa que itens lexicais que se tornam gramaticalizados cumprem, primeiramente, funções necessariamente discursivas, tornando-se em seguida fixos sintaticamente e [...], posteriormente, vindo a constituir um morfema. (GONÇALVES, 2007, p. 37)

Nesses termos, Hopper e Traugott (1993, p. 95) defendem uma postulação básica, sobre a existência de “uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não vice-versa”. Para eles, isso é o que se entende por unidirecionalidade”.

Depreendemos de todo o exposto que a unidirecionalidade, como um princípio importante ao fenômeno de gramaticalização, é considerada uma característica básica do processo de mudança, que se realizam em direção única.

Compondo a abordagem dos fenômenos relevantes à nossa pesquisa, a prototipicidade, questão que será tratada no próximo tópico. Esta se desdobra sobre a natureza primária das categorias, sendo, geralmente, considerada em análises quando o fenômeno trata da recategorização de um item.

#### **2.2.4. Prototipicidade**

Aristóteles, baseado em um pensamento objetivista, acreditava ser possível compreender o mundo através de nosso pensamento lógico, na intenção de deflagrar a essência das coisas e falar corretamente sobre elas.

Essa concepção de mundo condiz, por exemplo, com o ato de nomear coisas, onde é traçado um perfil para que o objeto seja diferenciado de outras categorias, de outras denominações.

Nesta perspectiva clássica, Santos (2010) afirma que isso seria possível através da nossa capacidade de distinguir os traços essenciais das coisas e, dessa forma, revelar a qual categoria pertence um elemento.

O referido autor julga como interessante para essa concepção categorial o entendimento de que os traços acidentais das coisas (formas individuais de cada um; ex.: cabelo, cor do olho, altura) não eram importantes às reflexões aristotélicas, mas sim os chamados traços essenciais (formas gerais; ex.: masculino, bípede, dotado da razão), pois eles é que diriam se um elemento pertenceria ou não à determinada categoria, de uma forma dicotomizada (pertence ou não pertence).

Nessa perspectiva, o intuito de Aristóteles era o de afirmar “a essência como algo anterior a própria linguagem. O que competia a nós era entender essa essência *a priori* e deflagrá-la para o conhecimento da verdade” (SANTOS, 2010, p. 02). Essa verdade demarcada no exposto seria um critério determinantemente universal e, associada a tal noção, nossas estruturas lógicas nos capacitariam a entender a essência das coisas. Dessa forma, as categorias seriam então preenchidas por elementos que tivessem todos os traços essenciais e, caso não os tivessem, não seriam mais pertencentes a tal categoria.

Outros autores repensaram a questão da formulação clássica das categorias. Um bom exemplo é Wittgenstein (1953), não acreditando nas categorias “fechadas” da perspectiva aristotélica, propõe que existam “semelhanças por familiaridade”, na defesa de que não existem traços idênticos compartilhados pelos elementos dentro de uma mesma categoria. Para Santos (2010), o filósofo nos convida a começarmos a analisar o uso que fazemos da linguagem para retratarmos essas referidas categorias.

Na retificação das propostas clássicas, Rosch (1975 *apud* Lima, 2010) transformou a categorização numa questão de pesquisa criando o modelo de protótipo baseado na tese de que, “se no modelo clássico as categorias são definidas somente pelas propriedades que todos os membros da classe possuem, então nenhum membro pode exemplificar a categoria melhor que outro”.

Dessa forma,

o princípio fundamental deste modelo sustenta que as categorias são organizadas em torno de protótipos centrais. Um item é considerado como membro de uma categoria não por se saber que ele possui um determinado atributo ou não, mas por se considerar o quanto as dimensões desse membro se aproximam

das dimensões ideais para ele. Em outras palavras, um exemplo representativo de uma classe seria aquele que compartilhasse com os outros membros da categoria do maior número de características e que, por outro lado, compartilhasse de poucas características (ou nenhuma) com elementos provenientes de fora da classe. (LIMA, 2010, p. 116)

A autora sustenta a hipótese de que em concordância com o modelo de protótipo, conceitos são representados por um grupo de características, e não por suas definições. “Um novo membro é categorizado como um tipo de conceito se é suficientemente similar ao seu protótipo” (LIMA, 2010, p. 117). O agrupamento de conceitos em uma dada categoria se daria, segundo Rosch (1978), não pela alternância dos traços binários, mas pela semelhança com o protótipo, em que o membro condensasse os traços mais característicos da categoria.

O trabalho seminal de Rosch, contributivo às nossas reflexões, foi a pesquisa das cores, chamado “estudo das cores básicas”. Esse estudo evidenciou que as cores têm um foco central primário e nossa percepção cognitiva capta o ponto mais salutar da cor, ou seja, o ponto prototípico.

Lima (2010) nos oferece, como ponto de reflexão, o verde: esta cor tem seu ponto prototípico e as demais tonalidades seriam a sua continuação; por exemplo: verde-água, verde-esmeralda etc. A autora afirma que apesar de sua base biológica, essa pesquisa revela a nossa percepção cognitiva frente aos conceitos e, assim, confirmaria, que categorizamos as coisas baseados em um elemento prototípico dentro de uma categoria. Desse estudo é que se derivou a Teoria dos Protótipos propriamente dita.

Arelada à noção de categorização, a Prototipicidade, herdada da teoria dos protótipos, é geralmente encarada, nas abordagens em Linguística Funcional, como um processo cognitivo, quando categorias são criadas a partir da experiência humana e, nesse domínio linguístico, condiz à semelhança ou identificação que ocorre com termos, sintagmas, formas (e suas partes) reconhecidas e formas armazenadas ou produzidas em contextos de uso.

De acordo com Neves (2013, p. 22), é na admissão da relação entre cognição e gramática que se assenta a noção de protótipo, decorrente da admissão da existência de vaguidade nos limites entre categorias.

Esse processo pode ser verificado dentro dos fenômenos que encerram o princípio da unidirecionalidade, já que tal trajetória é acompanhada por mudanças categoriais, como atesta Pereira (2005, p. 34), ao assegurar que

Na medida em que se gramaticaliza, uma forma vai perdendo características prototípicas de classes primárias e adquirindo traços de classes secundárias, passando por um processo de descategorização que não significa deterioração, já que ela adquire novas funções discursivas.

Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), cada categoria é conceitualizada em termos do representante prototípico, aquele que reúne os traços recorrentes de que se compõe essa categoria. Podemos compreender que as escolhas que legitimam a classificação de uma forma são movidas pelo elemento que exemplifica o protótipo. Ou seja, na medida em que os outros elementos são classificados, são consideradas características mais próximas e as mais distantes em relação ao modelo, ou exemplar, prototípico, respaldadas pela noção de similaridade, que considera outros fatores, como a ação da analogia e a interpretação metafórica com redefinição de sentidos (NEVES, 2013, p. 23).

Subsequentemente, abordaremos a marcação, no *hall* dos princípios importantes à concepção de gramaticização.

### **2.2.5. Marcação**

A marcação é um princípio que se estabelece na relação entre formas concorrentes, propondo a existência de formas marcadas em oposição a formas não marcadas, ou mais ou menos marcadas, sem implicar, restritamente, às questões de uso, mas em descrever os fenômenos linguísticos, em sentido *lato*. (Cf. MARTELOTTA, 2010, p. 146)

Outros autores acreditam que tal conceito corresponde à noção de “valor linguístico”, sugerida por Saussure (FURTADO DA CUNHA, BISPO & SILVA, 2013, p. 24), nas distinções binárias entre pares contrastivos. Já Givon (1990) formula três critérios para o estabelecimento de categorias (não)marcadas: i) complexidade cognitiva; ii) complexidade estrutural e; iii) distribuição de frequência.

*Complexidade cognitiva:* a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa - em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento – do que a não marcada.

*Complexidade estrutural*: a estrutura marcada tende a ser mais complexa ou maior do que sua correspondente não marcada.  
*Distribuição de frequência*: a categoria marcada tende a ser menos frequente nos textos e, assim, cognitivamente mais perceptível do que a categoria correspondente não marcada. (GIVÓN *apud* FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, op. cit, p. 24-25).

Há, ainda, quem prefira ver a marcação numa perspectiva escalar. É o caso de Croft (1990), por acreditar que determinados fenômenos não devem ser encarados dicotomicamente. Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) alargam essa noção, alegando que o determinado princípio se estende a outros fenômenos, como a distinção entre discursos formal e informal (conversação espontânea).

É importante destacar que não é regra que o contraste seja verificado nas categorias linguísticas preexistentes. Esse passo investigativo é atributivo às formas “em ebulição”.

Continuaremos nossas reflexões apresentando a questão da modalidade atrelada às perspectivas dentro da linguística funcional, com base em estudos, diálogos e pressupostos gramaticais.

### 2.3. MODALIZAÇÃO NA PERSPECTIVA FUNCIONAL

Segundo Oliveira (2003, p. 245), “do ponto de vista linguístico, podemos considerar que a modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes”. Em consonância com o exposto, apresentamos uma reflexão de Barros (2012, p. 47), que delimita a modalidade como sendo “uma categoria semântico-pragmática relacionada à forma de envolvimento do enunciador com o que é dito, ou seja, com os estados de coisas descritos”. Dessa forma, a partir de um critério sêmio-lexical verificado nas abordagens de Lyons (1977), a modalidade é definida como “uma forma utilizada pelo falante para expressar sua opinião ou atitude a partir de uma proposição que a sentença expressa ou a situação que a proposição descreve”<sup>7</sup> (cf. LYONS, 1977, p. 436).

---

<sup>7</sup> “A means used by a speaker to express his opinion or attitude towards the proposition that the sentence expresses or the situation that the proposition describes” (LYONS, 1977, p. 436).

Segundo Barros (2012, p. 49), a atitude do falante/escritor quanto ao conteúdo proposicional pode ser expressa através de diversos recursos linguísticos: verbos plenos indicadores de crença ou saber, adjetivos em posição predicativa, verbos auxiliares ou semi-auxiliares, advérbios, substantivos e, ainda, através das categorias gramaticais de tempo/aspecto/mo.

Essa gama de formas, funções, proposições discursivas que são inerentes à modalização, faz com que a tarefa para defini-la seja dificultosa, como assegura Neves (2011), porque não há um consenso entre os diversos estudiosos sobre o tema. Além do mais, a autora ainda lança a provocação calcada na possibilidade de questionar se há enunciados não-modalizados<sup>8</sup>. Assim,

pode-se dizer que, se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não-modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca. (NEVES, 2013, p. 152)

Narrog (2012), em se tratando de modalidade, primeiramente se refere às atitudes do falante, ou seja, faz relação ao componente subjetividade; numa outra ótica, é essa questão entendida em termos de factualidade, atualidade, ou realidade. O autor defende, com base em seus estudos, que a primeira abordagem não é muito significativa, porque os atos dos falantes, especialmente na língua falada, são expressos, no âmbito da sentença, através de uma grande variedade de categorias gramaticais e lexicais<sup>9</sup>.

Palmer (2001) também considera a modalidade/modalização como um tipo de gramaticalização referente às atitudes e opiniões (subjetivas) do falante.

---

<sup>8</sup> Consideramos, pois, a princípio, o que postula Ducrot (1993) como elucidativo sobre a oposição entre objetivo e subjetivo, que se funda, também entre a descrição das coisas e a tomada de posição a respeito dessas coisas. O autor reflete que o aspecto não-modal dos enunciados se origina da descrição das coisas, das informações a propósito delas, da informação objetiva; já o que há de modal na linguagem é relativo às tomadas de posição, às atitudes morais, intelectuais e afetivas expressas ao longo do discurso.

<sup>9</sup> In current linguistics, there are two major approaches to the definition of the modality. One is in term of 'speaker attitudes' or 'subjectivity', and the other in terms of the 'factuality', actuality', or 'reality'. As I have argued at length elsewhere, the first approach is not very meaningful because speakers attitudes, especially in spoken language, are expressed throughout the setence through a great variety of grammatical and lexical categories. (NARROG, 2012, p. 05)

Para ele, as construções linguísticas utilizadas na mobilização da argumentação, no contexto de produção escrita (no nosso caso, de artigos científicos), são elementos produtivos no que se remete à análise da estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala/produção de enunciados, seus participantes e seu contexto discursivo.

Para Ducrot (1993), Narrog (2012) e Palmer (2001), o ponto em comum está na concepção de “atitude” referente à realização do uso da língua. Outros autores (TRAVAGLIA, 1991; OLIVEIRA, 2003) ainda comungam de tal perspectiva, mas o que há de ponto de interseção entre todos os estudos que partem de uma perspectiva tradicional se direciona às noções de “necessidade” e “possibilidade”. Neves (2013, p. 159), justamente por considerar tais categorias importantes na mobilização conceitual que encerra a abordagem em tela, sugere uma interdependência entre elas, para que se resolvam em “subcategorias modais (alética, epistêmica, deôntica, bulomaica, disposicional)”.

Abaixo, elaboramos um quadro que expõe classificações a respeito das modalidades de acordo com alguns dos mais importantes estudos recorridos à área:

**Quadro 02:** Esquema de modalidades em alguns autores.

	<b>Alética</b>	<b>Epistêmica</b>	<b>Deôntica</b>	<b>Bulomaica</b>	<b>Disposicional</b>
Neves (2013)	Ou lógica. Está exclusivamente relacionada com a verdade necessária ou contingente das proposições. Tem relação com o mundo ontológico [...] (p. 159)	Está relacionada com a necessidade e a possibilidade epistêmica, que são expressas pelos próprios contingentes, isto é, dependem de como o mundo é. (p. 160)	Está relacionada com obrigações e permissões. (p. 160)	Ou Volitiva. Diz respeito à necessidade e à possibilidade relacionadas ao desejo do falante (no fundo, uma necessidade deôntica). (p. 160)	Ou habilitativa. Refere-se à disposição, habilitação, capacitação (no fundo, uma possibilidade deôntica). (p. 160)
Oliveira (2003)	acerca da própria noção de verdade	relacionadas com conhecimento e crença temporais	Relacionadas com obrigação e permissão	relacionadas com desejo	<b>Avaliativas e Causais</b> X*
Travaglia (1999)	Referem-se ao fato de o locutor ver a realização da situação, como algo possível, viável. (p. 68)	Comprometimento do falante a respeito do <i>status</i> factual do que ele está dizendo, elas revelam crença do locutor na verdade do que diz no	Têm a ver com a moral, o tratado dos deveres, das normas de conduta (p.68)	<b>Volitivas</b> Originada na vontade, desejo, emotividade, ou em elementos profundos da psique. A volição inclui	<b>Imperativas</b> Encara o que é dito como uma situação sobre cuja realização ele tem controle ou poder. (p. 67)

		momento da enunciação. Certeza e probabilidade. Hipótese e dúvida. (p. 69)		a Optação e a Intenção. (p.68)	
--	--	----------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------	--

**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

\* A autora apenas menciona, mas não apresenta classificação para essas modalidades.

Percebemos que, de acordo com a disposição das classificações, é comum que a maioria dos estudos abordem modalidades aléticas, epistêmicas e deônticas, e os autores, quase numa constante, dialogam com o que subscrevem como classificação. Com base numa leitura mais apurada a respeito dessas classificações, cogitamos a possibilidade, em momento de pesquisa, de que as modalidades, mesmo com seus propósitos classificatórios, avaliativos e discursivo-enunciativos distintos, não devem ser analisadas sem que sejam apreciadas em conjunto no que se refere às intenções discursivo-argumentativas dos gêneros em análise.

Com exceção de Neves, os autores elencados não têm uma inclinação teórica demarcada na linguística funcional. Eles se comprometem a descrever a língua e de certo modo se aproximam no que defendemos como perspectiva teórica. Todos se debruçam sob um determinado uso da língua, seja oral ou escrito, avaliam as atitudes que permeiam a modalização através das intenções dos usuários. Na maioria dos casos, as análises são pautadas no texto escrito, que possibilita a constatação dessas ocorrências, corroborando a defesa de Neves (2013, p. 26) de que seja necessária a inserção da linguística de texto em perspectiva funcional, no que condiz à interpretação dos textos, que “são tidos como unidades de uso – portanto, discursivo-interativas”.

Em diálogo, a noção de que os gêneros são formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas, embora maleáveis e dinâmicas, pois atendem às necessidades comunicativas humanas imediatas que variam a cada comunidade e período de tempo (TAVARES, 2007) corresponde, basicamente, ao que entendemos como produção de intenções e atitudes nos contextos de produção e materialização dos textos. Nossa pesquisa reflete a desenvoltura de mecanismos discursivos-enunciativos na elaboração do texto acadêmico, mais precisamente o artigo científico cujo comprometimento com a produção epistemológica, de acordo com a área de conhecimento, assume aspectos linguísticos passíveis de descrição e de reflexão.

Na compilação teórica em que a normatização gramatical está inserida, a produção de gramáticas, das mais diversas abordagens e perspectivas, radiografa, através da descrição linguística, os processos gramaticais da língua. Pensando nisso, nos debruçamos sobre algumas produções gramaticais da língua portuguesa, com intuito de coletar dessas produções o que há de abordagem em se tratando da temática da modalização.

### **3. ESTUDOS DE MODALIZAÇÃO: REVISÃO DA LITERATURA**

Esta seção se compromete a fazer um apanhado dos trabalhos mais importantes da agenda linguística (funcional) sobre modalidade nas suas mais diferentes interfaces. Concordamos, com muitos autores e estudiosos, que conceituar tal fenômeno é uma tarefa ainda que exprime complexidade, uma vez que o referido “conceito envolve não apenas significado das expressões modalizadas, mas, ainda, a delimitação das noções inscritas no domínio conceptual implicado”. (NEVES, 2013, p. 151)

Na linguística contemporânea, muitas vertentes têm se debruçado por essa questão. O fato é que, como já mencionamos, as reflexões acerca desse fenômeno se desdobram desde a época da filosofia escolástica, com o *dictum* e o *modus* como componentes da construção de enunciados.

A gramática, enquanto elemento que regula os procedimentos que devem ser padronizados em uma língua, deve, nesse contexto, descrever fenômenos que revelam tendências linguístico-pragmáticas o âmbito de produção discursiva. Assim, iniciamos nosso estado de conhecimento a partir de um levantamento sobre o tema/conteúdo/fenômeno gramatical da modalização.

Em relação ao discurso científico, especificamente, ou sobre o divulgado cientificamente, o empenho não é inédito. A semiótica greimasiana se dedicou a investigar trabalhos científicos produzidos na grande área de letras, sobre a modalização nesses escritos, fazendo com que, em perspectiva gerativa, esse estudo fosse o trabalho considerado seminal para área.

A perspectiva greimasiana “parte da hipótese de que é possível lançar mão de estruturas narrativas, tais como foram inferidas do discurso literário, para com elas propor um modelo do discurso científico” (GREIMAS, 1976, p. 08). O mote gerativo para tal perspectiva se dá na imposição da modelagem para realização da modalização, não revelando, factualmente, usos reais da língua.

A Linguística Textual e a Linguística Aplicada também vêm se dedicando a explorar os mecanismos de modalidade através de material que fornecem reflexões de uso real da língua. Ambas, comumente, são exploradas nas reflexões sobre o ensino de língua portuguesa. Estudos como o de Koch (2012) visam informar uma visão panorâmica acerca do tratamento discursivo-argumentativo de textos de diversificados gêneros.

Em “A inter-ação pela linguagem”, Koch (2012, p. 50)) aborda, entre outras questões, os “indicadores modais ou índices de modalidade” enfatizando a questão destes “na construção dos sentidos do discurso”.

Por tratar de situações em que os usos/ escolhas dos alunos revelam problemas de aprendizagem ou internalização linguística, a Linguística aplicada muito vem dialogando com a Linguística Funcionalista, pois a centralização no uso permite intervenções reflexivas sobre os déficits formais dos alunos.

A perspectiva chamada de Interacionismo sócio-discursivo, preconizada por Jean-Paul Bronckart, está inserida nas questões de linguística aplicada,

ultrapassando os limites das temáticas relacionadas ao ensino. Bronckart (2012) elabora um esquema para designar alguns processos textuais onde a modalização está inserida. Este esquema é chamado de “folhado textual”.

Em se tratando de Linguística Funcional, os trabalhos de Neves (1996) e de Castilho e Castilho (1993) revelam-se como os primeiros mais citados nos estudos sobre modalização. Ambos os autores já reelaboraram esses estudos, standardizando suas contribuições à área. Outros importantes nomes também se dedicaram à tal perspectivação. Trataremos a seguir, de forma sistematizada.

Panoramicamente, citamos esses primeiros direcionamentos para situar o propósito deste capítulo. A seguir, apresentaremos importantes estudos, contribuições e publicações importantes no que se refere ao tratamento do fenômeno da modalidade em língua portuguesa.

### 3.1. MODALIZAÇÃO NOS COMPÊNDIOS GRAMÁTICAIS

O tratamento da modalização nas gramáticas do português brasileiro não representa um consenso por parte dos autores. Muitos nem a mencionam como uma representação ou fenômeno gramatical nas materializações da língua.

Mesmo assim, algumas gramáticas<sup>10</sup> com conteúdos que contemplam questões mais próximas das realidades factuais da língua abordam essa questão.

Para a construção desta seção, consultamos dez gramáticas<sup>11</sup> que normalmente circulam nos meios acadêmicos, mas apenas três destas trouxeram – mesmo que de alguma forma sintetizada – questões sobre modalidade na língua portuguesa.

#### 3.1.1. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa

Azeredo (2011), em suas contribuições para a gramática do português, traz, mesmo que de forma tímida, tópicos sobre os processos sintáticos que refletem

---

<sup>10</sup> Nesta seção, tratamos “gramática”, num sentido lato, para designar produtos em que encontram-se publicados descrições dos fenômenos da língua, seja de maneira descritiva, prescritiva, de uso e, normativa.

<sup>11</sup> Gramáticas consultadas: Almeida (1979); Azeredo (2011); Bagno (2011); Bechara (2009); Castilho (2014); Cunha e Cintra (2013); Neves (2011); Perini (2010); Rocha Lima (2008); Said Ali (1966);

situações reais de uso. O bom exemplo é o tratamento da *gramaticalização* (p. 200), na seção correspondente ao período simples – predicção e as categorias do verbo. Como nossa abordagem, ao longo do trabalho, considera a modalização como um fenômeno de gramaticalização, nos chamou atenção a disposição, na mesma seção da gramática, de um tópico intitulado “modalidade, modos do verbo e verbos modais”.

Os apontamentos do autor são iniciados com menções à tradição descritiva decorrente da Idade Média, inspirada na filosofia escolástica, que faz com que reconheçamos os componentes na construção dos enunciados: “*dictum* – aquilo que é objeto da comunicação – e o *modus* – a atitude ou ponto de vista do enunciador relativamente ao objeto de sua comunicação” (AZEREDO, 2011, p. 209).

Para complementar a noção de modalidade que o autor tenta imprimir, sem apresentar tipos/categorias, ele remonta características de alguns verbos e alguns advérbios, para designar atitudes do usuário da língua em atitudes enunciativas/discursivas.

A expressão do *modus* é realizada de várias maneiras. Uma delas consiste em variar a entoação da frase para exprimir certeza, admiração, dúvida, ceticismo etc. Também se pode recorrer a verbos que exprimem atitudes, como *saber*, *duvidar* e *supor*, e advérbios como *talvez*, *sinceramente*, *obviamente* etc. Trata-se do recurso da modalização ou modalidade. (AZEREDO, 2011, p. 209)

A gramática de Azeredo inova na intenção de relatar processos em constante evidência dentro do que se chama de descrição da língua. Entretanto, o autor apresenta exemplos que não têm referências ao que se conhece por situação real do uso. Servem, apenas, para designar situações em que ocorram “permissões” ou “obrigatoriedade”, concluindo sua abordagem do fenômeno, mesmo que *en passant*.

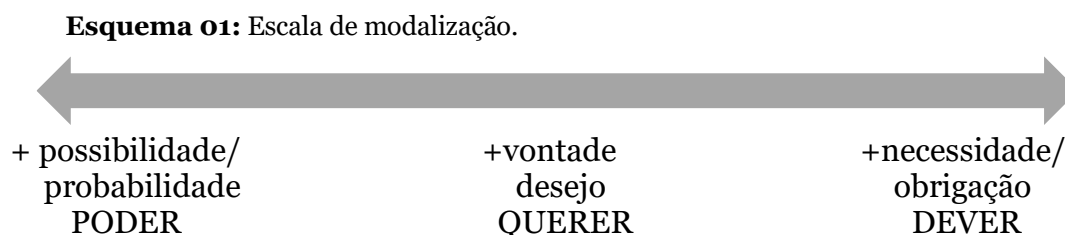
### **3.1.2. Gramática pedagógica do português brasileiro**

A gramática de Bagno (2011) apresenta seções temáticas que tratam de conteúdos gramaticais, oferecendo uma reflexão com base no uso real e sincrônico da língua. Claro que com isso a mudança não deixa de ser enaltecida

e, muitas vezes, são mencionados percursos diacrônicos de algumas categorias gramaticais abordadas.

A questão de modalidade na gramática, pelo que foi percebido, se restringe aos verbos. Não há, por exemplo, menções a respeito dessa articulação com substantivos, adjetivos, ou, no caso mais comum, com advérbios. Bagno (2011, p. 572) apresenta a modalização como fenômeno expresso por um “pequeno número de auxiliares”, dando o exemplo do *poder* como prototípico para o assunto em tela.

O autor apresenta, em sua abordagem, uma “escala” na qual a modalização é exercida por verbos que partem da *possibilidade/probabilidade* até a *necessidade/obrigatoriedade*, tendo como intermediária, nesse processo, a *vontade/desejo*. Transcrevemos, a título de exemplo, o esquema elaborado pelo autor para explicar essa “trajetória”.



**Fonte:** Bagno (2011, p. 572)

A partir do exposto, o autor apresenta as modalidades, seus conceitos e verbos prototípicos:

Com esses verbos, portanto, buscamos conferir ao enunciado uma modalização *epistêmica* – expressando o grau maior ou menor de certeza que se tem do estado de coisas enunciado; uma modalização *volitiva* – expressando vontade ou desejo e; ou *deôntica* – expressando o dever, a obrigação etc. Dessa forma os verbos modais prototípicos são *poder*, *querer*, *dever*. (BAGNO, 2011, p. 572)

Nessa perspectiva da prototipia, Bagno (2011) elabora um quadro com os principais verbos modais, ilustrando com exemplos do projeto NURC<sup>12</sup>,

<sup>12</sup> Projeto NURC (Norma Urbana Culta), iniciado em 1970 e em desenvolvimento até hoje, Investiga as variedades prestigiadas do Português Brasileiro, reunindo dados de cinco capitais brasileiras - São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife - em três tipos de inquérito: (a) diálogo entre dois informantes, (b) elocução formal e (c) diálogo entre informante e documentador.

enaltecendo a produtividade do verbo *poder* nas ocorrências, em dados reais de uso.

### 3.1.3. Gramática de usos do português

A gramática assinada por Neves (2011) não segue a linearidade da alocação de classes de palavras, como notamos nas tradicionais. A proposta, segundo a autora, é constituir uma gramática do uso referencial do português e seu ponto de partida é a “Formação básica das predicções: predicados, argumentos e os satélites”. Levando em consideração o verbo como núcleo da oração e todos os termos que (re)agem em volta dele, o primeiro capítulo aborda questões inerentes ao elemento predicador das orações, no que concerne às análises sintáticas, semânticas e pragmáticas, já que toda observação dos fenômenos referentes a essa classe (ou categoria, nos seus termos) é movida em perspectiva funcional.

A partir da ressalva de que os verbos modalizadores não constituem predicados, a autora (2011) desenvolve sua contribuição sobre essa categoria que aqui colocamos em relevo. É também informado que os verbos modais não têm complementos e que estão enquadrados no subgrupo dos verbos implicativos, cujo envolvimento está na noção de condição necessária e suficiente para determinar se o estado das coisas descrito na oração completiva ocorre ou não.

Segundo Neves (2011), os modalizadores se constroem<sup>13</sup> com outros verbos para modalizar enunciados, *especialmente para indicar modalidade epistêmica* (ligada ao conhecimento) e *deôntica* (ligada ao dever). Com isso, a autora arrola as principais funções desses verbos, no intuito de indicar necessidade e possibilidade epistêmicas, necessidade deôntica (obrigatoriedade) e possibilidade deôntica (permissão).

A autora ainda chama a atenção para aqueles verbos que exprimem a chamada *modalidade habilitativa*, que indicam capacidade, na verdade constituem predicados.

A continuação do conteúdo de modalidade se dá pela abordagem dos substantivos, dentro do *hall* das subclassificações de base morfológica, uma vez que a autora reúne as características de todas as palavras lexicais, nos conjuntos dos substantivos simples, compostos, primitivos e derivados. Neste último,

---

<sup>13</sup> Grifo nosso.

ressalta que a derivação, além de ocorrer a partir de um substantivo ou adjetivo, é verificada a partir de palavras derivadas de verbos.

Ainda nessa perspectiva, os substantivos derivados de verbos podem ser de diversos tipos, dependendo da entidade ligada ao verbo que esteja sendo denominada. Na denominação da *natureza semântica*<sup>14</sup> dos verbos que derivaram substantivos, temos: “nomes de ação; nomes de processo; nomes de estado”. (NEVES, 2011, p. 77)

Entre os nomes de estado, designados pela autora, são incluídos os de modalidade:

- Há **possibilidade** de se venderem lotes premiados durante os julgamentos da mostra. (AGF)
- Sinto **necessidade** de refletir, de medir bem a decisão que vou tomar. (A)
- Há muito se fazia sentir em nossa estrutura econômica a **necessidade** de uma grande indústria alcalina (JK-O)
- Já é mais que tempo para que empreendamos (...) o trabalho de homogeneização da **capacidade** de todos e de cada um. (JK-O) (NEVES, 2011, p. 78)

Outra categoria que diz respeito aos modalizadores, de acordo com a gramática em tela, é a dos Adjetivos. Quando a abordagem se volta à apreciação dos qualificadores, Neves (2011, p. 188) coloca que estes expressam “diversos valores semânticos”, entre eles, o de modalização: i) epistêmica, quando os adjetivos exprimem conhecimento ou opinião do falante, sendo de *certeza* ou de *asseveração*; ii) eventualidade; iii) deôntica, os adjetivos exprimem consideração, por parte do falante, de necessidade por obrigatoriedade;

Concluindo a abordagem da modalidade, a última categoria é a dos Advérbios, cujos modalizadores são enquadrados na subclasse dos modificadores, sendo estes:

- Epistêmicos ou Asseverativos: indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa sobre a asserção:
- Delimitadores ou Circunscritores: delimitam o ponto de vista sob o qual uma asserção pode ser considerada verdadeira:
- Deônticos: apresentam como obrigação uma necessidade:

---

<sup>14</sup> Destaque nosso.

- Afetivas ou Atitudinais: indicam estado de espírito do falante em relação ao conteúdo da asserção:

Para Neves (2011, p. 244), os advérbios modalizadores

compõem uma classe ampla de elementos que têm como característica “básica” expressar alguma intenção do falante na definição da validade, do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística.

Dessa forma, a autora, por julgar importante a questão da modalidade, a retoma em seção específica e trabalha suas tipologias de maneira mais acurada, ratificando os conceitos em relação às modalizações.

A seguir, apresentaremos como se dá a modalização epistêmica, a partir de leituras que indicam sua realização e que dialogam com a nosso direcionamento teórico.

### 3.2. MODALIZAÇÃO E OS ESTUDOS SOBRE O TEXTO

#### **3.2.1. Indicadores modais ou índice de modalidade (KOCH, 2012)**

Em “A inter-ação pela linguagem, Koch (2012) apresenta reflexões sobre a linguística de texto e suas interfaces com questões de discurso, enfatizando as manifestações linguísticas, produzidas por indivíduos concretos em diversificados contextos de produção.

A autora justifica que seu estudo se baseia em sequencias textuais e/ou textos inteiros, como objetivos de estudos na tentativa de abordar a capacidade do ser humano de interagir socialmente por meio da língua.

A obra trata de temáticas diversificadas que vão desde a explanação das teorias da enunciação, atos de fala, atividade verbal; passando por questões a respeito da argumentação: operadores argumentativos, marcadores de

pressuposição e, chegando ao nosso interesse, indicadores modais ou índice de modalidade (p. 50).

Nesta seção, a autora apresenta o conceito de modalidade, mencionando sua origem na retórica clássica e ambientação na semântica moderna, justificando que sua intenção é “apontar os meios linguísticos por meio dos quais as modalidades se apresentam (“lexicalizam”) no discurso” (KOCH, 2012, p. 50).

A autoria não apresenta tipologias para as modalidades, como abordamos em nossa pesquisa, mas retoma os sentidos abordados na lógica: i) necessário/possível; ii) certo/incerto, duvidoso e; iii) obrigatório/facultativo. Enfatiza que um mesmo conteúdo proposicional pode ser veiculado sob modalidades diferentes e que esse recurso da linguagem se lexicaliza por meio de expressões “cristalizadas” do tipo “é +adjetivo”.

Para a concepção ou leitura de textos, Koch (2002, p. 82) traz-nos a reflexão de que é muito comum a existência de modalizadores, de forma implícita, nos textos, e que isso é uma estratégia argumentativa:

A ocultação da modalidade epistêmica, contudo, deixa sempre um traço: a enunciação aí está, o locutor apenas finge esquecê-la para dar a impressão de que seu ato é neutro, de que ele não manifesta nenhuma atitude com relação a ela, de que o valor de seus enunciados é objetivo.

O foco se dá para as construções frasais que devem/são modalizadas e reconhecidas num texto escrito. Para cada situação que exprime modalização, a autora elenca uma série de exemplos que servem de modelagem e ilustração para o aprendiz das questões enaltecidas no tópico em discussão.

### **3.2.2. Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil (TRAVAGLIA, 1991)**

O trabalho de doutoramento de Travaglia se performa como um estudo de linguística textual e análise discursiva do verbo, sob a intenção de evidenciar os usos realizados das formas e categorias verbais e como esses dois aspectos designam generalizações do funcionamento verbal. A partir dessas questões, a tese identifica e explana a contribuição verbal no estabelecimento da

textualidade.

Em seu estudo, a modalidade é abordada dentro de um tópico que segmenta formas e categorias verbais, tida como forma, junto a “tempo” e “aspecto”. Em conceito, o fenômeno é enfrentado como categoria “que reflete a atitude do falante em relação ao que é dito, bem como a atitude de outrem, mas que o falante insere, por alguma razão, no que diz.” (TRAVAGLIA, 1991, p. 66).

As modalidades deôntica, epistêmica e alética, assim como em nosso trabalho, são analisadas, mas outras duas são também abordadas em sua pesquisa: as imperativas e volitivas.

Enfatizamos que este trabalho mapeia as desenvolturas linguísticas que permeiam o ambiente verbal. Nossa pesquisa aborda outros mecanismos que são mobilizados em contextos de produção de modalidade.

Em relação às modalidades que abordamos em pesquisa e que são baseadas nesse estudo, os conceitos apresentados nessa tese encontram-se em confluência teórica com o que explicitamos.

Sobre modalidade deôntica, Travaglia (1991) revela ser aquela que tem a ver com a moral, os deveres, as normas de conduta. A determinação de realização é intrínseca à própria situação; a ênfase é no executar, não no executante. Como exemplos, ele utiliza:

- “**É obrigatório o uso**<sup>15</sup> de crachá nas dependências da fábrica. (obligatoriedade).”.
- “**É permitido fumar**. (permissibilidade).”.
- “**É proibido fumar** neste recinto. (não permissibilidade).”.

Em se tratando de modalidade alética, a abordagem indica que esta tem a ver com o fato de o locutor ver a realização da situação como possível ou viável (possibilidade) ou necessário, essencial, indispensável, inevitável (necessidade). Travaglia (1991), para ilustrar, utiliza, dentre outros, tais exemplos:

- “Infelizmente não posso ajuda-lo neste caso.”. (possibilidade).
- “**É possível tirar** esta mancha?”. (possibilidade).
- “**Eu preciso falar** com seu irmão.”. (necessidade).

---

<sup>15</sup> Destaques do autor.

- “**É necessário estar bem** consigo mesmo.”. (necessidade).

Em relação à modalidade epistêmica, existe a defesa de que esta tem a ver com o comprometimento do falante sobre o status factual do que diz: se ele acredita na verdade, temos a certeza; se ele duvida da verdade, temos a probabilidade, que inclui hipótese e dúvida. Exemplos mostrados:

- “Ela **tem** 30 anos.”. (certeza)

- “**É provável** que José chegue hoje do exterior.”. (probabilidade).

Travaglia (1991) alerta, em seu estudo, que as modalidades se organizam em dois grandes grupos: as que têm a ver com a determinação da realização da situação (imperativas, volitivas e deônticas) e as que têm a ver com a própria realização da situação (epistêmicas e aléticas). Sua pesquisa ainda CITA outras mecanismos em que as modalidades podem ser expressas: verbos performativos, auxiliares modais, predicados do tipo “é + adjetivo”, advérbios, modos e tempos verbais, alguns verbos de atitude proposicional, questões de prosódia alegadas por entoação e, por fim, também se realizam a partir da utilização do sufixo -vel formador de adjetivos.

### **3.2.3. Modalização nos artigos científicos da área de linguística (ANDRADE, 2010)**

Em sua dissertação de mestrado, Andrade (2010) se empenha na investigação de modalidades em artigos da área de Linguística, considerando, primordialmente, que tal fenômeno se realiza como uma estratégia argumentativa no discurso em relevo, e verificando possíveis regularidades entre tipos de modalidade e a superestrutura deste gênero.

O trabalho confirma a hipótese de que as modalidades epistêmicas e aléticas são predominantes no gênero investigado. A pesquisa ainda revela índices de alternância entre questões de possibilidade e incerteza: na parte inicial do artigo, o autores levantam questionamentos acerca da temática abordada e “relativizam suas afirmações para não perder, logo de início, a credibilidade do leitor”. (ANDRADE, 2010, p. 141).

Observa-se, entretando, que nas seções de análise, a intenção do autor é voltada à comprovação da veracidade de suas afirmações. Com isso, lança mão de

mecanismos de modalidade epistêmica de certeza combinada às aléticas de possibilidade “a fim de ganhar a adesão do leitor em relação àquilo que diz”. (idem, p. 142).

A pesquisa conclui que existe certa regularidade entre as modalidades epistêmicas e aléticas, bem como das aléticas combinadas com as deônticas. Estas últimas são mais frequentes nas diferentes partes dos artigos do que as volitivas e imperativas, por exemplo.

### 3.3. A MODALIZAÇÃO PARA O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Considerando o texto como ponto de partida, consideramos válidas as reflexões de Coutinho (2012), que apresenta em seus estudos uma hipótese central no que corresponde às relações entre gramática e texto, defendendo que estas não podem se resumir a uma mera aplicabilidade de fenômenos gramaticais previamente descritos, a serem revistos no nível de análise superior à frase que seria o texto.

Essa prerrogativa fundamenta-se na Linguagem como produto das interações sociais, ou seja, como conduz a reflexão sobre textos a partir do Interacionismo Socio-Discursivo e de seu quadro teórico-metodológico, situado na área da Língua Aplicada.

#### **3.3.1. Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 2012)**

Nessa abordagem, o foco se dá para o contexto e produção de textos/gêneros de textos a partir de atividades comunicativas/interativas respaldadas por mecanismos psi-filo-antropo-linguísticos no tratamento discursivo desses pré-construídos (os textos).

Bronckart (2012), em sua teoria correspondente ao “folhado textual”, visa mostrar como os mecanismos de produção e interpretação das entidades verbais contribuem para a transformação permanente das pessoas agentes e ao mesmo

tempo dos fatos sociais e, nesse diapasão, lança mão de reflexões a respeito do gênero de texto, com base no que a teoria chama de folhado textual.

Nesses termos, o folhado constitui-se como um recurso importante no tratamento do texto/gênero de texto, uma vez que revela direcionamentos analíticos para uma reflexão profunda de aspectos, além de linguísticos, sócio-subjetivos, verificados no contexto de produção a partir das Vozes (marcas de subjetividade) e da Modalização.

Segundo Bronckart (2012, p. 131), “as avaliações formuladas sobre alguns aspectos do conteúdo temático têm sido designadas, na tradição, pelo termo modalização”. Ainda, para o estudioso, o autor de um texto – seja oral ou escrito – é o responsável pela concretização de um texto empírico e quem decide sobre o conteúdo temático a ser semiotizado. Sendo essa “ação de linguagem” empreendida pelo autor, vários recursos da língua natural “em uso” são colocados à disposição para reflexão.

A seguir, apresentamos um quadro com os tipos de modalizações apresentados na teoria bronckartiana para que possamos, à frente, promover um diálogo com o que postula nossa abordagem de pesquisa.

**Quadro 03:** Modalização no ISD.

<b>TIPOS DE MODALIZAÇÕES</b>	<b>PLANIFICAÇÃO CONCEITUAL</b>	<b>MODALIDADES</b>
<b>LÓGICAS</b>	Consistem em julgamento sobre o valor de verdade das proposições enunciadas, que são apresentadas como certas, possíveis, prováveis, improváveis, etc.	Tempos verbais no condicional, advérbios, auxiliares e orações impessoais: É evidente que..., É improvável que..., etc.; certamente, evidentemente
<b>DEÔNTICAS</b>	Avaliam o que é enunciado à luz dos valores sociais, apresentando os fatos enunciados como (socialmente) permitidos, proibidos, necessários, desejáveis, etc.	Tempos verbais no condicional, advérbios, auxiliares e orações impessoais: É preciso que...; É necessário que... etc.; poder, ser obrigado a, dever etc.
<b>APRECIATIVAS</b>	Traduzem um julgamento mais <i>subjetivo</i> , apresentando os fatos enunciados como bons, maus, estranhos, na visão da instância que avalia.	Preferencialmente marcadas por advérbios ou orações adverbiais: felizmente, infelizmente, e lamentável que... etc.
<b>PRAGMÁTICAS</b>	Introduzem um julgamento sobre uma das facetas da responsabilidade de um personagem em relação ao processo de que é agente, principalmente sobre a	Preferencialmente marcadas pelos auxiliares de modo: querer, poder, dever etc.

	capacidade de ação (o poder-fazer), a intenção (o querer-fazer) e as razões (o dever-fazer).	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------	--

**Fonte:** Elaboração própria, com base em Bronckart (2012, p. 132).

O quadro acima apresentado não aprecia a modalização epistêmica, como é verificado em outras abordagens. O que há de mais próximo desse tipo de modalidade, se realiza a partir de construções com auxiliares modais verificados nas modalidades lógicas e pragmáticas. O enquadramento pragmático celebra a enunciação epistêmica sob auxílio dos mecanismos linguísticos que possibilitam sua realização.

Consideramos, ainda, no eixo das discussões, questões atreladas à capacidade de ação de linguagem, situando os aspectos que englobam o conteúdo temático e a representação do gênero textual, constituindo a base de orientação da produção de todo e qualquer texto, a balizar todas as escolhas discursivas e linguístico-discursivas para a materialização empírica da ação de linguagem (LEITE, 2012).

Leite (2012) reflete, nesse contexto, sobre o desenvolvimento das capacidades discursivas, como nível que engloba uma série de elementos (tipos de discurso e sua articulação, sequências e outras formas de planificação e plano geral) que corresponde à camada mais profunda da arquitetura textual descrita por Bronckart (2012).

Esse tratamento em relação à produção de gênero de texto envolve uma série de atitudes de locução manifestadas pela interface entre o mundo da pessoa e as coordenadas dos mundos sociais, transcendendo a questão da estruturação sequencial e linear do texto e a organização do conteúdo temático.

Em continuidade, abordaremos a temática a partir do conceitual estabelecido no construto teórico referente ao funcionalismo linguístico, com intenção de atestar que modalidades, são realizações factuais reais da língua e são produzidas em contextos de interação, na mobilização de discursos, muito dialogando com o que explanamos neste tópico.

#### 3.4. A MODALIZAÇÃO EM TERMOS FUNCIONAIS

Os estudos de modalidade transitam em várias vertentes da linguística, mas no funcionalismo se abriga quando o olhar é voltado para produções factuais da língua, seja no âmbito oral ou escrito.

A intenção de se analisar um *corpus* constituído por usos reais da língua fundamenta o propósito funcionalista que a maioria dos trabalhos sobre modalização, nessa perspectiva, recorre. Nesta seção, apontaremos, em ordem, os estudos mais importantes produzidos acerca desta temática.

### **3.4.1. Imprimir marcas do discurso no enunciado. Ou: A modalização na linguagem (NEVES, 2013)**

O livro intitulado “Texto em gramática” é uma importante produção que reúne “reflexões sobre os processos de constituição de enunciados, dirigindo a atenção para a gramática que organiza as relações, constrói as significações e define os efeitos pragmáticos, eu fazem do texto uma peça em função” (NEVES, 2013, p. 11). A autora revela uma nova possibilidade em analisar os usos reais da língua: o escrito.

Há uma tendência em se investigar as mudanças gramaticais a partir do que é oferecido pelas interações orais, sobretudo na análise multissistêmica funcional da língua.

A predicação ainda é o ponto de concentração mais importantes dentro das análises linguísticas, mas Neves (2013, p. 11) explica que devemos olhar “para o que acontece fora dela”.

Muitos estudos acerca de modalidade verificam a predicação por estarem ainda fixos à ideia de que este fenômeno corresponde a uma tipologia da categoria TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade). A verdade é que este recurso enunciativo-discursivo-argumentativo utiliza-se de diversificados mecanismos linguísticos para sua realização.

Neste capítulo, Neves enfoca que enunciar é modalizar, uma vez que os meios que o usuário (falante) ajusta a modalidade, são os que marcam seus enunciados. Dessa forma, a autora inicia seu estudo apresentando perspetivações sobre a temática relacionadas à “opcionalidade da categoria modalidade nos enunciados” (p. 152); o tratamento lógico (p. 155); as “propostas

de equacionamento da inter-relação entre lógica e linguística no exame da modalização” (p. 157); até chegar propriamente no tratamento das diferentes noções de modalidade, desembocando em suas especificidades em relação às realizações resultantes do uso de verbos, mecanismos e fatores de interpretação, polissemia, entre outros.

Neste estudo, fica evidente que a autora se debruça de forma veemente às questões de modalidade epistêmica. Como foi mencionado, outras tipologias acerca do fenômeno são abordadas.

Em Neves (2013, p. 164), a modalidade epistêmica é estudada relacionadamente à evidencialidade, por envolver-se com a fonte do conhecimento, com a qual o usuário pode não estar comprometido, conforme postulados que pregam a importância de se conhecer a fonte da informação na construção de uma base epistêmica. Para a autora, essa “informação epistêmica” é definida como a qualificação da informação em termos de sua origem ou da própria atitude do falante (crença, dúvida etc.).

A referida modalidade pode, ainda, ser expressada por diferentes meios linguísticos, como verbo, auxiliar modal ou de significação plena; por um advérbio, que ainda pode se associar a um verbo modal; por um adjetivo em posição predicativa; por um substantivo e; pelas próprias categorias gramaticais (tempo, aspecto, modo) do verbo da predicação.

As tipologias, ou categorias de modalidade, de forma geral, utilizadas nessa pesquisa inspiram-se, aliás, são exatamente as que Neves (2013) apresenta neste estudo. Nossa postura enquanto pesquisador, sugeriu, para oferecer mais possibilidades panópticas da questão, que buscássemos outras perspectivas, mas que fossem convergentes com o que é preconizado nesta obra.

### **3.4.2. Modality and subjectivity (NARROG, 2012)**

Basicamente tratado como capítulo “abre-alas”, o capítulo 02 do livro “Modality, subjectivity, and semantic change” reflete sobre especificidades da categoria modalidade e focaliza a modalização epistêmica como sendo a mais produtiva em análises que consideram aspectos procedurais da gramática das línguas.

Para Narrog (2012), modalidade epistêmica (e os modalizadores que as expressam) tem um uso argumentativo na construção dos artigos acadêmicos, nosso objeto, contribuindo para o convencimento e persuasão do receptor do texto quanto às ideias propostas.

As reflexões oriundas deste capítulo direcionam que ao tratarmos de um fenômeno linguístico observado em suporte de produção científica, estamos lidando, também, com a recursividade epistemológica que concerne aos discursos produzidos nesse gênero, uma vez que o propósito comunicativo é o fator que molda o gênero, segundo Swales (1990), determinando sua estrutura interna e impondo limites quanto às possibilidades de ocorrências linguísticas e retóricas.

A modalidade, na perspectiva de Narrog (2012, p. 06), é tida como uma categoria linguística que se refere ao *status* factual da proposição, ou seja, a proposição é modalizada se for marcada para ser indeterminada em relação ao seu *status* factual, em sincronia atual. No passado, essa concepção era repetidamente ligada a conceitos de “subjetividade” e “atitudes de falantes”. É difícil negar uma conexão entre modalidade e subjetividade em linguagem natural, especialmente se os dados do idioma falado forem levados em consideração. Por outro lado, essa conexão por vezes foi mal interpretada como uma associação categórica, ou mesmo como equivalência entre as duas noções. (NARROG, 2012)

Nesse mote cognitivo, Narrog (2012) conceitua modalidade epistêmica referindo-se ao conhecimento de mundo de alguém, tipicamente o do falante. Se a proposição for relacionada com o *world knowledge*<sup>16</sup> desta pessoa, então, o discurso trata, necessariamente, de verdade; Se for compatível com o seu conhecimento, é possivelmente verdade. Para o autor, não há acordo na literatura sobre a forma como a modalidade epistêmica, estreita ou amplamente, deve ser conceituada.

### **3.4.3. Tempo, aspecto e modalidade: estudos de linguística portuguesa (CAMPOS, 1997)**

---

<sup>16</sup> Conhecimento de mundo.

Como indicia o título, o livro de Campos (1997), uma compilação de artigos produzidos pela autora, trata da categoria TAM, tratando de cada uma, sob o destaque de que em muitos casos “a análise dos valores aspectuais é inseparável dos valores temporais, sendo a modalidade passível de um estudo separável, criando, assim, um binômio tempo-aspecto e modalidade” (CAMPOS, 1997, p. 07).

A autora apresenta trabalhos que tratam das questões (iN)perfectivas dos verbos nos âmbitos aspectuais e temporais, tratados sobre enunciação na perspectiva abordada na obra, modalização e referência nominal, e análises sobre alguns “marcadores modais”.

Destacamos o artigo “Para a caracterização do marcador modal *dever*” como elucidativo de algumas questões. Campos (1997, p. 173) aborda que dentre as questões mais controversas que envolvem os estudos de modalidade “é o que diz respeito ao seu estatuto de auxiliaridade”.

A autora revela que as análises realizadas em torno do verbo *dever* podem ser também relacionadas ao verbo *poder*, uma vez que ambos têm um importante papel semântico em relação aos discursos epistêmicos.

Neste estudo, para o verbo *dever*, a autora considera importante a “existência de uma nova localização temporal que permite a interpretação deôntica” (CAMPOS, 1997, p. 175) para que se ao valor subjacente de todas as ocorrências deônticas de *dever*. Já na interpretação epistêmica, coincidem os tempos de validação e o tempo de enunciação.

O artigo é claro quando conclui que o objetivo é separar categorias para que as interpretações sejam claras em relação à verificação de um elemento modalizador.

#### **3.4.4. Advérbios modalizadores (CASTILHO; CASTILHO, 1993)**

Os autores deste capítulo do volume 01 da “Gramática do português falado”, como indicia o título, verifica a modalização a partir dos mecanismos adverbiais, revisitando um seminal trabalho de Ilari e outros, objetivando reavaliar as realizações adverbiais abordadas naquela proposta. Os autores também inserem o trabalho como uma importante investigação dentro da agenda

de pesquisa que origina as compilações intituladas de “gramáticas do português falado”.

O estudo de Castilho e Castilho (1993), como muitos outros, após abordarem todas as tipologias de modalidade, se volta para a categoria epistêmica, dada sua produtividade nos eventos linguísticos que envolvem mecanismos adverbiais.

Assim, modalização epistêmica, segundo Castilho e Castilho (1993, p. 222), como indicia o termo, ocorre quando usuário expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição. Esta, na contribuição em tela, se divide em asseverativa (quando o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição), quase-asseverativa (quando o falante considera o conteúdo da proposição quase certo ou como uma hipótese a ser confirmada e, por isso, não se responsabiliza pelo valor de verdade da proposição), e delimitadora (quando são estabelecidos os limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo da proposição).

#### **3.4.5. Construções modais com ter: gramaticalização e variação (BARROS, 2012)**

A tese de Barros (2012), inserida nos ditames da Linguística funcional centrada no uso, de base construcionalista, investiga o uso das construções modais [ter que + infinitivo] e [ter de + infinitivo] realizadas no âmbito do português brasileiro contemporâneo, firmando uma pesquisa pautada em duas perspectivas: na primeira, focalizando a construção [ter que + infinitivo], soberana na modalidade falada, através de um estudo em tempo real de curta duração do tipo tendência, procurando verificar a emergência de novos valores modais para essa perífrase e as diversas propriedades a elas associadas.

A segunda perspectiva da pesquisa focaliza a variação entre as duas construções na modalidade escrita, com o objetivo principal de identificar os contextos de resistência de [ter de + infinitivo]. Para essa análise a autora utilizou uma amostra do discurso jornalístico constituída de textos representativos de diversos gêneros, publicados durante o período de 2000 a 2004.

A pesquisa obteve resultados que comprovam que a construção em destaque é produtiva e passível de ocorrência no domínio epistêmico, dada a constatação de realização em contextos de primeira pessoa, de sujeito [+ humano, + animado], de verbos cognitivos, compreendendo o percurso funcional num cline de significados [-subjetivo] > [+ subjetivo].

Ainda dentro dos resultados desta investigação, há a verificação da correlação, segundo a autora, entre os valores modais das construções com “ter” e os diversos gêneros da mídia jornalística. A pesquisa, por fim, conclui que a construção [ter de + infinitivo] tem alto teor de produtividade em contextos de produção de gêneros mais formais, como os editoriais, por exemplo.

#### **3.4.6. Gênero textual na metodologia de pesquisa em gramaticalização (LOBATO, 2009)**

Lobato (2009), em sua pesquisa, seleciona gêneros textuais para base de *corpora* para investigações diacrônicas da língua. Objetivando demonstrar que diferentes gêneros favorecem determinados usos, fazendo com que torne-se rigorosa a seleção de textos nos estudos acerca de processos de gramaticalização. Dai, a proposta da autora é que os textos selecionados devem pertencer a gêneros funcionalmente equivalentes.

A dissertação fundamenta uma empírica para a verificação do tema proposto, direcionada à gramaticalização dos verbos modais poder, dever e querer, por, diacronicamente, poderem ser observados e hodiernamente vêm produzindo importantes estudos e reflexões a cerca de temáticas confluentes a esta.

O capítulo 04 desta dissertação, intitulado “Os verbos modais poder, dever e querer” é iniciado a partir da exploração do conceito de modalidade, para justificar o alcance mais eficiente dos objetivos comunicativos dos falantes.

O trabalho defende que é por meio da modalização que se expressam as diversas modalidades do sistema discursivo. A modalidade, como abordada nessa pesquisa, é uma categoria gramatical bastante frequente na interação verbal e tem a função de expressar linguisticamente as atitudes humanas em face das proposições emitidas, o que acaba sendo um consenso em relação ao que se expõe como conceito e propósito linguístico do fenômeno.

É interessante destacar o diálogo entre a linguística funcional e a linguística aplicada impresso na dissertação. Para delimitar os horizontes demarcadores de modalidade nos gêneros de texto, a autora escolhe o conceito de modalização abordado por Bronckart (2012) em sua teoria, cruzando com o trabalho de Travaglia (1991).

No tocante aos processos históricos que são demarcados como caros à pesquisa, é selecionada a proposta de Bybee et al. (1994) para descrever as relações diacrônicas entre algumas noções modais. “Por exemplo, o uso de uma forma que originalmente expressa a noção de necessidade pode passar a expressar também obrigação e desejo” (LOBATO, 2009, p. 80). A autora explicita que ambas as formas são noções modais orientadas para o agente. Há Sincronicamente, as diferentes leituras se misturam, cabendo ao contexto o papel de atualizar a sentença da maneira mais adequada a cada situação.

Assim, a modalidade, tratada em toda pesquisa, é tida como o meio pelo qual o falante verbaliza, na sentença, sua atitude em relação ao grau de verdade do próprio enunciado, imprimindo na proposição matizes de necessidade, possibilidade, certeza, dúvida, obrigação, permissão, etc.

A investigação e constatação dos processos de gramaticalização dos referidos verbos foi realizada com base em um *corpus* constituído por quatro gêneros textuais do período contemporâneo e quatro gêneros funcionalmente equivalentes a eles do século XVIII. A autora alega que, no momento da apreciação dos resultados quantitativos, foi observada a influência dos gêneros nas escolhas linguísticas.

A autora conclui que após esse procedimento, para que se tenham dados realmente equilibrados, é essencial que, no momento de seleção de textos para a formação de *corpora* para pesquisas linguísticas desse tipo, sejam controlados os gêneros textuais a que pertencem os textos.

#### **3.4.7. Argumentação em redações escolares: Análise de elementos modalizadores e avaliativos na perspectiva sistêmico-funcional (MIGUEL, 2013)**

A pesquisa de Miguel (2013) observa processos de argumentação em redações escolares de alunos do Ensino Médio da rede pública estadual do Rio de Janeiro, objetivando a investigação de funções modalizadoras a partir do estudo de elementos lexicais e de sequências textuais que se apresentam com valor de julgamento.

A base teórica para este estudo se alinha nas perspectivas da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), com vistas à análise da modalidade (Halliday, 1994; Eggins, 2004; Thompson, 2004), em cruzamento com a Teoria da Avaliatividade (Martin & White, 2005; Hunston & Thompson, 1999, Stubbs, 1996), no tocante à questão do o subsistema de Julgamento. Este aporte foi utilizado para a observação dos regimes de avaliação que os autores das redações assumem e expressam por meio do texto como mensagem.

Miguel (2013), em uma pesquisa qualitativa, selecionou redações de alunos do ensino médio que foram produzidas atendendo dois processos: i) descrição e observação dos elementos lexicogramaticais que auxiliavam as estratégias argumentativas pretendidas pelos alunos e; ii) descrição, observação e interpretação das sequências e progressão argumentativas com base nos elementos de julgamento identificados nas redações.

O capítulo 04, de sua pesquisa, se dedica à abordagem das modalidades enquanto tópico teórico da teoria sistêmico-funcional. Mencionando o período da lógica clássica como ponto de partida para as reflexões dessa categoria, o autor chega aos postulados de Palmer, para justificar a ampliação do “escopo da modalidade” e inclusão, “além do eixo da possibilidade e da necessidade, os conjuntos proposicionais que abarcavam as modalidades epistêmicas (aspectos de crença) e deônticas (aspectos da conduta), essencialmente” (MIGUEL, 2013, p. 38).

Em relação à Modalidade na Linguística Sistêmico-Funcional, Miguel (2013) destaca os estudos de M.A.K. Halliday, que classificam a modalidade como o espaço intermediário entre os níveis positivo e negativo das proposições. Tal proposta sugere que o evento comunicativo se realiza em três campos funcionais diferentes e interativos. O autor enfatiza a proposta de Halliday (1994), que propõe que a modalidade se encontra no campo da metafunção interpessoal já que os aspectos modais dizem respeito às relações de troca entre os interlocutores.

Miguel (2013), a partir das observações detalhadas realizadas em seu estudo, sob auxílio dos dados, concluiu que os textos selecionados apresentam estratégias argumentativas relacionadas aos elementos modalizadores e avaliativos, tais como a polarização e o uso de sequências textuais de julgamento. Assim como os resultados da análise, que apontam também para o que o autor chama de “uma variação na linearidade argumentativa dos textos” (p. 06), como possibilitadora de reflexão sobre as práticas pedagógicas no tocante ao ensino de gêneros argumentativos no contexto escolar.

#### **3.4.8. Modalidade epistêmica e evidencialidade: um exercício de análise funcionalista em textos acadêmicos e em entrevistas com pesquisadores (SANTOS, 2008)**

A proposta de Santos (2008) investiga os efeitos comunicativos produzidos pelas categorias evidencialidade e modalidade epistêmica na fala e na escrita a partir de um *corpus* composto por dez artigos acadêmicos e dez entrevistas orais concedidas pelos autores dos textos escritos mencionados.

Na análise, uma questão nos chama atenção. A autora utiliza como pressuposto teórico-metodológico os estudos sobre a tipologia dos evidenciais em língua portuguesa, que são desenvolvidos por Dall’Aglio-Hattner (2007) e a estrutura da oração em camadas de orientação funcionalista holandesa (DIK 1989, 1997; HENGEVELD 1988, 1989).

A pesquisa leva em consideração que diferentes condições de produção de texto são determinadoras para a mobilização das estratégias linguísticas que são usadas. Dessa forma, nos textos que compõem o *corpus*, procura-se investigar o que se conhece como “indicação da fonte da informação (domínio evidencial)” e a “avaliação que o falante faz sobre o valor de verdade de sua afirmação (domínio modal)” (SANTOS, 2008, p. 70).

Esta dissertação é totalmente pautada na compreensão de que modalidades são categorias textuais-discursivas relevantes no processo de produção de um gênero oral ou escrito. Para isso, a autora já inicia evidenciando na questão da modalidade epistêmica para produção de argumentatividade nos gêneros escritos acadêmicos.

São investigados nessa pesquisa os modalizadores epistêmicos que incidem sobre a predicação e a proposição, uma vez que tem-se a oração como uma estrutura hierárquica constituída por várias camadas.

Assim, o tratamento com os dados a partir de análise constatou que, nos textos acadêmicos, há produtividade de modalizadores epistêmicos no nível da predicação menos marcada do que no nível da proposição, por ocasião dos fatores composicionais do gênero analisado.

Trabalhos como o nosso e o de Santos (2008) têm como primordial a premissa de que o artigo acadêmico deve transparecer objetividade e imparcialidade, mas nesse contexto, as entrevistas orais demonstram uma situação inversa. Nessa modalidade (oral), a produtividade de modalizadores epistêmicos sobre a proposição foi maior, confirmando a hipótese de que discutir e avaliar textos já publicados implica um grau de comprometimento maior por parte do falante.

#### **3.4.9. A categoria modalidade e a (in)determinação de fronteiras (PESSOA, 2014)**

Pessoa (2014), em seu artigo, discute os limites – considerando-os tênues – que se estabelecem entre os tipos de modalidade, uma vez que se torna extremamente difícil dizer onde termina uma e inicia outra.

Trata-se de uma pesquisa em torno da corrente teórica funcionalista, mas trabalha com outras perspectivas da categoria em relevo, postuladas na semântica e na pragmática.

Ao citar Cervoni (1989), a autora justifica que na linguística contemporânea, a problemática das modalidades recuperou seu lugar pelos seguintes fatos: (i) desenvolvimento das pesquisas sobre lógica da linguagem; (ii) interesse na análise a partir da noção de Atos de Fala; e (iii) desenvolvimento da Semiótica.

O trabalho sugere uma confluência teórica a partir dos pontos destacados para a (re)inserção das reflexões linguísticas em torno da produção de modalidade nos discursos orais e escritos.

Destacamos como interessante a abordagem “polissêmica” realizada pela autora. A questão da fluidez categorial é enaltecida quando enfoca que pode relações entre os tipos de modalidade, por exemplo, entre alética e deôntica, uma vez que “uma necessidade lógica determina uma lei moral”, como ressalta a autora. (PESSOA, 2014, p. 01)

A autora destaca “um outro ponto de interseção de fronteiras” (p. 06) como sendo a consideração de que alguns elementos modais não apresentariam o elemento subjetividade. A partir desta questão, para suas reflexões, faz-se mister o reconhecimento de uma nova tipologia em se tratando de modalidade, a dinâmica.

A problemática que envolve a subjetivização da modalidade está inserida nas modulações nocionais a respeito de modalização epistêmica, considerando que uma mesma forma pode ter diferentes interpretações, podendo esta questão ser resolvida a partir da visão de que o contexto é um fator proeminente decisivo para resolução.

#### **3.4.10. A modalidade epistêmica nos discursos políticos (GUIRADELLI *et alli*, 2011)**

O trabalho de Guiradelli *et al.* (2011, p. 353) se propõe a analisar as “as manifestações da modalidade epistêmica na língua portuguesa, especificamente no português escrito do Brasil”, levando em consideração que o recurso de modalização em destaque está relacionado ao comprometimento do falante com a verdade do que se enuncia.

Os autores põem em destaque o caráter não procedural da modalização, por não terem uma relação totalmente restrita às classificações sintáticas, justificando que as escolhas analíticas para as reflexões expostas nesse trabalho, englobarão sintaxe, a semântica e a pragmática, que referenda a perspectiva de âmbito funcional inserida na envergadura teórica do trabalho.

As modalidades têm sido tratadas por diferentes estudiosos de acordo com diversos pontos de vista, ora privilegiando a sintaxe, ora a semântica e ora a pragmática. E têm sido tradicionalmente classificadas segundo o campo semântico no qual se assenta a avaliação feita pelo falante. Ainda que nem sempre essa tipologia

seja consensual, quatro são as modalidades mais frequentemente identificadas nos muitos estudos sobre o tema: modalidades alética, volitiva, deôntica e epistêmica. (GUIRADELLI et alli, 2011, p. 355)

Dessa forma, a pesquisa engloba a perspectiva funcionalista da linguagem, por abarcar, imbrincadamente, aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos em relação à competência comunicativa dos falantes.

Para a análise, os autores constituíram um *corpus* de “discursos políticos”, pronunciados pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, retirados de sites que tratam da temática, em diferentes momentos de seu governo. Os autores justificam a escolha do *corpus* “pelo fato de os discursos políticos assumirem um papel importante na persuasão e também pelo fato de favorecerem o surgimento de valores epistêmicos”. (GUIRADELLI et alli, 2011, p. 354)

O artigo mostra definições e conceitos para a modalidade relaciona-os a alguns pressupostos teóricos a respeito de discurso político; em seguida, analisa efeitos de sentido reproduzidos pelos modalizadores nos discursos selecionados no *corpus* e observa a função que as “manifestações do saber” – categoria analítica - exercem na organização discursiva dos textos analisados.

Por fim, através do que é permitido concluir por intermédio da análise do *corpus*, os autores constataam que os modalizadores epistêmicos são produtivos, enquanto ocorrência, pela determinação das intenções comunicativas do falante.

É característica desta tipologia a necessidade de convencimento e comprometimento do falante em praticamente todos os momentos políticos representados, por conseguinte, é comum que os dados apontem um maior grau de certeza e um menor grau de possibilidade/incerteza na fala do presidente Lula.

#### **4. CONDUÇÃO DA PESQUISA SOBRE MODALIZAÇÃO**

Neste capítulo, como nos indicia o título, apresentaremos os dados obtidos na pesquisa sobre modalidades e seus respectivos instrumentos linguísticos, a partir de informações quantitativas que alicerçarão a discussão qualitativa.

Verificaremos sob quais mecanismos linguísticos a modalização se realiza no gênero artigo acadêmico e, ainda, quais são as estratégias discursivo-argumentativas elaboradas a partir de categorias gramaticais mobilizadas pelos autores e aqui identificadas como elementos de construção persuasiva.

Julgamos importante enquadrar os aspectos observados sob a perspectiva icônica, visto que buscaremos refletir sobre as motivações de uso que se revelam na tessitura textual e se especializam como tendências gramaticais nos aspectos linguísticos do gênero em tela.

##### **4.1. PERCURSO METODOLÓGICO**

Em relação aos primeiros procedimentos da pesquisa, que envolvem, entre outros, a coleta de dados, constituímos uma amostra composta por dez artigos de Engenharia e outros dez de Pedagogia, todos retirados de anais de congressos de

2009 e 2010, respectivamente.

Sobre o tratamento dos textos, na constituição do *corpus*, ainda, lançamos mão do que se conhece por “metodologia de filtragem do *corpus*” (SARDINHA, 2004), uma vez que existem, nos artigos, seções que não são escritos de propriedade do autor: referências, citações diretas, com mais de três linhas e outras informações textuais que são de origens alheias foram retiradas.

Assim, explicamos que a metodologia adotada para realizar esta pesquisa foi de caráter qualitativo e quantitativo, focalizando os aspectos linguísticos (em seu sentido amplo) do gênero artigo acadêmico através de técnica interpretativista, “por representar um método de investigação que revela novas descobertas a partir de processos de uso de linguagem” (MOITA LOPES, 1996, p. 22).

Dessa forma, investigamos os tipos de modalidade que ocorrem no gênero citado, priorizando formas de expressão linguística utilizadas por usuários (autores) no contexto de produção e arquitetura textual. Reiteramos, a partir do objetivo geral desta pesquisa, que é importante refletir se as diferentes áreas (Pedagogia e Engenharia) mobilizam de formas diferenciadas esse recurso discursivo no empenho de autorizar o uso de uma linguagem própria de cada área acadêmica.

Para tanto, utilizamos, a partir do quadro de modalidades elaborado com base em pesquisas profícuas, em relação ao tratamento funcional, categorias, como citadas em nosso capítulo de fundamentação teórica (pág. 40), que demarcam modalidade epistêmica, alética e deôntica, por apresentarem diferentes facetas enunciativas quando expressas por diversificados recursos linguísticos.

Para a observação do fenômeno linguístico estudado, foram desenvolvidas as seguintes etapas:

- a) levantamento e digitação dos trechos em que ocorrem mecanismos linguísticos que expressam a modalidade;
- b) codificação de cada uso a partir de critérios que contemplam variáveis linguísticas, textuais e discursivas;
- c) análise quantitativa das expressões de modalidade estudadas;
- d) interpretação dos resultados obtidos na quantificação dos dados;
- e) análise e descrição dos resultados encontrados.

Em relação à coleta de dados, selecionamos artigos de áreas distintas, humanas e exatas, para aferição dos fenômenos que hipoteticamente demarcamos.

A pesquisa, em sua origem, desde os idos do grupo de pesquisa ESAELP<sup>17</sup>/CNPq/UFRRJ<sup>18</sup>, cuja nossa participação se deu no âmbito da graduação em Letras, selecionou artigos de oito áreas distintas (Engenharia, Pedagogia, Letras, Química, História e Computação).

Inicialmente, as investigações realizadas nos grupos de pesquisas mencionados atestaram que os artigos das áreas de humanas trazem, praticamente, o mesmo perfil, em se tratando de recursos discursivo-enunciativos, nos quais enquadramos o recurso da modalidade. Nos cursos de engenharia também se observa essa característica. Então, nossa intenção em analisar áreas tão distintas, deve-se ao propósito de descrever o comportamento do fenômeno estudado, a modalização, em áreas tecnicamente distanciadas, tentando identificar (retomando objetivos específicos) recursos linguísticos e discursivos que servem aos usuários, quando esses têm objetivos semelhantes (divulgação científica), mas objetos distintos. Especialmente, porque se convencionou que as áreas das chamadas ciências exatas fazem uso de uma linguagem pretensamente mais impessoal, neutra, o que torna importante a análise comparativa entre os dois domínios.

As investigações partiram da reflexão sobre a composição do gênero acadêmico e verificaram a mobilização de elementos linguísticos na construção semântico-enunciativa das modalizações como estratégias discursivo-argumentativas nos textos que correspondem ao gênero.

As áreas de Engenharia e Pedagogia já haviam sido objeto de reflexão através de trabalho de iniciação científica, sob a perspectiva da Linguística textual, que muito dialoga com o Funcionalismo Linguístico. No contexto de nossa inserção como pesquisador no grupo ELMEP<sup>19</sup>/CNPq/UFRRJ, surgiu-nos o interesse em verificar as mesmas áreas, sob o prisma funcional, por entender que os artigos correspondem a produções factuais de uso da língua e, assim, merecem atenção por retratarem tendências atuais em relação à produção escrita

---

<sup>17</sup> Estudos Sociolinguísticos Aplicados ao Ensino de Língua Portuguesa.

<sup>18</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

<sup>19</sup> Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Português.

do gênero em relevo.

Do empreendimento investigativo de que esse trabalho é remanescente, existem amostras de outras quatro áreas (química, computação, letras, história). Por questões de escopo, coletamos 10 artigos para cada área, daí que nossa amostra também é constituída por essa quantidade, porque segue os mesmos parâmetros de quantificação de amostras das demais áreas de conhecimento. Além disso, para os propósitos deste trabalho, esse universo oferece um quantitativo consistente de dados, materializando um panorama funcional do fenômeno em análise.

Assim, quando da organização do *corpus*, no grupo de pesquisa já mencionado, buscamos diversos eventos e deles verificamos as publicações, em anais, de artigos acadêmicos. Coletamos os arquivos em pastas separadas e, inicialmente, utilizamos os *softwares* Adobe Acrobat e *Microsoft Word* para leitura e retirada de partes que não correspondiam ao texto essencialmente produzido pelo autor (citações longas, cabeçalhos, rodapé), partindo para a demarcação de partes do texto que fossem formulações próprias.

O passo seguinte foi estabelecer uma lista de códigos e verificar a elaboração do quadro de modalidades estabelecido dentro dos pressupostos teóricos, para que a leitura e a marcação dos dados fossem respaldadas a partir de critérios preestabelecidos. Para que o manejo com os dados acontecesse de forma mais simplificada, marcamos de amarelo as modalidades que não representavam dúvidas a respeito de suas classificações e, de azul, aquelas que geravam dúvidas. Posteriormente, recorreremos à literatura técnica para que pudéssemos classificar os fenômenos de acordo com suas especificações.

#### **4.1.1. Preparando a análise**

Apresentamos, nesta seção, o que chamamos, por questões técnicas, “grupos de fatores”, mas esta denominação não se compromete com o que preconizam as análises labovianas. Os códigos utilizados nesta pesquisa são resultados de investigação anterior (pesquisas oriundas do ESAELP, ELMEP – CNPq -, PROIC<sup>20</sup>/UFRRJ, de 2009 a 2014) que passaram por diferentes reformulações em relação às definições das variáveis, chegando finalmente a uma

---

<sup>20</sup> Programa de Iniciação Científica.

lista mais completa e confiável.

**Quadro 03:** Códigos utilizados para análise

MODALIDADES		ÁREAS		ITEM/ CONSTRUÇÃO GRAMATICAL	
Deôntico	d	Pedagogia	P	Advérbio	1
Epistêmico/certeza	c	Engenharia	E	Adjetivo	2
Epistêmico/probabilidade	p			Const. com poder	3
Alética/necessidade	a			Const. com dever	4
Alética/possibilidade	n			Verbo no presente	5
Epistêmico/Deôntico	E			Ser + adjetivo	6
Alético/Epistêmico	A			Locução Adverbial	7
Deôntico/Alético	e			Futuro do pretérito	8
				Loc. Verbal com ter	9
				Gerúndio	#
				Subjuntivo	=
				Const. com Permitir	&
				Substantivo	\$
				Outro	o
				Futuro presente	@

**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

Para consideração dos dados quantitativos, fez-se necessário, então, o estabelecimento de códigos que foram colocados em ordem, de acordo a ocorrência de cada evento textual em que apareceu um caso de modalidade, observando a ocorrência de um fator específico, sendo iniciado e marcado pela abertura de parênteses.

A título de fixação conceitual, apresentamos, brevemente, os conceitos de modalidades:

- a) Deônticas: têm a ver com a moral, com o tratado dos deveres e das normas de conduta. Quando revela possibilidade, se cruza com características aléticas:

(4) Segundo Maluf (2003), é necessário apontar o papel do professor na garantia e enriquecimento das brincadeiras como atividades de interação social do mundo infantil. As atividades lúdicas **precisam ter** lugar garantido na educação infantil. Entendemos assim, que o professor tem um papel primordial para que isso aconteça, pois é ele que possibilitará às crianças assimilarem a cultura de forma criativa e participativa.

(PED\_01)

- b) Epistêmicas: revelam crença do locutor na verdade do que diz no momento da enunciação. Apresenta-se caracterizando certeza, probabilidade,

hipótese e dúvida:

(5) Segundo Soares (2001-2002), ao se falar da Educação Física escolar **acredita-se** que ela deverá abarcar todas as formas da cultura corporal – jogos e brincadeiras, esporte, dança, ginástica e lutas – e, ao mesmo tempo abranger todos os alunos.

(PED\_01)

c) Aléticas: referem-se ao fato de o locutor ver a realização da situação, como algo possível, viável. Expressa-se caracterizando necessidade e possibilidade. Ainda pode trazer traços epistêmicos, quando revela probabilidade e dúvida:

[alética de necessidade]

(6) Segundo Debortoli, Linhales e Vago (2001-2002), para a consolidação da Educação Física na educação infantil, **é preciso** uma qualificação permanente dos educadores para que se possa constituir uma ação educativa capaz de identificar e enfrentar os problemas já arrolados, apresentando-se também como estratégia de superação das fragmentações presentes na Educação Física.

(PED\_01)

[alética de possibilidade]

(7) Segundo Debortoli, Linhales e Vago (2001-2002), para a consolidação da Educação Física na educação infantil, é preciso uma qualificação permanente dos educadores para que se **possa constituir** uma ação educativa capaz de identificar e enfrentar os problemas já arrolados, apresentando-se também como estratégia de superação das fragmentações presentes na Educação Física.

(PED\_01)

A partir de nossas observações, percebemos que algumas ocorrências apresentavam uma natureza ambígua, parecendo sobrepor duas modalidades ao mesmo tempo. Por isso, decidimos analisar, separadamente, esses dados.

No exemplo seguinte, a construção *ser + adjetivo* tem ao mesmo tempo

valores de certeza (expresso pelo verbo no futuro do presente) e possibilidade (expresso pelo adjetivo *possível*). Ainda, verificamos no mesmo período, outra ocorrência de modalidade, posta por outro elemento linguístico:

(8) A partir da construção da ATT, **será possível** realizar uma caracterização qualitativa dos RCC para investigar **a possibilidade** de reciclagem.

(ENG\_o8)

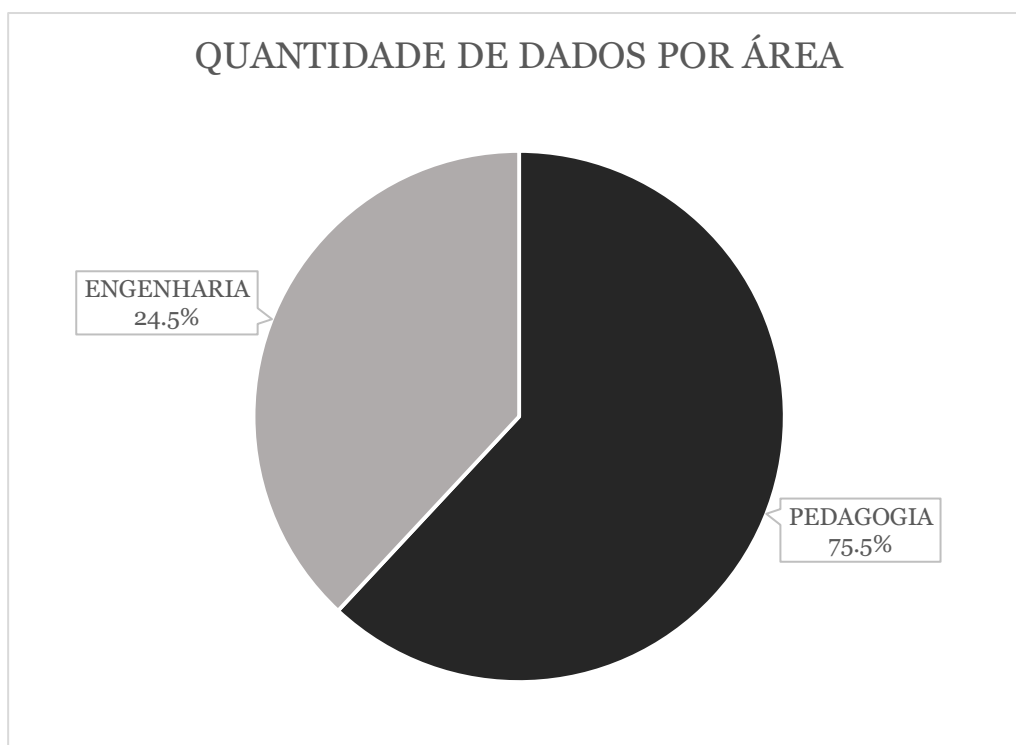
Verificamos que a modalização, na condução discursiva, mobiliza elementos irrestritos que se unem para referendar a intencionalidade textual na construção argumentativa. A partir da análise, perceberemos esse fenômeno de maneira mais clara.

#### 4.2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após o levantamento estatístico dos dados, abrimos a seção apresentando detalhamentos acerca do conteúdo quantitativo obtido, através de tabelas e gráficos que apresentam a porcentagem de dados por área.

Observamos que a maior quantidade de dados encontra-se na área de pedagogia. Podemos depreender que esse fenômeno se revele pelo maior uso dos recursos modais em artigos voltados à área de educação. Nos dados de Pedagogia, verificamos 667 ocorrências de modalidade, enquanto nos de Engenharia, 216.

**Gráfico 1:** Quantidade de dados por área.



**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

Na tabela abaixo, verificamos o detalhamento dos percentuais ilustrados no gráfico anterior, entendendo, principalmente, os grupos de modalidade enquadrados como fatores, na rodada do programa.

**Tabela 01:** Distribuição geral das ocorrências por tipos de modalidade em artigos nas áreas de Pedagogia e Engenharia<sup>21</sup>.

MODALIDADE ÁREAS	MODALIDADE			TOTAL
	EPISTÊMICA	DEÔNICA	ALÉTICA	
PEDAGOGIA	463/667 (69.4%)	164/667 (24.6%)	40/667 (6%)	667/883 (75.5%)
ENGENHARIA	169/216 (78.2%)	12/216 (5.6%)	35/216 (16.2%)	216/883 (24.5%)

<sup>21</sup> Para a rodada de dados estatísticos e um possível cruzamento destes com fatores de investigação, foi cogitada a plena utilização do *Varbrul*. Entretanto, como nossas investigações não se ancoram em perspectivas da sociolinguística variacional, julgamos que menções ao *software* não seriam relevantes para o desenvolvimento da análise.

<b>TOTAL</b>	632/883 (71.6%)	176/883 (19.9%)	75/883 (8.5%)	883/883 (100%)
--------------	--------------------	--------------------	------------------	-------------------

**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

Embora saibamos que a produção acadêmica, em diversas áreas, tem tendências fixadas, com proibições tácitas em relação à condução da composição dos textos de divulgação científica, os discursos, eventualmente, são construídos a partir de especificidades do ato comunicativo (alguns recursos utilizados pelos usuários para asseverar, dar grau de certeza e credibilidade ao seu texto e/ou, até mesmo, fixar a atenção do interlocutor), mesmo que no texto escrito. Estes, muitas vezes, são propósitos necessários, mas a função argumentativa inerente a cada área assume pistas para que possamos refletir se há certa regularidade ou mecanismos próprios, nos artigos, para produção semântico-enunciativa revestida de persuasão.

O fato é que os discursos se realizam de acordo com critérios que já são cristalizados nos meios enunciativos em que são produzidos, por exemplo, ideologia e historicidade discursivas, conferidas às construções linguísticas ligadas ao contexto social onde o texto circula e/ou é produzido.

O que defendemos é que, na escrita, quando se lança mão de mecanismos de modalidade, há vários elementos que legitimam as escolhas do usuário/escritor. Nossa pesquisa verifica, justamente, como as áreas de conhecimento influenciam os usos das modalizações em seus produtos linguísticos escritos, especificamente, os artigos acadêmicos de produção científica.

Há, de fato, uma subjetividade que cerca as produções dos artigos. De acordo com a área, existirão mais ou menos elementos de subjetividade ou objetividade inseridos nos mecanismos de argumentação e persuasão. Há, ainda, áreas em que os discursos científicos propõem elementos mais epistêmicos, corroborando, metodologicamente, o comprometimento científico das pesquisas publicadas, outras em que o fator epistemológico surge de uma realidade concreta, refletida, de uma experiência que necessariamente precisa ser exposta e adotada como metodologia para promoção do saber, ciência e aprendizagem.

Cada uma das áreas investigadas nesta pesquisa tem suas idiossincrasias textual-discursivas. Verificamos os resultados apresentados no Gráfico 01, bem

como na Tabela 1, que endossam a diferença em relação às duas áreas de conhecimento no que tange a estratégia de modalidade na escrita acadêmica. Observamos que, dos 883 dados codificados, 75,5% ocorrem, predominantemente, na área de pedagogia, enquanto que 24.5% na área de engenharia.

Percebemos, com isso, que, em relação às estratégias de argumentação, a área de Pedagogia apresenta marcas subjetivas atreladas ao recurso persuasivo de maneira mais acentuada que na área de exatas.

Em ambas as áreas, constatamos a especialização da modalidade epistêmica através da predominância de elementos linguístico-discursivos que referendam este fenômeno no evento enunciativo. De certa forma, já havíamos avaliado que isso aconteceria por ocasião desta modalização ser própria do domínio do conhecimento, do saber/fazer científico, que são inerentes à composição do gênero artigo científico.

Com relação à modalidade deôntica, os dados nos informam sobre sua concentração ser mais encontrada na área de Pedagogia. A maioria dos artigos dessa área aborda uma temática mais ligada a ensino e aprendizagem, muitas vezes a partir de injunções metodológicas, possibilitando a produtividade de expressões alçadas no domínio do dever, da obrigatoriedade, prototípicos desse tipo de modalidade. Em Engenharia, a produtividade está concentrada na descrição sobre o estado de coisas<sup>22</sup>, o que não motiva, de maneira significativa, o uso desse tipo de modalidade. Vejamos como os exemplos (9) e (10) ilustram essa afirmação:

- (9) Com o brinquedo, a professora **deveria saber** onde chegar, o que desenvolver. Assim, o objetivo educacional **deveria ser** o de criar atividades que facilitem à criança tomar consciência de seu corpo e de suas ações.

(PED\_02)

Neste exemplo, o autor expõe sua crença em relação à obrigatoriedade da ação da professora, respaldada pelo uso da forma verbal em futuro do pretérito,

---

<sup>22</sup> “Um estado de coisas indica que algo pode ocorrer em um mundo real ou pode ser criado no mundo mental do falante e do destinatário, é localizado no tempo e no espaço, pode ter uma certa duração, pode ser visto, ouvido ou percebido de alguma maneira”. (SANTOS, 2008, p. 26)

do auxiliar modal, revelando uma modalidade deôntica na primeira enunciação. O segundo período revela certa ambiguidade acerca da classificação da modalidade: muito além do dever, a locução exprime a condição de verdade que o objetivo educacional exerce e, ao mesmo tempo, com significação menos atenuada, o dever desse objetivo.

Para ilustrar uma ocorrência plena da modalização deôntica, o dado abaixo, da área de Engenharia, faz uso da modalidade quando respaldada pela lei, a partir de um trecho da Constituição Federal, em que a questão não está mais voltada para um julgamento particular do autor, como pudemos depreender do último exemplo.

- (10) Por fim, a incidência de Impostos sobre Serviços (ISS) sobre as operações relativas a comercialização de energia elétrica **devem ser consideradas** por força do §3º do Art. 155 da Constituição Federal.

(ENG\_02)

A modalidade alética, como revelam nossos dados, é pouco recorrente, tendo 8.5% do total de dados. Na área de Pedagogia, encontra-se a maior quantidade de ocorrências desse percentual.

- (11)A interação para Vigotsky **pode ser** estendida também para o campo tecnológico, uma vez que as ferramentas possibilitam interagirmos nos comunicando de diversas maneiras virtual como presencialmente.

(PED\_10)

Na recomendação orientada pelo autor do artigo, o conceito presente na teoria de Vigotsky apresenta-se como algo necessário, ou possível, no campo tecnológico. Para isso, é utilizada uma expressão com o modal *poder* para reforçar sua afirmação.

O nível de subjetividade aferido na escrita do autor determina a diferença em relação à quantidade de dados por área. O tema também auxilia na mobilização das modalidades no contexto de escrita acadêmica.

A área de Pedagogia traz, no seu discurso, além de elementos oriundos de seu saber, aspectos volitivos, ligados às experiências dos autores. Isso determina

a utilização dos mecanismos linguísticos e implica, também, no valor modal conferido às suas argumentações.

Na área de Engenharia, a condução da argumentação, além de elementos linguísticos, se utiliza de gráficos, tabelas, quadros, que auxiliam no respaldo persuasivo do qual o texto se intenciona, mais do que na área de Pedagogia, como percebemos em nosso *corpus*. Isso não quer dizer que estes sejam recursos próprios de “exatas”, mas que são mais recorrentes do que em outras áreas.

Podemos observar, na próxima tabela, o quantitativo referente aos tipos de modalidade identificados em cada área investigada. As modalidades Epistêmicas de Certeza revelaram-se como a modalização mais produtiva no gênero produzido em ambas áreas. Nesse tipo de discurso, essa modalidade está diretamente comprometida com o valor de verdade ideacional na produção das argumentações, teses e defesas de pontos de vistas.

**Tabela 02:** Frequência dos tipos de modalidade por área.

QUANTIDADE DOS TIPOS DE MODALIDADE POR ÁREA		
	PEDAGOGIA	ENGENHARIA
ALÉTICA/ NECESSIDADE	7 (0,7%)	5 (1,8%)
ALÉTICA/ POSSIBILIDADE	12 (1,6%)	20 (11,6%)
ALÉTICA/EPISTÊMICA	21 (3,1%)	10 (6,9%)
EPISTÊMICA/ CERTEZA	453 (69%)	160 (72,2%)
EPISTÊMICA/ PROBABILIDADE	1 (0,1%)	1 (0,5%)
EPISTÊMICA/DEÔNICA	9 (1,2%)	8 (1,4%)
DEÔNICA - DEVER/PERMISSIVIDADE	163 (24,3%)	11 (5,1%)
DEÔNICA/ALÉTICA (necessidade)	1 (0,1%)	1 (0,5%)
	<b>TOTAL</b>	
	667 (100%)	216 (100%)

**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

Explicitaremos, a seguir, cada um dos tipos de modalidades expressos na tabela acima, sob auxílio de exemplos retirados do *corpus*.

#### 4.2.1. Aléticos de necessidade

Os aléticos de necessidade, conforme observação dos dados, apresentam-se, frequentemente, através de adjetivos, substantivos, construções [Cop+S.adj],

construções com *dever*, entre outras, na intenção de expressar necessidade em seus enunciados. Vejamos:

- (12) Ao se falar de fins naturais, Chateau considera os aspectos biológicos do ser humano, mas não se pode esquecer que para se formar um cidadão **é preciso** referenciar os fatores sociais e os valores expressos intencionalmente por cada sistema educativo.

(PED\_01)

A construção ser + adjetivo indica necessidade, a partir do que considera o autor referido no exemplo. A modalidade é realizada através de predicação constituída por verbo copulativo<sup>23</sup> e sintagma adjetival (COP+S.Adj), uma estrutura comum em casos de modalidade alética com sentido de necessidade.

Julgamos importante frisar que nos discursos da área de Pedagogia, o uso dessa modalidade, muitas vezes, se relaciona com ações de futuro e mudança de atitudes, através de enunciados próprios de algumas metodologias adotadas nesse campo de saber.

Em Engenharia, quando a argumentação trata de procedimentos experimentais, também verificamos essa “mudança” elementar. Na descrição dos fenômenos, o autor regimenta procedimentos, sendo, nesse contexto, produtivo o uso de locuções verbais com *dever*.

- (13) Estes valores têm influência diretamente no valor da energia produzida, porém pouco significam sob o ponto de vista qualitativo. Neste aspecto, ***deve-se observar*** que a potência  $P_m$  mantém constante em  $P_r$  quando  $x \geq x_f$ .

(ENG\_01)

Neste exemplo, o auxiliar modal *dever* (em estrutura não contígua: a construção é intercalada por partícula apassivadora), sob função discursiva que determina necessidade, é revestido também, de uma semântica procedural, já que

---

<sup>23</sup> Geralmente conhecidos por “verbos de ligação”. Encontram-se em posição entre o sujeito e o predicativo do sujeito e, segundo Azeredo (2011, p. 213), “jamais exprimem ação [...], formam um conjunto limitado de elementos e indicam basicamente diferenças aspectuais no sentido de ‘conceptualização do estado de coisas’”.

o enunciado no qual se encontra acionado trata de procedimento metodológico em relação a experimento.

No gênero artigo, quando o a construção da argumentação muitas vezes se faz de forma impessoal, é comum que construções injuntivas sejam mobilizadas a partir de partícula apassivadora, para indicar a impessoalidade discursiva.

#### 4.2.2. Aléticos de possibilidade

A situação descrita nessa modalidade é tida como algo possível, tendo como marca linguística especializada as locuções verbais com *poder*, o recurso de modalização alética tem esse principal traço que indica possibilidade.

- (14) A Figura 6 apresenta o coeficiente de potência e o coeficiente de torque em função do  $\lambda$ . A curva de  $C_q$  x  $\lambda$  apresenta um trecho reto que ***pode ser*** facilmente modelado.

(ENG\_01)

- (15) Para valores de  $n < 2$ , o valor de  $C_p$  ***pode se tornar*** muito reduzido quando a turbina está operando com velocidades de vento elevadas. No intervalo  $x_{in} \leq x \leq x_r$ , a condição de operação ***pode ser determinada*** fazendo  $T_m = T_c$ .

(ENG\_01)

- (16) Assim, sabendo quais precipitações apresentam semelhanças qualitativas, ***torna-se possível*** submeter águas provenientes de precipitações distintas, porém, com características semelhantes, a diferentes meios filtrantes, ***possibilitando*** a comparação entre as performances dos filtros.

(ENG\_01)

Nos exemplos (14) e (15), encontramos descrição de fenômenos (modelagem e velocidade, respectivamente), mas condicionado à realizações algébricas sugeridas. A locução (PODER+SER), nesse caso de modalidade, explora o sentido de possibilidade que envolve todo discurso empreendido.

Em (16), o excerto apresenta dois modalizadores responsáveis pela

argumentação. Na primeira ocasião, o verbo *tornar*, acompanhado de *possível* (forma nominal de característica adjetival), caracteriza o sentido de possibilidade do mecanismo linguístico, assim como acontece com a forma em gerúndio. Ambos elementos linguísticos se relacionam com sentido de possibilidade conferido ao tipo de modalização em relevo.

#### 4.2.3. Alético/epistêmico

A ocorrência desse tipo de modalidade, nas áreas investigadas, mostra-se pouco representativa em relação à totalidade dos dados. Em Pedagogia, concentra-se sua maior produção. Este recurso utiliza-se de uma ambiguidade modal que une possibilidade ou necessidade a valores de certeza.

- (17) ***Pode-se citar*** as dificuldades de aprendizado, de socialização e a delinquência não como fator central, mas como um problema de personalidade que poderia ser remediado, já que nas séries iniciais a educação tem forte impacto sobre o desenvolvimento cognitivo da criança.

(PED\_o8)

A construção verbal com *poder*, no exemplo acima, transcende o sentido de possibilidade, significando, também, necessidade. O recurso apassivador referenda o teor argumentativo objetivando valor de verdade do conteúdo enunciado.

#### 4.2.4. Epistêmicos de certeza

A argumentação, nessa modalidade, utiliza-se de verbos no presente, no futuro do presente e no futuro do pretérito, no intuito de indicar certeza ou incerteza.

- (18) Entretanto, para que se atendam às metas estabelecidas por tal resolução, ***é imprescindível*** um diagnóstico da atual situação desses resíduos no município.

(ENG\_o8)

No exemplo acima, verificamos a presença de uma construção – verbo ser + adjetivo – que, a partir de nossas observações, assume uma amálgama alética (mostra-se produtiva nessa modalidade), mas o todo discursivo revela a crença do autor referendada pela construção copulativa.

Como os epistêmicos de certeza estão relacionados com a crença do autor, no que pode ser visto o certo ou provável, dentro do campo do saber, a construção utilizada no exemplo acima, reforça o comprometimento do usuário, “através do status factual do que se está dizendo” (TRAVAGLIA, 1999, p. 69), de forma pontual com uma certa verdade incutida no discurso, garantidas pelo conhecimento de mundo do autor do texto.

- (19) Caillois (1967) nos explica que o jogo possui algumas características que são definidas essencialmente como uma atividade: Livre, uma vez que, se o jogador fosse a ela obrigado, o jogo perderia de imediato a sua natureza de diversão atraente e alegre; Delimitada, circunscrita a limites de espaço e tempo rigoroso e previamente estabelecidos; Incerta, pois o seu desenrolar não *pode ser* determinado, nem o resultado ***pode ser*** obtido previamente; Improdutiva, porque não gera nem bens nem riqueza, nem elementos novos de espécie alguma; Regulamentada, pois está sujeita a convenções que suspendem as leis normais e que instauram momentaneamente uma legislação nova, a única que conta; Fictícia, acompanhada de uma consciência específica de uma realidade outra, ou de franca irrealidade em relação à vida normal.

(PED\_01)

Em (18), temos a modalidade epistêmica verificada pela ocorrência da possibilidade associada ao *status* informacional de certeza lançado pelo autor que constrói sua argumentação em torno das características dos jogos no ambiente escolar. Lançando mão de uma construção verbal com *poder*, utiliza-se da negação, uma vez que a argumentação não circula apenas nas afirmações, como bem sabemos e, ainda, tal recurso atesta a veracidade de sua exposição.

As duas ocorrências de construções com *poder* modal + *ser* auxiliar (pleno) revelam verdade, mas com asseveração equidistante, visto que os sentidos de possibilidade e necessidade assumidos pelo modal estão mais

direcionados ao campo da crença.

A asseveração de um discurso se realiza através de

- (20) Esta investigação preliminar **será** útil quando da investigação em escala plena, dada a dificuldade de armazenamento de água pluvial em volume suficiente para que cada precipitação coletada seja submetida à filtração em cada um dos três meios filtrantes distintos.

(ENG\_03)

Constatamos, em análise, que este se trata de um dos raros recursos, verificados em realização de modalização epistêmica, a partir da utilização do verbo no futuro do presente, não revestido, somente, de sentido de necessidade, mas como algo que revela certeza em relação à sua prática no determinado campo do saber.

Apresentamos, a seguir, outra possibilidade de modalidade epistêmica que acarreta sentido na intenção de reforçar a sua regularização no empreendimento da condução argumentativa do enunciado e que, produtivamente, se revela de forma parca no *corpus*.

#### 4.2.5. Epistêmicos de probabilidade

Nesta seção, temos uma modalidade que representa raridade em relação a algumas ocorrências na escrita do gênero investigado. Esta modalização, geralmente, indica chances de algo acontecer ou não, baseada em possibilidade(s).

- (21) Sendo assim, o objetivo educacional da utilização dos brinquedos seria a busca do equilíbrio entre estas duas funções, entretanto, um desequilíbrio entre elas ocasionaria duas situações **prováveis**: perder-se-ia a função lúdica e haveria só ensino ou, o lúdico predominaria havendo apenas “passatempos”, perdendo a ação pedagógica.

(PED\_01)

O autor indica, no texto, o que está considerando provável, ou passível de

realização, no tratamento de atividades lúdicas que utilizam o brinquedo no desenvolvimento de metodologias de ensino na área de Pedagogia.

#### 4.2.6. Epistêmico/deôntico

Esta modalidade é mais uma das que apresentam baixa quantidade de dados no *corpus*. Caracteriza-se por unir valores de certeza a valores de obrigatoriedade ou permissibilidade.

- (22) Quando brincam em aula, geralmente o objetivo é passar o tempo. Porém, o jogo realizado dentro da escola ***deveria ser*** aquele que se inclui em um projeto, que tem objetivos educacionais. Com o brinquedo, a professora *deveria saber* onde chegar, o que desenvolver. Assim, o objetivo educacional *deveria ser* o de criar atividades que facilitem à criança tomar consciência de seu corpo e de suas ações.

(PED\_01)

Neste caso, o exemplo revela três ocorrências nas quais a obrigatoriedade e o efeito de certeza, empreendidos no discurso, são amenizados pela ocorrência do futuro do pretérito do verbo *dever*.

#### 4.2.7. Deônticos – dever/permissibilidade

Nesse campo de modalidade, o aspecto da obrigatoriedade se coaduna ao permissível. A construção verbal com *dever* revela-se produtiva nesse contexto.

- (23) Essa maneira da professora Érica ministrar suas aulas vem de acordo com o que Kishimoto (2006) diz, que nas situações de jogos e brincadeiras, o professor ***deve propor*** às crianças perguntas que agucem sua curiosidade, seu papel será o de orientar as crianças a descobrir todas as possibilidades oferecidas pelos jogos, de pensar juntos, porém respeitando o momento de aprendizagem dos alunos.

(PED\_02)

Em seu relato, o autor aborda a estratégia do professor em conduzir a interação em sala de aula como um dever metodológico, permitido pela observação de uma prática eficaz.

Da locução (DEVER+PROPOR), focamos a predicação permissiva ao sentido que o auxiliar instaura. O tipo de modalidade em questão preconiza, justamente, uma enunciação que produz sentido de dever e/ou permissibilidade.

Textos que tratam de procedimentos metodológicos que devem ser adotados em sala de aula são propensos à realização desta modalidade, pois têm, normalmente, um teor injuntivo.

#### 4.2.8. Deôntico/Alético

Na utilização desta modalidade, o autor acaba por associar valores de obrigatoriedade ou permissibilidade a valores de necessidade ou possibilidade. A realização dessa modalização é, também, considerada rara em termos de ocorrência no *corpus*.

- (24) O E10 é o padrão máximo de mistura (blending cap) atualmente permitido pela agência ambiental americana Environmental Protection Agency – EPA. O Renewable Volume Obligation - RVO, determina o percentual que as refinadoras **devem adicionar**, baseando-se no volume de combustível (gasolina e diesel) produzido por cada empresa nos EUA.

(ENG\_04)

O verbo *dever*, nesse caso, tem valor de necessidade. Observamos que ele se acopla a um valor de obrigatoriedade verificado no contexto, que demonstra um padrão sobre uma conduta técnica de mistura de gasolina e diesel nas refinadoras.

Vimos que as modalidades podem ser organizadas por duas polaridades: primeiro, a que tem a ver com a determinação de realização da proposição (deôntica) e; segundo, as que têm a ver com a própria realização da situação: a crença ou não do usuário na sua verdade (epistêmica) e sua possibilidade ou necessidade (alética). (Cf. TRAVAGLIA, 1999, p. 70)

Expressas por uma gama de elementos linguísticos, as modalidades, no campo das predicções, manifestam-se produtivamente a partir de auxiliares modais, seguidas de predicados copulativos e sintagmas adverbiais. No nível da proposição, é realizada, principalmente, por advérbios.

Dando continuidade às nossas reflexões mediante as observações coletadas dos dados no *corpus*, no próximo capítulo trataremos, analiticamente, dos recursos de modalidade sob a ótica funcionalista.

## 5. ASPECTOS FUNCIONAIS SUBJACENTES À NOÇÃO DE MODALIDADE

A pesquisa funcionalista, que se baseia em elementos linguísticos disponibilizados pela constituição de um *corpus*, objetiva descrever a língua a partir de uma relação icônica entre forma e conteúdo, ou forma e função, considerando que a forma assumida pela estrutura gramatical tem uma relação intrínseca com o sentido empreendido no mecanismo linguístico que desemboca na instituição discursiva de um texto.

O *corpus*, em pesquisa funcionalista, representa o uso real da língua. No nosso caso, o texto escrito, tem comprometimento com a factualidade do que realmente é produzido no contexto acadêmico, com o propósito de divulgação da produção científica.

Muitos pesquisadores, quando consideram o texto escrito como passível de observação de usos reais, propõem um diálogo – válido – das teorias funcionalistas com as de linguística de texto, ou ainda, considerando as relações interacionistas que encerram a produção e análise de um gênero textual, sugerem um olhar sócio-discursivo (por exemplo, o que postula Bronckart, 2012) para essas “matérias-primas”.

Desse modo, apresentaremos esses “diálogos” para reforçar a validade funcional da nossa pesquisa sobre o texto acadêmico, apresentando exemplos oriundos de nosso *corpus* na intenção de ilustrar os fenômenos listados em seções.

### 5.1. DAS RELAÇÕES ICÔNICAS

Como já mencionado, a noção de Iconicidade, como um dos princípios basilares à nossa condução teórica, já se ambienta nos escritos de Aristóteles, nas explanações em que os fatores inerentes à condução da linguagem refletem o pensamento e, por sua vez, estes refletem a realidade impressa no ordenamento das frases.

Dentro dessa elocubração cognitiva, enquadramos a possibilidade de mobilização de diversos recursos linguísticos como sendo os mesmos para designar finalidades comunicativas distintas, onde a modalidade, ou modalização, por assim dizer, é apenas um deles. Assim como muitos meios se usam para o mesmo fim.

Como tratamos de mecanismos linguísticos – e esses se manifestam a partir de constituintes/ formas da linguagem – que representam espécies de conceitualização humana do mundo, nos baseamos nos postulados de Croft (1990), defendendo que, cognitivamente, a estrutura gramatical reflete, de certo modo, a estrutura do conceito que ela expressa.

Essa pesquisa aborda formas de modalidade expressas nos âmbitos alético, deôntico e epistêmico, que mobilizam conteúdos possibilitados pelo empreendimento de verbos, advérbios e adjetivos, por exemplo.

A manipulação dos dados do *corpus* sugere que existem formas que indicam várias funções. A partir disso, cabe-nos refletir como essas formas se enquadram em suas funções de origens, se/como mudam prototipicamente, ou se apresentam tendências inovadoras para a fixação em uma nova função.

Antes de refletirmos sobre o enquadramento dos subprincípios da Iconicidade (nos termos de Givon, 1984) nos contextos de modalidade, é importante esclarecer que julgamos como importante levar em consideração a informação completa nos períodos/textos, uma vez que nesses conteúdos, formas diversas podem ilustrar contextos diversificados nos eventos em que se constroem modalizações.

Observamos a recorrente ocorrência do subprincípio da *proximidade*, ou integração, uma vez que os conceitos mais integrados no plano cognitivo, também

se apresentam com graus elevados em relação à contiguidade estrutural verificada através dos elementos mais próximos aos itens que possibilitam modalização, como muito ocorre em nosso *corpus*, referendando a constituição semântica da proximidade dos mecanismos que favorecem a argumentação (BYBEE, 1994; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013).

Ilustramos abaixo a referida ocorrência:

(25) As formas descritas no plano C ***podem ser*** consideradas fundamentais para a realização do experimento.

(ENG\_10)

(26) Determinação da Percentagem de Vazios Comunicantes: que ***podem ser*** definidos como poros contínuos, ou seja, são vazios que propiciam a percolação de água pelo concreto asfáltico, sendo por este motivo de grande importância.

(ENG\_05)

(27) Com os valores de percolação horizontal e vertical, pôde-se concluir que a água demora mais tempo para penetrar a camada drenante do que para deixá-la, pois a percolação horizontal é mais eficiente, porém, os valores ***podem ser*** considerados bastante eficientes para intensidades de chuva da região, que segundo dados do Simepar, raramente ultrapassam os 100mm/h, ou seja, 0,003cm/s.

(ENG\_03)

(28) Os brinquedos ***podem ser*** compreendidos como objetos que servem para as crianças brincarem, ou seja, um suporte para as brincadeiras.

(PED\_01)

A construção verbal contígua - sem inserção de elemento entre os verbos que a constituem – depende do elemento mais próximo, participio (forma nominal que assume *status* adjetival), para designar a planificação epistêmica do enunciado.

Em se tratando de construções gramaticais, esse fenômeno ainda é passível de verificação, corroborando o que Bybee (1994) defende, por julgar que os elementos de uma cláusula que estão semanticamente juntos, tendem a vir próximos um dos outros. Esse tipo de reflexão, como muitas outras, tende refletir a estreita relação entre diversos mecanismos linguísticos (itens, construções, termos etc.) no nível conceitual.

Dos 229 casos de construções verbais com *poder*, nas duas áreas investigadas, 176 encontravam-se sucedidas de forma nominal verbal, com a mesma função pragmática de complementar a contiguidade estrutural que precede o enunciado modalizado, como demarcamos no exemplo (sublinhado), correspondendo a um percentual de 77% do total geral das ocorrências.

Nesse caso, a simples ocorrência da construção com *poder* não significa fator unívoco para constituição do conteúdo modalizado, uma vez que conteúdo adjetival do particípio complementa, de forma propulsória, o sentido do que está modalizado no enunciado.

Para caracterizarmos o *subprincípio da ordenação linear*, vejamos o exemplo a seguir:

- (29) Entretanto, ***é válido*** afirmar que o autor preocupa-se com a classe proletária, e, seus escritos a partir do cárcere muitas vezes não o permitiram expressar com as palavras que desejasse.

(PED\_04)

Neste dado, verificamos que a construção [COP + SAdj] precede a informação modalizada fazendo com que seja necessária contiguidade com o [SV] sublinhado para conferir *status* de modalização ao enunciado. Toda essa ordenação é responsável pela formatação do conteúdo informacional do período.

Ao tratar sobre educação e seus temas afins, notamos que a mobilização das modalidades funciona como marcas da intenção do falante, como já dito, expressando subjetividade. Numa avaliação análoga, verificamos que quanto maior for a necessidade de demarcar a intenção do falante, mais modalidades – ou modalizadores – vão surgir no decorrer do texto, revelando uma característica própria das estruturas frasais mais longas. Assim, atestamos o *subprincípio da quantidade*, em termos icônicos. Vejamos:

(30) O biodiesel **pode substituir** total ou parcialmente o óleo diesel de petróleo em motores do ciclo diesel, e **pode ser usado** puro ou misturado em diversas proporções (Petrobras, 2010). Como produto, **pode-se dizer** que o biodiesel apresenta as seguintes propriedades em comparação ao óleo diesel comercial:

(ENG\_04)

O exemplo acima corresponde a um excerto de uma parte de desenvolvimento de um artigo da área de engenharia. Verificamos que as duas primeiras ocorrências de modalizadores correspondem à condução enunciativa de modalidade alética, mas que aciona características argumentativas com valores epistêmicos, pois o aspecto imperativo revestido nas sugestões moldadas em torno das construções com *poder*, revelam experiência e crença do ator em relação à verdade (inerente ao campo do saber) do que diz. Na última ocorrência, a modalidade alética assume valor de possibilidade, já que percebemos certa necessidade de se compreender o que é defendido em tese.

As ocorrências dos mecanismos linguísticos que designam essas modalidades atestam, além da produtividade, aspectos de prototipicidade a partir da característica semântica que reveste esses elementos, como dito anteriormente. É certo que os mecanismos descritos não são restritos a um único tipo de modalidade, conforme informações oferecidas pelos dados da pesquisa.

Essas questões atreladas à produtividade dos elementos, ou ainda mesmo da modalidade verificada através da intenção discursiva, serão abordadas na próxima seção, uma vez que merece uma certa atenção no tratamento da organização argumentativa do gênero investigado.

Tanto a literatura quanto a pesquisa mostraram que as modalidades são categorias semânticas que mobilizam classificações a partir de domínios discursivos que indiciam seus tipos. Mesmo assim, faz-se necessária à sua realização enunciativa a associação semântica de alguns elementos linguísticos que se revelam decisivos no enquadramento das ocorrências pragmático-discursivas, como ocorre com qualquer domínio funcional.

Refletimos, a partir disso, sobre quais são os elementos prototípicos referentes às modalidades investigadas nesta pesquisa. Esse tipo de abordagem

sugere que boa parte das análises sejam construídas com o auxílio de dados diacrônicos, mas aqui inferimos que o próprio componente semântico, conferido ao mecanismo linguístico, possa legitimar sentido prototípico.

As estruturas empreendidas para realização da modalização nos sugerem que há elementos linguísticos prototípicos para cada tipo de modalidade. Por exemplo, a modalidade alética que apresenta sentido ligado à situação descrita como algo possível ou necessário se realiza, primariamente, em torno do verbo *poder*, que, analogamente, se desbota para outros tipos de modalizações.

- (31) O biodiesel pode substituir total ou parcialmente o óleo diesel de petróleo em motores do ciclo diesel, e ***pode ser*** usado puro ou misturado em diversas proporções (Petrobras, 2010). Como produto, pode-se dizer que o biodiesel apresenta as seguintes propriedades em comparação ao óleo diesel comercial:

(ENG\_04)

Outros modalizadores competem com o verbo poder. É o caso de construções [cop+S.Adj], substantivos, adjetivos, respectivamente, conforme ilustramos nos exemplos abaixo:

- (32) Contudo, se a educação, sobretudo escolar, pode contribuir para a emancipação, ***é preciso compreender*** como e em que medida isso pode ocorrer, “já que não é todo e qualquer processo educacional que emancipa.” (SOUZA, 2007, p. 32)

(PED\_05)

- (33) Para alcançar a dimensão de ensinante e aprendente requer-se um preparo aprofundado durante o curso de graduação, com aprofundamento teórico e vivências práticas da futura profissão. Contudo, é importante que o aluno-professor tenha clareza da ***necessidade*** da formação continuada para aperfeiçoar-se como profissional e tornar o espaço da sala de aula num ambiente de aprendizagem em vez de ser um lugar de reprodução de saberes fragmentados.

(PED\_03)

- (34) As contribuições e experiências dos professores jovens formados pelo Curso de História – a partir de suas práticas educativas – poderão contribuir para o re-pensar do currículo que é ensinado aos alunos, servindo de parâmetro para as políticas que serão implantadas para aperfeiçoar e promover as melhorias **necessárias** na formação inicial dos professores.

(PED\_03)

Em relação às deônticas, que se desenvolvem a partir de um estatuto moral relacionado ao campo do dever e da obrigatoriedade, se constituem prototipicamente a partir do verbo *dever* e das construções em que este se faz presente.

Ao nos referirmos à modalidade epistêmica, defendemos que essa está relacionada à crença do autor em relação à verdade do que se diz, ou ainda, o que pode ser tomado como certo em relação ao campo do saber, ou provável, de acordo com sua crença.

Se partirmos para a coleta dos elementos linguísticos, baseados unicamente pela classificação dada, é normal que enxerguemos construções com *ser + adjetivo* que, geralmente, têm a função de demarcar veracidade aos fatos descritos nos enunciados. Ou ainda, se a busca exigir elementos de natureza deôntica, a produtividade será em torno de construções com *dever*, visto à classificação da modalidade.

- (35) Em que faixa de velocidade o conteúdo energético se concentra é um parâmetro fundamental no projeto de turbinas eólicas, pois, fora de condições de operação ideais, isto é, com coeficiente de potência variável, a turbina **deve operar** com máximo aproveitamento na faixa de maior densidade energética. Assim sendo, o projeto do sistema eólico depende do tipo de distribuição. **Deve-se observar** que o projeto da turbina eólica também depende de outros parâmetros tais como: o tipo do rotor eólico, o tipo de carga que será acoplada ao eixo do rotor e a velocidade média  $V_m$ .

(ENG\_01)

## 5.2. À GUIA DE MARCAÇÃO E PROTOTIPICIDADE

Além do enquadramento que demos às ocorrências, dentro das modalidades, elencamos outras observações que corroboram os resultados da pesquisa. A produtividade em relação à diversidade de usos de recursos modais utilizados é verificada na área com ocorrência mais subjetiva, que carrega, além de terminologias científicas, volições, relatos, e outras características em relação à planificação discursiva.

Através dos dados, percebemos diversos trechos em que se verificam diferentes usos modais nas duas áreas. Em engenharia, a argumentação é mais concisa, tendo nessa área, a utilização de trechos mais curtos e que representam, diretamente, os recursos de modalidade.

Ainda, identificamos ocorrências de estruturas linguísticas ligadas a mais de um tipo de modalidade. A pesquisa tem revelado que área, modalidade e recursos linguísticos possuem características (não) discretas, no que compete à avaliação deste processo. Por isso, faz-se necessário, segundo postulados de Furtado da Cunha (1999), a observação de parâmetros de gradualidade na análise da marcação, advertindo sobre o risco de tomarmos as categorias observadas a partir de uma ótica meramente binária. Vejamos:

- (36) Este Estatuto, de certo modo, **pode ser** um importante auxílio para os educadores que têm um cotidiano de trabalho marcado pelos inúmeros e complexos problemas sociais, aos quais estão envolvidos crianças e adolescentes.

(PED\_04)

- (37) O ECA, enquanto conjunto de normais jurídico-legais, serve justamente como um instrumento que **pode orientar** professores e funcionários em suas atividades diárias.

(PED\_04)

- (38) Em linhas gerais, **pode-se dizer** que as leis menoristas anteriores ao Estatuto da Criança e do Adolescente foram marcadas por alguns pontos em comum.

(PED\_04)

Para discutirmos a noção de gradualidade aferida pelo princípio da marcação, apresentamos os três exemplos acima. Em (36) destacamos a construção verbal com *poder* como mecanismo modalizador de possibilidade, conceituado, plenamente, como alético por gerar, no plano discursivo, (pragmático) sentido referente a coisas possíveis ou necessárias.

Se de imediato mirarmos a construção verbal com *poder* em (37), corremos o risco de analisá-la sob os parâmetros de uma modalidade alética, devido a prototipicidade do verbo. A planificação discursiva auxilia a compreensão de que o sentido empreendido à perífrase é deôntico, uma vez que o verbo enfraquece a significação de possibilidade e adquire características de dever, obrigatoriedade modalizadas.

Em (38) ainda há construção verbal com *poder*, mas em categoria diferenciada dos exemplos anteriores. Temos um caso de modalidade epistêmica conferida pela certeza do autor constatada por sua experiência sobre o estado da coisa descrita.

Nas modalizações de ordem epistêmica há um entendimento de que esta parte de uma intencionalidade subjacente ao objetivo do enunciador de causar impressão de objetividade, neutralidade e, conseqüentemente, favorecer a veracidade do conteúdo asseverado. Considerar que o sentido transcende às noções de modalidades alética e deôntica corresponde a uma certa *complexidade cognitiva*.

Neste diapasão, julgamos válida a reflexão de Santos (2008), no sentido de colocar que os autores, quando se utilizam dos turnos intencionais mencionados, refletem certa dedicação a um tema, uma vez que estudaram, compararam dados, chegaram a conclusões, e, por isso, a partir da familiaridade com seus estudos, julgam-se competentes para asseverar seus enunciados.

A partir da percepção de que unidades conceituais aléticas e deônticas fornecem acesso ao conceito epistêmico, verificamos a gradiência dos elementos linguísticos que conduzem as modalizações. Essa contigüidade conceitual é o que compreendemos por *metonímia*, fator que oportuniza, cognitivamente, a reanálise das construções com *poder* na modalidade epistêmica.

Com base nisso, é possível afirmar que a manifestação da certeza modalizada, mediante ocorrência do tipo de construção acionada nos exemplos, acontece de forma marcada, uma vez que sua parca ocorrência nos textos,

cognitivamente, é mais perceptível do que as categorias correspondentes não marcadas (alética e deôntica), justificando seu enquadramento ao subprincípio da *distribuição de frequência*.

A determinação da diversidade de mecanismos linguísticos e a sobreposição de valores modais sugerem que a adoção de medidas analíticas não se restrinja a avaliações em que sejam levadas em considerações polaridades restritas das classificações de modalidades, ou seja, é preciso observar a não-discretude das categorias de modalização.

A marcação é, ainda, um princípio ligado à noção de produtividade. Nossa pesquisa, além de atestar os propósitos enunciativos nos discursos acadêmicos, sugere um mapeamento dos recursos linguísticos utilizados para a constituição semântica das modalidades.

As informações que compõem o *corpus* desta investigação, juntamente aos critérios de análise da marcação, nos possibilitou determinar, mediante as motivações que regem o princípio em relevo, aspectos como:

- a) complexidade estrutural

Discursos modalizados moldados pelo empreendimento de diversas construções (construções com verbo poder [constPoder]; construções com verbo dever [constDever]; Construções com verbo ser junto a adjetivo/predicativo [cop+S.adj]; Locução adverbial [S.Prep(adv.)]) utilizam mais formas nos enunciados. Vejamos:

- (39) Este Estatuto, de certo modo, **pode ser** um importante auxílio para os educadores que têm um cotidiano de trabalho marcado pelos inúmeros e complexos problemas sociais, aos quais estão envolvidos crianças e adolescentes.

(PED\_04)

- (40) Estética: Passarelas em que há preocupação com a apresentação estética atraem mais pedestres do que as com mau aspecto. As passarelas mais atraentes usam uma estrutura colorida e leve, contribuindo positivamente para o cenário urbano. **Deve-se considerar** também a visão urbanística do

entorno, escolhendo materiais e um desenho que permitam incorporar a passarela ao conjunto arquitetônico de forma harmônica;

(END\_07)

- (41) O biodiesel é proveniente de gorduras animais ou de óleos vegetais e estes são produtos naturais constituídos por um grupo de compostos orgânicos, os ésteres, que por sua vez são produzidos pela união entre ácidos graxos e um álcool. Ele **pode ser obtido** através de diferentes processos como o craqueamento ou a esterificação, mas a reação mais utilizada é a transesterificação.

(ENG\_04)

No exemplo (39), a utilização da [constPoder] rege a versão de veracidade em que o argumento modalizado explana a certeza do articulista na defesa de seu ponto de vista. A princípio, podemos avaliar a expressão como demarcadora de possibilidade (sob perspectiva alética, por exemplo), mas a experiência do interlocutor escritor com o tratamento da temática referenda uma condição de verdade, em relação ao exposto.

A forma em destaque, de acordo com a quantificação dos dados da pesquisa, mesmo sendo uma estrutura não básica, é não-marcada, correspondendo a 189 ocorrências, caracterizando significativo teor de complexidade estrutural e cognitiva.

Outrossim, destacamos a questão da **contiguidade** da construção. No referido exemplo, dois mecanismos são utilizados na formação perifrástica do item destacado.

Mesmo que tenhamos defendido que as modalizações elaboradas por meio de construções, em suas diversas faces, têm maior complexidade estrutural, ainda existem os mecanismos de modalidade **não contíguos**, que podem aparecer no meio de uma locução/perífrase, como podemos perceber no exemplo (40), sendo estas no *corpus* desta pesquisa, mais complexas e, por conseguinte, mais marcadas, tanto no âmbito estrutural, quanto no cognitivo.

Em (41) temos uma estrutura marcada formada por [constPoder]+[S.adj]. A forma em participio não participa da estrutura da locução, mas é necessária para a compreensão da modalidade que encerra o discurso. Temos uma modalização alética de possibilidade, uma vez que são apresentadas alternativas para realização da ação sugerida na enunciação.

Embora este último exemplo apresente um número maior de formas, consideramos, pela necessidade da vinculação dos itens na planificação dos discursos, uma construção realizada por contiguidade. Ainda, é preciso levar em consideração que este critério acaba, de certa forma, dialogando com o subprincípio da quantidade, em termos de iconicidade.

Ao contrário disso, as modalizações que utilizam-se de itens, ou sintagmas básicos, mobilizam menos forma (Substantivo [S.N (básico)]; formas verbais no subjuntivo [S.V(básico)]; Adjetivos [S. Adj]; gerúndio etc.):

- (42) Estas travessias podem ser em nível (semaforizadas ou não) ou em desnível (passarelas e passagens subterrâneas), sendo que este último tipo de travessia é, **certamente**, a forma mais segura de o pedestre vencer o espaço da rua, pois não há nenhuma possibilidade de conflito com os veículos.

(ENG\_07)

- (43) Neste artigo apresentamos as contribuições dos jogos, brinquedos e brincadeiras como **possível** recurso para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, uma vez que acreditamos que eles podem ajudar o indivíduo a se desenvolver enquanto ser criativo e participante da sociedade, favorecendo o raciocínio, as condutas estéticas, entre outros.

(PED\_01)

Nos exemplos (42) e (43), as modalidades epistêmica e alética, respectivamente, são alicerçadas a partir de sintagmas básicos [S.Adj] e [S. Adv]. São modalidades que mobilizam menos forma e, como aborda o próximo critério de marcação, é menos complexa no tratamento de sua interpretação e até mesmo em relação à sua classificação como tipo de modalização.

Julgamos importante destacar um apontamento de Neves (1996, p. 165) sobre “o fato que muitos meios se usam para os mesmos fins”, ou seja, uma forma pode gerir várias modalidades. O que vai determinar sua classificação é a condução da argumentação e a intencionalidade discursiva.

b) complexidade cognitiva

Como adiantamos, esse critério é responsável por enquadrar formas como sendo menos ou mais complexas em relação a suas interpretações. É fato que boa parte das formas maiores – com maior complexidade estrutural – são mais complexas cognitivamente (com exceção das [constPoder], segundo sugerem os dados da pesquisa) e, as formas com menos complexidade estrutural, são menos complexas cognitivamente, uma vez que demandam menos esforço mental, em relação à sua compreensão e interpretação, ocasionando mais fluidez em relação à atenção e projetando menos tempo de processamento. Para essa compressão, convidamos para uma revisita aos exemplos de (39) a (43).

Disto depreendemos que os exemplos (39), (40) e (41) são menos marcados, nos critérios de estrutura e cognição, até mesmo de frequência, dada a observância da facilidade da mobilização e compreensão da estrutura e a alta frequência dessas formas no *corpus*.

c) índice de frequência.

Nesse contexto, verificamos qual a modalização que usa mais e menos estrutura, bem como a que se revela mais ou menos perceptível, subjetiva e, obviamente, a mais frequente, nos mesmos critérios de quantificação. Pensando nisso, elaboramos o quadro 04 na intenção de quantificar e viabilizar a compreensão da produtividade dos mecanismos linguísticos por tipo de modalidade.

**Quadro 04:** Mecanismos linguísticos por modalidade.

	ALÉTICA	DEÔNTICA	EPISTÊMICA
Verbos no presente*	25	32	55
Construção verbal com <i>poder</i>	60	38	91
Construção verbal com <i>dever</i>	13	45	36

Futuro do presente	10	16	24
Ser + Adjetivo	4	19	41
Advérbio	6	13	33
Futuro do pretérito	1	17	3
Substantivo	3	6	4
Adjetivo	4	10	16
Loc. Adverbial	0	1	4
Subjuntivo	0	2	1
Gerúndio	2	3	1
Construção verbal com <i>permitir</i>	2	3	5
Construção verbal com <i>ter</i>	0	1	3
Pretérito perfeito	0	0	0
Outros	1	2	2
Total:	137	208	313

**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

Notamos, a partir da disposição dos dados, que [constPoder] é a forma mais frequente e perceptível nos exemplos de modalidade em todas as tipologias. Como a modalização epistêmica é a mais produtiva, ela acaba acarretando a maioria dos índices de mecanismos linguísticos para sua elaboração.

Em termos de asseveração, a modalidade epistêmica também apresenta uma relevante ocorrência de estruturas [cop.+S.Adj]. Isso revela, sobretudo, a intenção do escritor em se fazer reconhecido na sua área de conhecimento.

Construções verbais com “poder” e “dever”, têm grandes ocorrências nas modalidades alética e deôntica, respectivamente. As altas frequências em modalizações epistêmicas revelam a especialização dessas construções nesta tipologia.

Os números em relação à frequência de advérbios de modo no *corpus* também despertam certa atenção para todas as tipologias, fazendo com que percebamos a fluidez categorial de tal mecanismo. Na modalidade epistêmica, a maioria dos advérbios de modo, mobilizados na composição argumentativa, indicam certeza e probabilidade em relação ao que se assevera na enunciação.

Destarte, a “soma” dos critérios de marcação, junto às ocorrências verificadas no *corpus* desta pesquisa, possibilita um “resultado” que chamamos de *cline* de marcação da modalização:

**Esquema 02:** *Cline* de marcação da modalização

Modalização A .....	Modalização B .....	Modalização C
Alética	Deôntica	Epistêmica
+ marcada	+ ou – marcada	- marcada

**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

O cline de marcação da modalização (resultante dos dados da pesquisa) impetra a leitura de que a modalidade alética é a menos frequente dentre as ocorrências verificadas no *corpus*. Existe uma explicação de base teórica em relação a esta parca ocorrência. Neves (2013, p. 159) explica que

a modalidade alética é dificilmente detectada nas línguas naturais, já que o comprometimento da modalização alética com a verdade relacionada a mundos possíveis torna pouco claros no discurso comum casos de sentenças que sejam apenas aleticamente modalizadas.

Alguns estudiosos, como Slobin (1980), por exemplo, defendem que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão, ou seja, aquilo que é mais simples se expressa com o mecanismo linguístico menos complexo. Avaliamos que as formas mais marcadas não têm relação direta com a complexidade cognitiva da modalização empreendida. Nesse contexto, a hipótese de que as formas mais complexas são mais frequentes na modalização mais complexa não se aplica.

Todos os quadros, tabelas e esquemas elaborados a partir dos dados (ocorrências) verificados neste trabalho apontam para a modalidade epistêmica como a mais produtiva no gênero investigado. Em termos funcionais, os mecanismos linguísticos, embora por classificação dos tipos de modalização tenham fonte em determinada tipologia, estão se especializando em nova modalidade e assumindo contextos específicos desta.

Por exemplo, em termos categoriais, a modalidade alética indica argumentos de **possibilidade** e **necessidade**, em relação ao que está sendo defendido/descrito pelo articulista. A partir disto, é comum que formas ou construções com os verbos poder e com substantivo necessidade apareçam para

designar a tipologia. Os dados informam (quadro 04) que [constPoder] têm sido produtivas em relação à composição da modalidade epistêmica.

Os dados também atestam que a modalidade deôntica é a intermediária dentro do *cline* de modalização. Os mecanismos que têm formas alvo em categoria epistêmica visitam, ainda, tal modalização. Nesta, seguindo ainda a questão da classificação, os dados nos permitem conjecturar que [constDever] (45 ocorrências) são prototípicas desta modalidade, que se relaciona a atitudes/argumentos revestidos de dever moral e obrigatoriedade.

Sem anunciar, adentramos na questão da prototipicidade como um dos princípios caros à verificação da gramaticalização de itens e construções – no nosso caso, das modalizações.

Os esquemas elaborados para compreensão analítica da marcação no fenômeno que estamos investigando, também estão pertinentes a resultados que indicam aspectos de prototipicidade dos itens coletados no *corpus*.

Antes de tudo, esclarecemos que nossa vertente teórica, ligada a observação dos mecanismos linguísticos, sugere que a função dos mecanismos, em termos de prototipicidade, indique a forma, “na defesa ou no resgate das marcas icônicas” do uso investigado (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 235). Nesse contexto, nossa pesquisa vislumbra análises mais holísticas acerca do fenômeno linguístico, uma vez que tem a modalização/modalidade como uma função que ultrapassa o nocional da categoria TAM<sup>24</sup>, restritamente voltada à predicação. (GONÇALVES, 2015; CAMPOS, 1997)

Considerando o exposto, a análise da Prototipicidade será realizada a partir da constatação de algumas questões critérios:

- (a) Que atributos ou traços são inerentes à modalização de uma maneira universal?
- (b) Qual a modalidade prototípica?
- (c) A modalização é uma categoria fechada em relação aos mecanismos linguísticos que a realiza?
- (d) Existem formas prototípicas para cada tipo de modalização?

A noção propedêutica de modalidade encontra abrigo nas relações entre *dictum* e *modus*, como preconiza a retórica clássica. O nocional mais buscado

---

<sup>24</sup> Tempo, aspecto e modalidade.

refere-se à sua perspectivação semântica que junta à pragmática, insistem e defendem que é um fenômeno garantido pela atitude do falante/escritor.

A literatura em modalidade explana que “necessidade e possibilidade são as noções que se colocam tradicionalmente na base da subtipologização das modalidades” (NEVES, 2013, p. 159). Ou seja, embora estas formas representem categorias/sentidos diferentes, são fluidas, não independentes e são mobilizadas a partir de “subcategorias modais, a saber, alética, deôntica, epistêmica, bulomaica e disposicional<sup>25</sup>.

No pareamento forma x função – que rege nossa envergadura teórica funcional – é laborioso determinar Prototipicidade, compreendida no quesito (b), de um fenômeno, em categoria, tão subjetivo como a modalização. A modalidade tem uma relação direta com o propósito discursivo do usuário (falante ou escritor). Dessa forma, confere-se a esta o *status* de alto teor subjetividade e/ou intersubjetividade tão apontado em literatura específica, como em Lyons (1976), que considera a subjetividade como expressão do agente locucionário, o “*self*”, e este, segundo Dias (2015, p. 130) refere-se aos “papéis sociais e interpessoais que são manifestados no modo identificável socialmente, ou seja, no papel do locutor numa situação de fala”. Para Dias (2015), os graus de subjetividade vão estar atrelados às expressões dos estilos do agente locucionário, bem como às variadas situações conversacionais de que ele faça parte.

Mesmo assim, no critério de universalidade exposto em (a), onde “necessidade e possibilidade” são as noções que ancoram as subcategorias de modalização, a modalidade alética, como fator de observação, se desdobra, justamente, sob as funções de necessidade e possibilidade (como verificamos na seção de descrição dos fenômenos de modalidade, na parte de metodologia desta pesquisa, nas páginas 79 e 80). Dessa forma, consideramos a modalização alética, numa escala de gradiência, como a modalidade fonte (8.5% das ocorrências<sup>26</sup>), , apontando uma direção para a especialização de outras formas em outras tipologias (alvo), como a epistêmica, por exemplo, que se demonstra como a modalidade especializada (71,6% das ocorrências).

---

<sup>25</sup> Nossa pesquisa não compreende as duas últimas categorias de modalidade. Neves (2013, p. 219), em nota (9), questiona se estas são realmente modalidades, já que, segundo ela, há consenso de que a epistêmica, por ser mais abrangente, seja o único tipo de modalização.

<sup>26</sup> Vide Tabela 01.

Em relação aos mecanismos linguísticos que repercutem modalização (c), a disposição dos *types* do quadro 04 (mecanismos linguísticos por modalidade) indicam que a modalização não é uma categoria fechada. A fluidez categorial desse fenômeno é ilustrada pela dinamicidade das formas que são empreendidas nos contextos de enunciação. Nossa pesquisa mapeou 17 mecanismos distintos – formas – modalizadores no gênero textual investigado. Assim, 95% das formas são encontradas em todos os tipos de modalidade.

A partir da verificação das formas linguísticas que atuam nos dados do *corpus*, elaboramos *clines* de prototipicidade para cada categoria.

**Quadro 05:** *Clines* de prototipicidade das modalizações

MODALIZAÇÃO ALÉTICA			
<b>Const. c/poder</b>	<b>Const. c/ dever</b>	<b>Futuro</b>	<b>do</b>
<b>pretérito</b>			
+mais prototípico	+ ou- prototípico	- prototípico	
MODALIZAÇÃO DEONTICA			
<b>Const. c/ dever</b>	<b>Ser + adjetivo</b>	<b>Loc. Adverbial</b>	
+mais prototípico	+ ou- prototípico	- prototípico	
MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA			
<b>Const. c/poder</b>	<b>Advérbio</b>	<b>Subjuntivo</b>	
+mais prototípico	+ ou- prototípico	- prototípico	

**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

De acordo como o que observamos, preliminarmente, no tratamento da modalidade no discurso acadêmico, a mobilização de mecanismos linguísticos não se dá de maneira arbitrária, fixa e autônoma. Existem motivações sêmiopragmáticas que são responsivas para a realização do tipo de modalidade, ligada à intencionalidade discursiva dos usuários.

Abaixo, apresentamos os principais itens/construções linguísticas verificados na mobilização das modalidades nas áreas investigadas.

**Quadro 06:** Mecanismos linguísticos por área.

PEDAGOGIA		ENGENHARIA	
Verbos no presente*	80	Verbos no presente*	32

Construção verbal com <i>poder</i>	128	Construção verbal com <i>poder</i>	61
Construção verbal com <i>dever</i>	53	Construção verbal com <i>dever</i>	41
Futuro do presente	33	Futuro do presente	17
Ser + Adjetivo	45	Ser + Adjetivo	19
Advérbio	37	Advérbio	15
Futuro do pretérito	21	Futuro do pretérito	0
Substantivo	11	Substantivo	2
Adjetivo	27	Adjetivo	3
Loc. Adverbial	5	Loc. Adverbial	0
Subjuntivo	3	Subjuntivo	0
Gerúndio	6	Gerúndio	1
Construção verbal com <i>permitir</i>	1	Construção verbal com <i>permitir</i>	8
Construção verbal com <i>ter</i>	4	Construção verbal com <i>ter</i>	0
Pretérito perfeito	0	Pretérito perfeito	0
Outros	3	Outros	2
<b>Total:</b>	<b>457</b>	<b>Total:</b>	<b>201</b>

**Fonte:** Elaboração própria, 2018.

\* Dessas ocorrências são retirados os verbos *poder*, *dever* e *ser*, uma vez que são analisados a partir de critérios nos quais são verificadas as desenvolvimentos das construções em que aparecem.

A leitura do quadro permite-nos identificar uma significativa ocorrência de modalização possibilitada pelo uso de epistêmicos de certeza nas duas áreas. Isso ocorre devido à predominância de verbos no presente, no futuro do presente, algumas especificidades no tratamento de construções *ser* + *adjetivo* e por advérbios.

Em relação às construções com *poder*, identificamos um dinamismo na mobilização deste recurso em ambas as áreas. O mecanismo se especializa em outras modalidades, se desbotando da categoria alética, onde ainda é muito produtivo, como por exemplo, ocorrências de modalidade epistêmica com valor de probabilidade.

Com isso, atestamos que a construção com verbo *poder* é, qualiquantitativamente, a principal forma de demonstrar possibilidade, seguida pela construção *ser* + *adjetivo*, como em *é possível*. Pelos motivos explicitados na análise do quadro 4, os aléticos de possibilidade mostraram-se os mais comuns

na área de Pedagogia. Em engenharia, os aléticos de possibilidade, mesmo não sendo um uso característico da área, também são importantes quando a argumentação é construída em torno de deveres e obrigações.

Por conseguinte, nos termos de produtividade, temos a modalidade deôntica, seguida das epistêmicas merecendo destaque na área de Pedagogia. Em exemplificação, abordamos que esse recurso discursivo-argumentativo prima por direcionamentos que envolvem metodologias educacionais, nas relações de ensino-aprendizagem que são temáticas próprias do campo de saber em relevo.

Daí, destacamos as construções com *dever* como mecanismo produtivo nesse contexto enunciativo, geralmente relacionadas a uma preocupação, ou melhor, uma responsabilidade com a educação.

Outras considerações que podemos fazer sobre os dados são as aproximações em porcentagem de ocorrências entre cada área em: verbos no futuro do presente; construção *ser* + *adjetivo*; verbos no futuro do pretérito; advérbio; substantivo e locução verbal com *permitir*.

Constatamos, a partir das análises, que os elementos textual e discursivo estão intimamente conectados ao gramatical, apresentando nuances comportamentais responsáveis pela articulação entre diversas informações que compõem o texto. (Cf. SILVA, 2016)

Nossa análise mapeia as modalidades enquanto função, através dos conteúdos linguísticos que se estabelecem como formas possibilitadoras para realização do fenômeno discursivo em relevo. Apresentamos cada modalização, as interfaces classificatórias inerentes à condução linguístico-enunciativas dos discursos, os elementos linguísticos modalizadores que compõem as argumentações, o comportamento dos itens e construções na mobilização das modalidades e o conteúdo funcional verificado nas ocorrências identificadas no *corpus*.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa analisou artigos científicos das áreas de Pedagogia e Engenharia objetivando, em linhas gerais, observar como se realizava a condução discursivo-enunciativa das modalidades na construção dos textos.

Ao atestarmos a recorrência de modalidades em contextos monitorados de escrita de artigos científicos de anais de eventos, o debruçamento sobre o *corpus* possibilitou que fosse mapeada uma gama de elementos linguísticos que são mobilizados como mecanismos de modalização. O índice semântico constatou que algumas dessas estruturas são prototípicas à significação verbal e adequadas à classificação da modalidade.

Com relação à identificação, no discurso escrito, de mecanismos de expressão da modalidade, alética, deôntica e epistêmica, constatamos que algumas estruturas se especializam em alguns casos de modalidade a despeito de continuarem exercendo suas funções primárias. É o caso do verbo *poder* e das construções de que ele participa. Este elemento linguístico ganhou espaço das enunciações modais de ordem epistêmica.

Em se tratando de modalidade epistêmica, verificamos que sua ocorrência é bastante profícua nas áreas investigadas e, a partir disso, podemos concluir que essas áreas parecem estar usando com mais intensidade esse recurso de persuasão, demonstrando envolvimento dos pesquisadores com o que estudam, já que estes expõem discursos relacionados às suas crenças adquiridas a partir do envolvimento com o campo do saber.

Dessa forma, atestamos, com base no que os dados revelam, que há regularidade de uso da modalidade epistêmica. Ao propor sua análise, na parte do desenvolvimento da superestrutura do artigo científico, a intenção do autor é comprovar a veracidade de sua pesquisa, e assim reveste-se de autoridade. Para tanto, utiliza da certeza em grande porcentagem, e ao mesmo tempo, em uma atitude estratégica, deixa transparecer a dúvida, por meio dos advérbios

modalizadores e das modalidades epistêmicas de certeza combinadas às aléticas de possibilidade, a fim de ganhar a adesão do leitor em relação àquilo que diz.

Conseguimos atestar tais ocorrências a partir de princípios funcionalistas que referendam a inserção de nosso trabalho na área. Dialogamos com outros campos de saber linguístico para reforçar que a condução da pesquisa sob critérios funcionais, que leva em consideração interações teóricas e empíricas a partir de um evento pragmático.

Nossa pesquisa constatou que as modalidades epistêmicas têm despertado atenção de diversos estudiosos de várias áreas da linguística. Já que é um fenômeno recorrente na língua, nosso trabalho, fundamentado nos pressupostos do funcionalismo, comprovou que este recurso discursivo se revela frequente nos artigos científicos publicados em anais de eventos.

Consideramos, ainda, outros fatores importantes para determinação dos percursos analíticos desta pesquisa. A investigação dos artigos, nas áreas selecionadas convida-nos a pensar como são construídos alguns aspectos, como conteúdo temático, mobilização do discurso teórico e como o contexto de produção influencia na organização dos mundos discursivos<sup>27</sup>.

O *corpus*, formando por artigos científicos publicados em anais de eventos, é um importante registro de como a escrita acadêmica, no setor de produtividade científica, vem sendo desenvolvida e, dentro de tal prática linguageira, facilita o mapeamento de mecanismos linguístico-discursivos empreendidos em seu contexto de produção.

Verificamos que na área de Pedagogia há certo distanciamento do que se conhece como discurso teórico. É óbvio que, por questões composicionais do gênero, existe uma seção pertinente à organização desse tipo de discurso (geralmente denominada “desenvolvimento”), mas preenchida com as próprias impressões do autor, em detrimento a esquematizações e mobilizações teóricas na defesa de um postulado puramente teórico-epistemológico.

---

<sup>27</sup> Duas questões são caras ao ISD: i) existe uma postura em lidar com o termo discurso o substituindo por “atividade de linguagem” (linguageira), justificada pela utilização do termo “tipos de discurso” para definição dos recursos utilizados pelos interactantes, apresentando brevemente os mundos do narrar e do expor (disjunção e conjunção, respectivamente) e seus desdobramentos tipológicos.

A área de engenharia, como revela nossa pesquisa, traz mais elementos de comprometimento teórico e estabelece uma organização textual do desenvolvimento argumentativo, empreendendo mais elementos teóricos do que a área de pedagogia, para fundamentar as abordagens defendidas.

No tocante aos mundos discursivos, como impetra a teoria bronckartiana, o gênero em tela utiliza-se mais de exposições, uma vez que as composições lidam com divulgação científica de pesquisas acadêmicas.

A presença de elementos modalizadores atestam a ideia de que o discurso teórico também mobiliza mecanismos persuasivos que auxiliam a compreensão, por parte do leitor, do que está sendo defendido na composição do gênero em relevo.

A condução do conteúdo temático é específica de cada área e é responsável pela produção, em larga escala, de material científico correspondente a pesquisas e experiências oriundas de cada campo de saber.

A pesquisa funcionalista também leva em consideração os aspectos sociais de produção dos gêneros textuais – já que estes também são concebidos a partir de eventos interacionais – e como estes se consolidam como formas reais de uso da linguagem. A materialização escrita da língua tem, ao longo dos anos, produzido muitos elementos que merecem reflexão por parte de estudos linguísticos e muitos estudiosos da área, como os citados ao longo deste trabalho, andam se comprometendo com a descrição desses fenômenos que surgem de usos da língua.

Acreditamos que nosso trabalho se insere na agenda de pesquisas que contribuem para descrição da língua portuguesa no sentido de demarcar mecanismos linguísticos utilizados para composição argumentativa e mobilização de modalidades, no gênero artigo científico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 28 ed. São Paulo: Saraiva, 1979.

ANDRADE, Valdete Aparecida. Borges. *Modalização em artigos científicos da área da linguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 2012.

BARROS, Elzimar de C. M. *Construções modais com “ter”*: gramaticalização e variação. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

BYBEE, Joan. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: UCP, 1994.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. *Tempo, aspecto e modalidade: estudos de linguística portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1997.

CASTILHO, Ataliba. Teixeira de.; CASTILHO, Célia Maria. M. de. Advérbios Modalizadores. IN: ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. II: Níveis de Análise Linguística. 2. ed. Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CASTILHO, Ataliba. Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CORACINI, Maria José. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Pontes, 1991.

COSERIU, Eugenio. *Teoria del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1967.

COUTINHO, Maria Antónia. Dos gêneros de texto à gramática. *DELTA*, 28:1, 27-50, 2012.

CROFT, Willian. *Typology and universals*. Cambridge, United Kingdom: CUP, 1990.

CROFT, Willian. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro : Lexikon, 2013.

DU BOIS, John W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 343-365.

DU BOIS, John W. Argument structure. Grammar in use. In: DU BOIS et al. (ed.). *Preferred argument structure: grammar as architecture for function*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

FERRARI, Lílian Vieira. *Modalidade e condicionalidade no português do Brasil*. In: R.V. Castro & P. Barbosa (eds.). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2000. p. 459-476.

FERREIRA, Lúcia. M. *et alli. Uma abordagem pancrônica da sintaxe portuguesa*. In: Gragoatá, n. 9, 2º sem. de 2000, p. 135-154.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. et al. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 5, n. 1, p. 85-111, 1999.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. BISPO, Edvaldo Balduino. SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CESÁRIO, Maria Maura. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro : Mauad X; FAPERJ, 2013.

GEBRUERS, Rudi. Dik's functional grammar: a pilgrimage to Prague? In: DIRVEN, R., FRIED, V. (Ed.) *Functionalism in linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1987. p. 101-134

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, Talmy. *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-linguistic study*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v. I.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Auxiliaridade em construções perifrásticas da cadeia TAM e frequência de uso: dois critérios e um problema. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de. ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015. p. 113-128.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

GONÇALVES, Sebastião Carlos L. LIMA-HERNANDES, Maria Célia. CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos L. LIMA-HERNANDES, Maria Célia. CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66.

GONÇALVES, Sebastião Carlos L. CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos L. LIMA-HERNANDES, Maria Célia. CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 67-90.

GONÇALVES, Sebastião Carlos L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica do discurso científico: da modalidade*. São Paulo: DIFEL/SBPL, 1976.

GUIRADELLI, Lisângela et alli. A modalidade epistêmica nos discursos políticos. *Nucleus*. v.8, n.2, out.2011

HEINE, Bernard. CLAUDI, Ulrike. HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*, Chicago : The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernard. KUTEVA, Tânia. *Language contact and grammatical change*. Cambridge : Cambridge University Press, 2005.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Modalidade em língua portuguesa. In: \_\_\_\_\_. *Temas em antropologia e linguística*. Recife: Bagaço, 2010. p. 209-235.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

HOPPER, Paul. Some recent trends in grammaticalization. *Annual Rev. Anthropological*, n. 25, p. 217-236, 1996.

HOPPER, Paul. The emergent grammar. In: TOMASELLO, Michael. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998. p. 155-175.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 11.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KENEDY, Eduardo ; MARTELOTTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: PARábola, 2015.

KUTEVA, Tania. *Auxiliation*. An enquiry into the nature of grammaticalization. Oxford University Press: New York, 2001.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, Willian. *Principles of linguistic change*. v. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1995.

LEITE, Evandro Gonçalves. A produção de textos em sala de aula: da correção do professor à reescrita do aluno. In: PEREIRA, Regina Celi (Org.) *Nas Trilhas do ISD: práticas de ensino-aprendizagem da escrita*. Campinas: Pontes, 2012. p. 141-177.

LIMA-HERNANDÉS, Maria Célia. *O princípio da iconicidade e sua atuação no português do Brasil*. Disponível em: [http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/mariacelia\\_a13.pdf](http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/mariacelia_a13.pdf). [s.d].

LIMA, Gercina Ângela B. de O. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. *Revista Perspectivas em Ciência da Informação*, v.15, n.2, p.108-122, maio./ago. 2010 108

LOBATO, Laura Camisassa Rodrigues. *Gênero textual na metodologia de pesquisa em gramaticalização*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: PARábola, 2004.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. v. 1.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 139-169.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MIGUEL, Leonardo. *Argumentação em redações escolares: análise de elementos modalizadores e avaliativos na perspectiva sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo : Contexto, 2008.

MOTTA-ROTH , Desiree. HENDGES, Graciela Rabuske. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NARROG, Heiko. *Modality, subjectivity, and semantic change: a cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

NARROG, Heiko. (Inter)subjectification in the domain of modality and mood – concepts and cross-linguistic realities. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalisation*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010. p. 385-429.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Uma visão geral da gramática funcional*. Alfa, São Paulo, v. 38. 1994. p. 109-127

NEVES, M. H. de M. A modalidade. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP - FAPESP, 1996, p. 163-199.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth; SILVA, Camilo Rosa; DA HORA, Dermeval (orgs.). *funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 13-28

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.

OMENA, Nelize Pires de., BRAGA, Maria Luiza. 'A gente' está se gramaticalizando? In: Macedo, A. T. ; RONCARATI, Claudia ; MOLLICA, Maria Cecília (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 75-84, 1996.

OLIVEIRA, Fátima. Modo e modalidade. In: MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 243-272. (Coleção Universitária – série Linguística).

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. ROSÁRIO, Ivo da Costa (ors.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro : Contracapa/FAPERJ, 2003.

PALMER, Frank Robert. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.

PALMER, Frank Robert. *Mood and modality*. 2<sup>nd</sup> edn. New York: Cambridge University Press, 2001. (Cambridge Textbooks in Linguistics).

PEREIRA, Marli Hermenegilda. *Reanálise e gramaticalização de conectores: uma análise em tempo real*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2005.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo : Parábola, 2010.

PESSOA, Nadja Paulino. *A categoria modalidade e a (in)determinação de fronteiras*. In: <dlev.fflch.usp.br>. 2014.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. In: Alfa, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1> > . Acessado em 23. Abr. 2017.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANTOS, Márcia de Freitas. *Modalidade epistêmica e evidencialidade: um exercício de análise funcionalista em textos acadêmicos e em entrevistas com pesquisadores*. Dissertação de Mestrado em Letras. Maringá: UEM, 2008.

SANTOS, Ricardo Yamashita. *Wittgenstein e a teoria dos protótipos sob a ótica da linguística sociocognitiva*. Revista Linguagem, DL/UFSCAR. 14.ed. v.3, 2010.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 34.ed. São Paulo, Cultrix, 2012.

SILVA, Gabriel Liprince de Faria. PEREIRA, Marli Hermenegilda. *Modalidade na escrita acadêmica*. In: Cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 01. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

SILVA, Marcelo Clemente. Gêneros da escrita acadêmica: questões sobre o ensino e aprendizagem. In: REINALDO, Maria Augusta G. MARCUSCHI, Beth. DIONÍSIO, Angela. *Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino*. Recife: EDUFPE, 2012. p. 97-116.

SILVA, Camilo Rosa. *Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. Tese de Doutorado em Letras. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2005.

SILVA, Camilo Rosa. DA HORA, Dermeval (orgs.). *Forma e conteúdo: estudos de sintaxe e semântica do português*. João Pessoa: Ideia, 2016.

SILVA, Camilo Rosa. Mas tem muitos poréns! In: SILVA, Camilo Rosa. DA HORA, Dermeval (orgs.). *Forma e conteúdo: estudos de sintaxe e semântica do português*. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 67-104.

SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolinguística*. São Paulo: EDUSP, 1980.

SWALES, J. M. *Genre Analysis. English in academic and reseach settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 1-65.

TAVARES, Maria Alice. Os conectores *e*, *aí* e *então* na sala de aula. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal : EDUFRN, 2007. p. 87-115.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Meaning-change in the development of grammatical markers. *Language Science* 2, 1980. p. 44-61.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: UNICAMP, 1991.

VOTRE, Sebastião Josué. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

VOTRE, Sebastião Josué et al. *Dicionário básico de Linguística Funcional*. Rio de Janeiro, 1999.

VICENTE, Renata Barbosa. *Mudança gramatical da palavra afinal e sua gramaticalização num contraste entre variedades linguísticas: português do Brasil e de Portugal*. Dissertação de Mestrado. São Paulo : USP, 2009. p. 25.

VILELA, Mário. e KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Coimbra, Portugal: Almedina, 2001.

VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

### **Corpus**

ARAÚJO, Carlos José de (org.). *Anais do VI congresso nacional de engenharia mecânica*. Campina Grande: UFCG, 2010. Disponível em: < <http://www.abcm.org.br/anais/conem/2010/artigos.htm>>.

DEBALD, Blasius Silvano. DEBALD, Fátima Regina. SILVA, Micael Alvino da (orgs.). *Anais do Evento da II Semana Acadêmica de Pedagogia, II Jornada Regional de Educação*. Foz do Iguaçu: Uniamérica, 2009.